

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**BLOGS FOTOJORNALÍSTICOS: OUTRAS NARRATIVAS POSSÍVEIS  
NA CULTURA DIGITAL**

**BEATRIZ SALLET**

São Leopoldo  
2015

BEATRIZ SALLET

**BLOGS FOTOJORNALÍSTICOS: OUTRAS NARRATIVAS POSSÍVEIS  
NA CULTURA DIGITAL**

Requisito parcial para a obtenção do título de  
Doutor em Comunicação pelo Centro de  
Ciências da Comunicação da Universidade do  
Vale do Rio dos Sinos.

Linha de pesquisa: Linguagem e Práticas  
Jornalísticas

Orientador: Ronaldo Cesar Henn

São Leopoldo  
2015

S168b Sallet, Beatriz.

Blogs fotojornalísticos : outras narrativas possíveis na cultura digital / por Beatriz Sallet. – 2015.  
201 f.: il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São Leopoldo, RS, 2015.

“Orientação: Ronaldo Cesar Henn”.

1. Fotojornalismo. 2. Narrativa. 3. Blogs. 4. Focoblog. 5. Diário da foto. I. Título.

CDU: 77.044

BEATRIZ SALLET

“BLOGS FOTOJORNALÍSTICOS: OUTRAS NARRATIVAS POSSÍVEIS NA  
CULTURA DIGITAL”

Tese apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Doutor, pelo  
Programa de Pós-Graduação em  
Ciências da Comunicação da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -  
UNISINOS.

Aprovada em 24 de abril de 2015

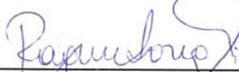
BANCA EXAMINADORA



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Ana Taís Martins Portanova Barros – UFRGS



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Gilmar Adolfo Hermes – UFPel



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Raquel Ritter Longhi – UFSC



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Adriana da Rosa Amaral – UNISINOS



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Ronaldo Cesar Henn – UNISINOS

*À Verônica. Pela descoberta do que  
representa amar incondicionalmente.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço ao meu orientador, Ronaldo Henn, pelo carinho e ensinamentos.*

*Aos meus entrevistados, André Feltes, Bruno Alencastro e Mateus Bruxel, a minha gratidão.*

*Agradeço às amigas, Carina Mersoni e Sandra Kafkle Verbist, pelas conversas animadoras.*

*Agradeço aos meus familiares e demais amigos queridos por entenderem que o processo pelo qual passa um doutorando exige a paciência da amizade.*

*“Do ostensivo e pesado daguerreótipo à suave  
abstração de um ordenamento de algoritmos, as  
fotos foram metal, vidro, papel, filme e finalmente  
presença volátil no ciberespaço”.*

*Joan Fontcuberta (2010)*

## RESUMO

Este estudo, orientado especialmente pela fenomenologia peirciana (PEIRCE, 2002), problematiza sobre a conversão do *blog* em espaço para o desenvolvimento de narrativas fotojornalísticas que revelam camadas pouco exploradas dos acontecimentos. A partir da análise de ensaios fotográficos publicados nos blogs *Focoblog* e *Diário da Foto*, vinculados, respectivamente, aos jornais diários Zero Hora e Diário Gaúcho, a metodologia que orienta este estudo contempla, na investigação sobre os citados objetos, além de pesquisa bibliográfica: entrevista com informantes-chave (editor de fotografia de cada um dos blogs), observação, captura e categorização dos *posts*. As entrevistas com os informantes-chave foram agendadas por e-mail e realizadas presencialmente, utilizando como instrumentos de coleta de dados um bloco de anotações e um gravador de voz. Por se tratar de pesquisa qualitativa, as entrevistas foram semiestruturadas por meio da utilização de um roteiro de perguntas. No processo de análise das narrativas fotográficas, realizam-se descrições e inferências, com o intuito de perceber as inscrições das camadas de acontecimentos nos *blogs* fotojornalísticos corporativos. Ao final, esta tese indica de que maneira os blogs fotojornalísticos operados por profissionais de redação de jornais tradicionais reconfiguram as práticas fotojornalísticas contemporâneas, mostrando como, neste ambiente, a fotografia única (bressoniana), característica do fotojornalismo, dá lugar às sequências fotográficas que narram histórias através de imagens em séries.

**Palavras-chave:** fotojornalismo; narrativas; blogs; *Focoblog*; *Diário da Foto*.

## ABSTRACT

This study, oriented specially by peircian phenomenology (Peirce, 2002), problematizes the conversion of blogs into a space to develop photojournalistic narratives which reveals unexplored layers of events. Based on the analysis of photographic essays published in two blogs, named *Focoblog* and *Diário da Foto*, related to two newspapers, named *Zero Hora* and *Diário Gaúcho*, respectively, the methodology which orients this study makes use, in the investigation of the referred to objects, of: interview with key informants (editor of photography in each blog), observation, capture and categorization of posts. Besides these, the methodology also relies on bibliographic research. Interviews with key informants were arranged through e-mail and took place in face-to-face interactions. During the interviews, interactions were audio recorded and notes were taken. Since this is a qualitative research, interviews were semi structured around guiding questions. In the process of the analysis, descriptions and inferences were made, aiming at perceiving the inscriptions in the layers of the facts in the photojournalistic corporate blogs. This study eventually points out the way through which photojournalistic blogs operated by newsroom professionals in traditional newspapers reconfigure contemporary photojournalistic practices by showing how, in this setting, the unique (bressonian) photography, typical of photojournalism, gives places to photographic sequences which narrate stories through images.

**Keywords:** photojournalism; narratives; blogs; *Focoblog*; *Diário da Foto*

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Blogs e sites individuais observados .....	48
<b>Quadro 2</b> – Blogs e sites coletivos observados .....	48
<b>Quadro 3</b> – Categorização dos <i>posts</i> do <i>Focoblog</i> .....	53
<b>Quadro 4</b> – <i>Posts</i> do Focoblog selecionados para análise.....	56
<b>Quadro 5</b> – Categorização dos <i>posts</i> do Diário da Foto.....	103
<b>Quadro 6</b> – Categorização dos <i>posts</i> do Diário da Foto selecionados para análise. ....	105

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 A FOTOGRAFIA NA LÓGICA DAS CATEGORIAS DE PEIRCE</b> .....	15
2.1 OS SIGNOS E AS SEMIOSES.....	17
2.3 A FOTOGRAFIA E O REFERENTE.....	24
<b>3 A BLOGOSFERA NO ÂMBITO DO FOTOJORNALISMO</b> .....	28
3.1 FOTOGRAFIA, CONVERGÊNCIA E MÍDIA ESPALHADA.....	30
3.2 A ESTÉTICA DOS BLOGS .....	35
<b>4 CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	41
4.1 DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA .....	43
4.2 CATEGORIZAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS FOTOGRÁFICAS.....	44
4.3 SELEÇÃO E ANÁLISE.....	47
<b>5 NETNOGRAFIA DO <i>FOCOBLOG</i> E DO <i>DIÁRIO DA FOTO</i></b> .....	51
5.1 O <i>FOCOBLOG</i> .....	51
5.1.1 Ócio Criativo.....	57
5.1.2 Noite Histórica .....	64
5.1.3 Marijuana.....	74
5.1.4 O lugar do índio .....	81
5.1.5 Um fusca na história do fotojornalismo .....	90
5.1.6 O Guaíba por Achutti .....	96
5.2 O <i>DIÁRIO DA FOTO</i> .....	102
5.2.1 Nem os guarda-chuvas aguentam .....	106
5.2.2 Nem com reza.....	111
5.2.3 Santa Brasil .....	116
<b>6 APONTAMENTOS SOBRE O CAMPO FOTOJORNALÍSTICO DO BLOG</b> .....	121
6.1 O LUGAR DO BLOG.....	121
6.2 <i>MODUS OPERANDI</i> NA TAREFA DE BLOGAR .....	123
6.3 FOTOJORNALISMO DE CONVERGÊNCIA: FOTÓGRAFOS DESENVOLVEM OUTRAS COMPETÊNCIAS .....	124
6.4 SEGMENTAÇÃO DO PÚBLICO, VALORES NOTÍCIA E O TEXTO COMO CONTEXTUALIZADOR .....	126
6.5 A ESTÉTICA E A RECONFIGURAÇÃO DO FOTOJORNALISMO.....	128

6.6 O TEMPO DA PAUTA DO IMPRESSO, O TEMPO DA PAUTA NO BLOG: DE UM A VÁRIOS <i>DEADLINES</i> .....	134
6.7 DA FOTO-SÍNTESE À SEQUÊNCIA FOTOGRÁFICA: CAMADAS DE ACONTECIMENTO.....	135
6.8 FOTO <i>BOA</i> É FOTO CEDO .....	136
6.9 DA FOTO ÚNICA À SEQUÊNCIA FOTOGRÁFICA.....	138
6.10 NOVAS VISUALIDADES PARA O PÚBLICO DOS JORNAIS.....	139
6.11 TAMANHO É DOCUMENTO.....	142
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	144
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	148
<b>APÊNDICE 1 – POSTS DO FOCOBLOG. PERÍODO: JUNHO DE 2014 A JUNHO DE 2013</b> .....	157
<b>APÊNDICE 2 – POSTS DO DIÁRIO DA FOTO. PERÍODO: JUNHO DE 2014 A JUNHO DE 2013</b> .....	167
<b>APÊNDICE 3 - ENTREVISTA REALIZADA EM 28/05/2014, COM BRUNO ALENCASTRO/FOCOBLOG</b> .....	173
<b>APÊNDICE 4 – ENTREVISTA REALIZADA EM 30/05/2014, COM ANDRÉ FELTES E MATEUS BRUXEL/ <i>DIÁRIO DA FOTO</i></b> .....	186

# 1 INTRODUÇÃO

*Não quem ignora o alfabeto, e sim quem ignora a fotografia será o analfabeto do futuro. (László Moholy-Nagy)<sup>1</sup>*

No que tange à produção do fotojornalismo que atende à cultura digital dos veículos tradicionais, uma das principais características da processualidade com que operam as rotinas produtivas diárias é o aproveitamento dos conteúdos produzidos em uma mesma pauta, para dar conta da necessidade dos diversos fluxos em multiplataformas. Ou seja, praticamente tudo o que é produzido nas pautas jornalísticas recebe adaptações específicas para ser absorvido pelos diversos canais da chamada convergência digital. (JENKINS, 2008; JENKINS, FORD E GRENN, 2013; SILVA JÚNIOR, 2012). São processos que evidenciam uma lógica em construção e dizem respeito ao que atualmente se denomina de jornalismo em redes digitais (HEINRICH, 2011; RUSSELL, 2011), cuja principal característica é a proliferação de narrativas mistas, distribuídas em plataformas múltiplas.

A presente pesquisa, sobre os blogs que repórteres fotográficos atualmente mantêm paralelamente às suas rotinas produtivas nos veículos convencionais, distingue-se de algumas discussões que essa temática (processo de digitalização do fotojornalismo) propôs até o momento. Refiro-me aos estudos que dizem respeito às especificidades da transição do analógico para o digital na fotografia, ou da migração do fotojornalismo para o ambiente do ciberjornalismo e às pesquisas ligadas a questões ontológicas que implicaram na discussão do estatuto de realidade que a fotografia instituiu a partir da “facilidade” de intervenção digital. Especificamente na fotografia, Fred Ritchin (2009) fala em mosaico: ela não é mais um objeto tangível, um retângulo que lembra uma figura, mas uma imagem efêmera feita de tijolos. Isso constitui um processo que ele chama de hiperfotografia e que se caracteriza justamente nas articulações posteriores ao ato fotográfico em si. Esse conceito lembra a ideia de uma pós-fotografia, postulada por Joan Fontcuberta (2010), que não se restringe apenas à transição da imagem analógica para a digital, mas a toda processualidade implicada nessas dinâmicas, sobretudo as que estão no âmbito da edição. (SALLET; HENN, 2014).

No complexo jogo produtivo das redações dos jornais diários, que funcionam sob a exigência alimentar os diversos canais em multiplataformas (dos portais de notícia/sites dos veículos às redes sociais/impresso/blogs), naturalmente a produção de conteúdos avoluma-se

---

<sup>1</sup> László Moholy-Nagy nasceu em 1895, em Bácsborsód, Hungria, e faleceu em 1946, em Chicago, Estados Unidos. Foi designer, fotógrafo, pintor, além de professor, na Bauhaus (Alemanha) e diretor da New Bauhaus (EUA).

para os profissionais que necessitam aprimorar habilidades multimídias. Desta forma, jornalistas e fotógrafos passam a adequar suas coberturas para dar conta de abastecer de informação todos os canais que fazem parte do fluxo empresarial. Curiosamente, pelo que observei por conta dessa pesquisa, a partir da estada nas redações dos jornais diários *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, em Porto Alegre/RS, e também com o auxílio de entrevistas com editores e repórter-fotográfico, as pautas não foram aumentadas em termos de quantidade diária. Ao contrário, diminuíram de uma média de 06 para 03 ou 04 ao dia, e isso tanto para jornalistas quanto para fotógrafos. O que aumentou, segundo meus entrevistados, foi o tempo de trabalho expendido por cada equipe para produzir a conteúdo conteúdos em diversos formatos em um mesmo evento, a fim de dar vazão rápida ao aproveitamento nos diversificados canais. Por exemplo, repórteres e fotógrafos estão captando vídeos para abastecer o ambiente digital e, ao cobrir um evento factual, os fotojornalistas, em algum momento, param a cobertura para transmitir material fotográfico (mínimo que seja) para o site.

Esta pesquisa, ainda que contemple as questões que fazem parte do complexo jogo produtivo das redações reconfiguradas pelo ciberjornalismo, busca foco nos *blogs* geridos por equipes de fotojornalistas de redações de jornais tradicionais. Especificamente, toma por objeto os *blogs Focoblog*, ligado a editoria de fotografia do jornal *Zero Hora*, e o *Diário da Foto*, pertencente à editoria de fotografia do jornal *Diário Gaúcho*, ambos da empresa RBS, situada em Porto Alegre. Nesses *blogs*, fotógrafos e editores de fotografia se cotizam para dar vazão às *histórias* das pautas através de narrativas fotográficas, isto é: uma sequência fotográfica capturada em uma pauta, dentre as mais diversas editorias de um jornal diário, dá a ver sua versão sobre o acontecimento jornalístico, utilizando-se de seu próprio recurso, a imagem, para narrá-lo.

A motivação para implementar o estudo das formas de ensaios do fotojornalismo contemporâneo é a constatação de que a fotografia produzida nas pautas está encontrando nos *blogs* o ambiente propício para a fruição de novas estéticas, deixando de lado, inclusive, uma queixa antes recorrente por parte dos fotojornalistas de redação: a falta de espaço editorial para a fotografia. Com a criação de *blogs* fotográficos, os fotojornalistas que atuam nas empresas jornalísticas tradicionais publicam narrativas fotográficas a partir de uma seleção ampla das imagens produzidas em cada pauta. Esse material, antes dos *blogs*, normalmente era desprezado nas decisões editoriais, tanto no jornalismo impresso quanto nos portais (site) dos veículos. Gerações inteiras de fotojornalistas atuantes, desde a cultura anterior no jornalismo impresso, esmaecem-se diante da nova forma. No impresso, uma foto-síntese, a

chamada foto única, continua a ser buscada. Os jornais impressos passaram a olhar com mais cuidado para a fotografia, porque curiosamente acabam tendo a concorrência do ambiente digital<sup>2</sup>.

A pesquisa aqui proposta problematiza as etapas que circunscrevem o acontecimento fotojornalístico e que a ele dão visibilidade nos blogs. Neles, prevalece o diferencial da edição/opinião do autor (fotógrafo) ou, no mínimo, sua contribuição nas dinâmicas de produção, o que também referencia outra *práxis* reconfigurada, já que na cultura anterior o fotojornalista pouco interagiu/opinava sobre a edição do seu material. O editor detinha o poder de decisão sobre o que seria publicado. Hoje, o fotojornalista, não raro, pode editar seu material para o *blog*, ou, pelo menos, opina muito mais a respeito do que produz. Frente às questões que envolvem da *práxis* do fotojornalista à ambiência de publicação das fotografias nos blogs corporativos, surgem posições intrigantes a esta tese, nas quais interrogo: *que possibilidades de narrativas fotojornalísticas, em geral, emergem no ambiente dos blogs fotojornalísticos? De que forma os acontecimentos aparecem nessas narrativas, considerando as categorias semióticas em jogo? E o que se transforma no modus operandi dos fotojornalistas nesses processos?*

Com a intenção de buscar respostas para as questões interrogantes, o estudo a que me proponho tem por objetivo principal investigar e problematizar a possibilidade de constituição de novas formas de narrar o acontecimento fotojornalístico no âmbito da cultura digital em suas semioses, a partir da análise dos blogs *Focoblog* e *Diário da Foto*. Para que isso seja possível, proponho-me a compreender o percurso da pauta fotojornalística da *cultura digital* em suas dinâmicas de convergência midiática; relacionar os processos inscritos no fotojornalismo praticado nos *blogs* das editorias dos veículos tradicionais; identificar novas formas de narrar o fotojornalismo na *cultura digital*, principalmente enfatizando como se instauram as novas estéticas (na ordem do sensível) e como elas controvertem os enunciados (foto)jornalísticos que imperaram na cultura que antecedeu a digital.

O processo metodológico que guiará o cumprimento dos objetivos anunciados consta de entrevista com os editores dos blogs<sup>3</sup> objeto desta tese, reitera-se, *Focoblog* e *Diário da Foto*; visita sistemática à página dos blogs, como processo exploratório com inspiração netnográfica; captura de todos os *posts* publicados em um ano de atuação de ambos os blogs,

---

<sup>2</sup> Ressalva: Fato observado no jornal Zero Hora, que, desde a última alteração de seu projeto editorial, passou a trazer um ensaio fotográfico na contracapa.

<sup>3</sup> Estive nas redações dos veículos que pesquiso, no jornal Zero Hora (*Focoblog*) e *Diário Gaúcho* (*Diário da Foto*) em duas datas distintas (elencadas ao longo da pesquisa) para realizar duas entrevistas (APÊNDICES 1 E 2), cada qual com o editor responsável pelos blogs que especificamente formam o corpus empírico deste estudo.

de junho de 2013 a junho de 2014. Do período citado, extraiu-se uma amostra de posts, a fim de constituir as categorizações em que evidencio *ensaios coletivos* e *ensaios individuais*. Os *posts* são classificados de acordo com o acontecimento fotojornalístico ao qual se enquadram, dentro das categorias propostas por Sousa (2002). Por fim, são analisadas as narrativas fotográficas cuja amostra é proporcional ao número geral de *posts* verificados ao longo do ano.

O texto que organiza esta tese está estruturado em cinco capítulos, além de introdução e de considerações finais. O primeiro, *A fotografia em relação semiótica*, aborda os pressupostos teóricos que fundamentam os conceitos desenvolvidos na pesquisa, tais como: *semiose*, em conjunto com as categorias de signos e suas reverberações (PEIRCE, 2002); estética (LEAL; SOUZA; GUIMARÃES, 2010); e categorias de fotografia jornalísticas (SOUSA, 2002). O segundo, *A blogosfera no âmbito do fotojornalismo*, apresenta o espaço da blogosfera, do surgimento até os dias atuais, incluindo conceitos ligados à cultura digital. O terceiro, *Caminhos metodológicos*, como o título anuncia, apresenta a metodologia de análise, juntamente com uma maior descrição acerca do corpus de pesquisa. Este capítulo, ainda, traz o corpus recortado e suas devidas análises à luz de autores do campo fotográfico. O quarto, *Netnografia do Focoblog e do Diário da Foto*, aborda a descrição netnográfica do corpus, selecionando, classificando e categorizando os conteúdos das narrativas fotográficas em ordem reversa: de junho de 2014 a junho de 2013. O quinto e último capítulo, *Apontamentos sobre o campo fotojornalístico do blog*, contempla as problematizações que pude operar a partir das análises dos ensaios dos blogs. Com relação ao resgate bibliográfico, além dos supracitados autores, há outros que atravessam, na medida do necessário, as discussões debatidas nesta tese.

Percebo, de maneira geral, que a fotografia vem ganhando destaque na arquitetura editorial do ciberjornalismo, conquistando tratamentos próprios dos suportes que a *web* comporta e expandindo-se por diferentes plataformas de características multimidiáticas. Nesse domínio, o fotojornalismo recebe um tratamento bastante diverso daquele que se consagrou na modalidade impressa, e que ainda perdurou nos primeiros anos de *on-line*. Atualmente, as fotos assumem caráter mais dinâmico e, em alguns *blogs*, chegam a dispensar o texto verbal para contar suas próprias *histórias fotográficas*, situação que, por si só, traz elementos instigantes para a reflexão sobre a nova estatura atingida pela linguagem fotográfica. É sobre esses elementos que trato aqui, através da problematização da maneira como as novas formas de construção de narrativas fotográficas consolidam-se no ambiente do ciberjornalismo e

instituem inovações acerca das performances que a linguagem fotojornalística vem configurando.

## 2 A FOTOGRAFIA NA LÓGICA DAS CATEGORIAS DE PEIRCE

Quase duas décadas se passaram desde que a fotografia digital foi instaurada como *modus operandi* dos jornalistas e fotojornalistas dos jornais diários, e podemos enxergar agora um fotojornalismo bastante reconfigurado em suas práticas. Tensionados fundamentalmente pela chegada do jornalismo *on-line*, e, mais recentemente, pela proliferação dos dispositivos móveis produtores de imagens conectados às redes, repórteres-fotográficos passaram a operar de um a vários *deadlines* ao longo de um dia - tantas quantas forem suas pautas. O aporte tecnológico assim lhes possibilita, porque exige (e isso não é ruim) cobertura e disponibilização quase imediatas das fotografias de acontecimentos jornalísticos.

Falo especificamente do fotojornalismo, mas trago a dimensão do jornalismo como um todo reconfigurado, uma vez que suas práxis não são estanques, mas se interdependem. Trato as processualidades das práticas alteradas, de um tipo de fazer que exigiu, até metade da década de 1990, entre outras coisas, outro tipo de rigor, da captura à finalização do produto fotojornalístico, e que hoje implica condicionamentos de outras ordens na linguagem do fotojornalismo, como tecnológicas, espaciais, temporais, culturais, estéticas e processuais. Indubitavelmente, salta aos olhos a questão tecnológica na abordagem da reconfiguração do fotojornalismo contemporâneo, porém outra interface mostra-se também fundamental: a linguagem. Através dela operam outros sentidos, e com uma sutileza fundamental: camadas de acontecer podem emergir a partir do fotojornalismo em convergência digital. Há um processo metodológico nas práticas que se convertem em operações de tradução (no sentido de LOTMAN, 1999), desencadeador de semioses (PEIRCE, 2002) vinculadas a novos fluxos temporais.

Recorro à *Teoria Geral dos Signos*, de Charles Sanders Peirce (1839-1914), para pensar a pauta jornalística que, em seu processo de produção, desdobra-se em camadas de acontecer. Quando um repórter-fotográfico cobre um acontecimento, já está condicionado organizacionalmente para “dar conta” de uma foto rápida, pois, em tempos de convergência, “foto boa é foto rápida”: mais de uma vez, confrontei-me com essa ordem, quando repórter-fotográfica e enquanto pesquisadora. Trata-se da urgência do *on-line*, que se sobrepõe ao que o fotojornalismo sempre teve de mais caro na cultura anterior: o “momento decisivo”.

A foto do “momento decisivo” (da escola bressoniana) é a camada geralmente reservada ao impresso, assim como a foto que atualiza o acontecimento no *on-line*, tão logo fique pronta. A pauta segue em semiose. As fotos sequenciais são utilizadas em mais lugares,

como *fan pages*, até escoarem nos blogs constituídos pelas equipes de fotojornalistas dos jornais diários. Esse é o lugar em que mais percebo o gênero das *pictures stories* (SOUSA, 2004) ser atravessado por novas estéticas. Essas experiências possibilitam que aflorem dimensões estéticas mais enfáticas, na medida em que outras camadas da linguagem, e não apenas às vinculadas à tradição indiciária, ou referencial, tendem a ganhar evidência. Isso faz com que se capture o que “há de qualitativo na semiose” (HENN, 2013), sem que se deixe de compreender a complexidade da lógica em que o produto se insere: o blog de fotojornalismo.

Escoar o acontecimento em camadas, nos diversos lugares da *cultura digital*, respeita restrições e prazos institucionais, mas, no blog, inaugura uma nova ordem de visibilidade para o acontecimento fotojornalístico, cujo potencial tende a situar a linguagem numa espécie de ordem do *sensível*, compreendida, aqui, dentro das categorias fenomenológicas de C. S. Peirce. Em sintonia com Hermes (2013, p.15), que enfatiza os preceitos de Pierce, para quem “tudo pode funcionar como um signo”, vinculando a semiótica a um amplo leque epistemológico, percebo a possibilidades de pensar as semioses que se estabelecem pelas mediações entre produtores, principalmente, mas também entre receptores do fotojornalismo.

Enquanto os tipos de signos estão para seus objetos e interpretantes, os diferentes tipos de mediações estão para os conhecimentos estabelecidos e a sua conexão com a realidade. Em processos relacionais, processos semióticos contínuos, nosso vínculo com a realidade está sempre em mudança. (HERMES, 2013, p.15).

Hermes (2013) trata do estético que atravessa a produção das ilustrações nos jornais, sob o prisma da semiótica peirciana, assim como de outros pesquisadores, tais como: Lúcia Santaella, Joseph Ransdell e Gérard Deladalle. Daqui por diante, trilharei com ele, além de outros intérpretes da vasta obra peirciana. Minha tese, ao aproximar as narrativas visuais que estão sendo produzidas pelo fotojornalismo contemporâneo, inscreve-se numa ambiência que é o campo da Comunicação, e que é visto hoje como um lugar de intenso fluxo, uma vez que as produções do jornalismo se encontram em convergência digital (JENKINS, H.; FORD, S. e GREEN, 2013; HEINRICH, 2011; RUSSELL, 2011; JENKINS, 2008; LONGHI e D’ANDRÉA, 2012). O que trago para debate refere-se ao protagonismo qualificado dos bens simbólicos que estão sendo produzidos e que perpassam pelos blogs de fotografia dos jornais tradicionais, lugar de fluxos, propício para as semioses. Como bem diz Hermes (2013, p. 16), “[...] o que é da ordem da sensibilidade dialoga com aquilo que corresponde ao conceitual,

constituindo não só um problema retórico, mas evidentemente, de comunicação, de mediações semióticas”.

## 2.1 OS SIGNOS E AS SEMIOSES

Peirce espalhou várias definições de signos ao longo de sua obra, todas enfatizando algum aspecto do conceito que está no cerne da própria ideia do signo, que é a semiose. Em uma delas, o autor define:

Um signo ou *representámen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa este objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representámen. (PEIRCE, 2002, p.46).

A definição aponta para o caráter mais essencial de um engendramento lógico que se instaura entre três termos (signo-objeto-interpretante) e que põe em destaque as relações de determinação (do signo pelo objeto e do interpretante pelo signo). Também sinaliza para a função mediadora do signo, entre objeto e interpretante, assim como para a distinção inegável entre as palavras “mente”, “intérprete”, “mente interpretadora”, de um lado, e o termo “interpretante”, do outro.

Em outras palavras, para Peirce, o signo só existe no contexto de uma semiose, que significa sua própria ação: há um objeto fora dele que determina a sua existência enquanto signo que, por outro lado, só se efetiva na produção do interpretante, outro signo que se gera na mente afetada pelo signo e que mantém a relação primordial com o objeto. O interpretante, assim que gerado, e sendo signo, terá condição de produzir outro interpretante, e este, mais outro, sucessivamente. Os novos signos gerados podem ser mais desenvolvidos em relação aos iniciais, propiciando outros desvendamentos do objeto dinâmico. Em síntese, o signo, ao representar um objeto, também gera uma interpretação, que só é possível materializar-se em outro signo. Todo esse processo é tonalizado pelas categorias fenomenológicas que fundamentam o pensamento do autor, inclusive sua extensa classificação de signos.

Se o signo tem a capacidade de gerar outro, e só existe em função dessa capacidade, há nele uma dinâmica autopoietica, própria dos chamados sistemas abertos dinâmicos fora do equilíbrio (MAINZER, 1994). E não se trata apenas de replicar: os interpretantes vão crescendo e ganhando outras desenvolvimentos. Exibem uma competência auto-organizacional própria a esse tipo de sistema, com versatilidade impressionante nos sistemas culturais que, da perspectiva de Lotman (1999), formam os ambientes produzidos pelas semioses (OLIVEIRA; HENN, 2014).

Peirce debruçou-se, ao longo de sua vida, na construção de uma fenomenologia que teve como base o estabelecimento de categorias gerais de como a mente apreende e traduz os fenômenos captados no mundo. É daí que surgem as famosas categorias de primeiridade, secundidade e terceridade, em cima das quais todo o edifício lógico de Peirce é construído. O autor estabeleceu categorias fenomenológicas que correspondem às formas mais gerais de como os fenômenos acessam e processam-se na consciência (HENN, 2014b). Tudo o que estaria no plano das qualidades em si mesmas, sem estarem, a rigor, encarnadas em algo, ele chamou de primeiridade. O que já é alguma coisa que se distingue de outra ou do meio, na sua dimensão ainda singular, no aqui e agora, trata-se da secundidade. E quando esse algo já é traduzido em linguagem, que é a forma como nós, inevitavelmente, acessamos o mundo, estamos no plano da terceridade.

Essas três categorias não agem isoladamente, até porque nós, seres já formatados na consciência, estamos irremediavelmente atrelados à terceridade, tendo lampejos ultra efêmeros do que seria um primeiro ou um segundo. As categorias também não são estanques. Elas funcionam como timbres: há acentos de predominância, como, por exemplo: uma obra de arte estaria próxima da primeira categoria, enquanto um argumento, da terceira categoria. Isso não quer dizer que uma obra estética não seja concebida a partir de um projeto codificado, o que implica numa dimensão terceira, ou que um argumento não tenha frescor estético, colocando-o em dimensão primeira.

Na dimensão da primeiridade, estão os signos que funcionam como tal por conta de suas qualidades positivas: o vermelho como signo desta qualidade independente da matéria em que está encarnado. Por isso, produz como interpretante apenas uma *qualidade de sentimento*. Nessa categoria, encontram-se os ícones puros, cuja força representacional esgota-se nela mesma, apontando para infinitas possibilidades de sentido.

Na dimensão da secundidade, despontam os signos que funcionam como tal por designarem objetos singulares, concretos: as pegadas como indício da passagem de alguém, por exemplo. O interpretante só pode dar conta desse objeto singular: as pegadas. Esta

categoria forma os índices puros, os signos que se ligam aos objetos por conexão física, com interpretantes limitados a tal concretude particular.

Na dimensão de terceridade, figuram os signos em que o caráter representacional é arbitrário, e que têm objetos de natureza geral: os substantivos comuns que apontam para generalidades como a palavra “mesa”, que corresponde a todo e qualquer objeto que corresponda ao conceito geral nela implícito. Figuram nessa categoria os símbolos que são signos sempre regidos por uma convenção e que sempre se referem a ideias gerais.

Entre as formas que Peirce entende como puras existem inúmeras combinações. Em primeiro lugar, o signo nunca é somente uma coisa (ícone, índice, símbolo). Uma imagem figurativa, por exemplo, seria inicialmente um signo de primeridade, pois representa o objeto a partir de analogias formais, qualitativas. Entretanto, se a imagem representada referir-se a um objeto reconhecível e de existência singular concreta fora dela, a dimensão de secundidade se sobressai. Se a imagem referir-se a um objeto de caráter geral, estão tem-se a secundidade sobrepujando. Para Peirce (CP 2.276), qualquer imagem material, como uma pintura, é imensamente convencional no seu modo de representação. Porém, em si mesma, ela tem qualidades que a situam na condição de ícone degenerado ou hipoícone.

Em CP 1.530, o autor chama a atenção para o fato de que a secundidade sempre terá elementos da primeiridade e que a terceridade, igualmente, conterà secundidade e terceridade. Como tudo que acessamos e pensamos já está inscrito em nível terceiro, seja pelo fato de que entre as dimensões primeira e segunda sempre se interporá um signo, ou pela circunstância de que todo o signo já está inscrito em algum nível de codificação, estaremos reiteradamente lidando com formas degeneradas das categorias.

Peirce (CP 1.353) postula que talvez nem se devesse chamar as categorias de concepções, pois elas são tão inatingíveis nas suas formas puras que mais parecem timbres ou matrizes de conceitos. Uma fórmula algébrica, diz ele (CP 2.279), é um ícone que se torna tal pelas regras de comutação, associação e distribuição de símbolos. Ela poderia ser considerada um signo convencional composto, mas a fórmula exhibe uma importante propriedade peculiar ao ícone: “através de uma observação direta, outras verdades relativas ao objeto podem ser descobertas além das que bastam para determinar sua construção”. O exemplo reforça o argumento aqui defendido: em uma taxonomia inspirada nas categorias tem que se levar em conta o caráter predominante dos signos em um primeiro plano, mesmo que se saiba que todos já são orquestrados de forma mediada, o que lhes confere uma terceridade irrecusável (FRAGOSO, HENN; REBS, 2008).

Por aqui se tratar de pesquisa em jornalismo e de seus processos migratórios para ambientes digitais e móveis, “cuja dinâmica principal encontra-se nas conexões em rede (HENN, 2011, p. 79-81),” a noção peirciana de semiose é fulcral, pois nela o signo é pensado de forma triádica e só existe enquanto tal a partir de um processo relacional das três dimensões envolvidas: signo, objeto e interpretante.

Os avanços que Peirce foi obsessivamente instituindo na concepção de signo os levaram ao entendimento de que a semiose ao mesmo tempo em que significa o funcionamento propriamente dito do signo (representação), também indica o surgimento de novos signos inferidos do primeiro (interpretação). O mesmo processo possui uma dimensão representativa e outra interpretativa, que se interpenetram em cadeias de possibilidades infinitas (HENN, 2002; 2011).

A ideia de cadeias de possibilidades infinitas é cara, na medida em que trato das *semioses* provocadas pelo acontecimento jornalístico que, em camadas, é produzido para ser visualizado nos diferentes lugares midiáticos, tais como o jornalismo *on-line*, o impresso etc. Como olho fundamentalmente para o acontecimento na perspectiva fotojornalística, observo todas as instâncias em que a cobertura fotográfica se insere, os lugares que recebem cada pauta, cada narrativa fotojornalística, até chegar à categoria de *picture stories*, gênero fotojornalístico apontado em Sousa (2004) e classificado como reportagem fotográfica, por se tratar de uma série de imagens. Nas *picture stories*, abunda uma sequência de imagens que conta sobre cada acontecimento jornalístico, que, trazida ao ambiente digital dos *blogs* fotojornalísticos, interessa a esta pesquisa.

Há de se destacarem as transformações dos fluxos de semiose no seu caráter de rede, que será abordado no próximo capítulo. Cecília Salles (2011) detectou nessa processualidade viva uma dimensão criativa compreendida como movimento falível com tendências, sustentado pela lógica da incerteza, englobando a intervenção do acaso e abrindo espaço para a introdução de ideias novas. Salles fundamenta sua perspectiva em Colapietro (1989 e 2003), que entende o sujeito dentro de uma esfera comunicativa: não pode ser reduzido ao âmbito do estritamente privado (HENN, 2013). Esse conjunto de fatores leva produções como as expressas nas *picture stories* e *blogs* fotojornalísticos para regiões de reflexões promissoras.

Interessa-me, sobretudo, perceber a estética das narrativas fotojornalísticas dos *blogs* corporativos dirigidos por fotojornalistas. Estética que, como escreve Henn (2013), no prefácio do livro de Gilmar Hermes:

[...] é uma dimensão que atravessa todas as dinâmicas sógnicas com maior ou menor ênfase. É o que dá sabor, ritmo, textura a qualquer configuração de linguagem. [...] Perceber o estético, portanto, é ao mesmo tempo capturar o que há de qualitativo na semiose, mas também vinculá-lo ao emaranhado de lógicas que a regem. (HENN *In* HERMES, 2013, p.10).

Minha pesquisa encontra respaldo teórico em Gilmar Hermes (2013) justamente porque trato do estético na linguagem jornalística, ou, mais precisamente, por ter lugar e perceber o discurso predominantemente qualitativo (no sentido de Peirce) nas estratégias empregadas no fotojornalismo. Hermes (2013, p. 16) vislumbra estética enquanto disciplina “[...] voltada para problemas da sensibilidade, o que é inerente a todas as atividades humanas e, portanto, também à comunicação”. Verificar como são produzidas as semioses das pautas que trafegam pelo ambiente da cultura digital, cuja produção é de responsabilidade das redações jornalísticas, e explicitar os processos, inclusive estéticos, que estão dentro dessas organizações é o meu intento.

Há, na origem da pauta fotojornalística, um acontecimento que desencadeia de um modo - normalmente onde está configurada uma imagem síntese – para outro modo, que é a potencial narrativa fotográfica, ou seja: há potencialmente outro modo de dizer no fotojornalismo da cultura digital. Seguindo a lógica peirciana, o signo pode estabelecer várias gradações em relação ao objeto, que indicam as ordens de primeiridade (ícones), secundidade (índices) e terceiridade (símbolos). É, segundo Hermes (2013), a mediação sógnica que se estabelece na relação entre um representamen, o objeto e o interpretante, sob a luz das categorias fenomenológicas da primeiridade, secundidade e terceiridade, que podemos compreender fenômenos diversos. Os produtos midiáticos fotojornalísticos que pesquiso, conforme já mencionado, encontram-se na ordem das mediações: são signos genuínos por estarem já na ordem dos conceitos.

O jornalismo e o fotojornalismo caracterizam-se, dentro das categorias fenomenológicas peircianas, pelo índice, já que possuem uma vinculação com o real através dos enunciados, tantos verbais quanto visuais. Da leitura de Santaella (1992, p.194-195), Hermes recupera que Peirce teria substituído o nome de objeto real por objeto dinâmico porque o objeto pode ser fictício. “[...] a semiótica tem um caráter otimista, que está ligado à própria definição de objeto dinâmico, como se a realidade a ser conhecida estivesse sempre pulsando, para vir à tona através de novas semioses”. (HERMES, 2013, p.36).

Nas rotinas produtivas de coberturas de pautas oriundas do agendamento, por mais rotineiras que sejam (Dia de Finados, por exemplo), a cada nova cobertura os fotojornalistas

impõem a si a necessidade de realizar algo novo, a partir do que já foi publicado nos anos anteriores. Há de se lembrar do que foi publicado, recorrer aos arquivos físicos, acionar o *museu imaginário* (VAZ, 2012) e abrir-se a uma latência que é peculiar à criatividade de cada autor, para pensar em algo novo, da ordem do devir<sup>4</sup>. Uma pauta, quando coberta por diferentes veículos e por diferentes fotógrafos, terá sempre um resultado singular, mesmo em relação ao factual. Isso se dá porque autoria é o que está em jogo, e ela pressupõe nuances individuais, compostas por um ângulo diferenciado, pelas preferências tecnológicas ou pelos gamas cultural, social e psíquico de cada autor de imagem.

Com relação à inscrição autoral, anuncia Flusser (2011, p. 53-56): “na realidade, o fotógrafo procura estabelecer situações jamais existentes antes [...] O motivo do fotógrafo é realizar cenas jamais vistas, ‘informativas’”. Em suas *práxis*, os repórteres-fotográficos também procuram um ângulo inusitado, um lugar de onde ninguém viu, uma ideia que seja conceito do evento, a fim de obterem recortes do acontecimento que lhes assegurem a marca autoral fundamental que viabilize suas coberturas, principalmente em capas, contracapas, espaços de maior visibilidade no jornalismo. Ao relacionarmos essa condição do fotógrafo com a semiótica peirciana, podemos trazer à cena noções de “objeto dinâmico” e de “experiência colateral” (GREGO LINZ, 2003), que, a grosso modo, se colocariam aqui relacionadas a todos os acessos a que um fotógrafo dispõe para influenciar cada um de seus atos fotográficos. Olhar a pauta e perceber seu percurso semiótico exige a observação das variáveis que se estabelecem ao longo do percurso, uma vez que a pauta é orgânica, está sempre em processo.

A pauta, já na rotina de um jornal impresso, era vista a partir da perspectiva desenvolvida em pesquisa anterior, em que:

[...] a pauta da redação e a da fotografia são interdependentes e funcionam (ou deveriam funcionar) através de um fluxo comunicacional que envolve acordos ou combinações entre editores, repórteres de texto e repórteres-fotográficos. [...] O repórter fotográfico na rotina (não rotineira) de um jornal impresso diário tem a incumbência de fornecer respostas práticas no que concerne à produção das fotonotícias. Para tanto, o profissional convive tanto com as pautas agendadas pela redação, como com as situações que irrompem por conta do acaso. (SALLET, 2006, p. 22-23).

---

<sup>4</sup> A terceridade engendra a história que se multiplica em suas cadeias semióticas orientadas pelo futuro (HENN, 2010). Peirce entendia a semiose como um motor semiótico, que vai à direção de um potencial nunca concluso, desvendamento do objeto no qual o signo se vincula, está sempre vetoriado para o futuro. Nesse sentido, há um certo comando do futuro em relação ao passado: é essa a ideia de devir aqui empregada. “Mas é verdade que o futuro não influencia o presente de modo direto, dualístico, pelo qual o passado influencia o presente. Requer um instrumental, um meio” (PEIRCE, 1977, p. 25).

Com a diluição das fronteiras formais dos diferentes espaços em convergência em uma redação jornalística, a pauta sofre alterações significativas, pois os repórteres-fotográficos, ainda que continuem atendendo às demandas dos dois principais tipos de pautas – as oriundas do agendamento e as que ocorrem por conta do acaso, da imprevisibilidade-, saem imbuídos primeiramente para atender ao *on-line*. O mais rapidamente possível, seguem atualizando a notícia do ponto de vista do fotográfico: captam vídeo, paralelamente ao trabalho de cobertura fotográfica, preocupam-se em separar (muitas vezes) foto para o impresso e, posteriormente, editam material e pensam no blog. Ou seja, as plataformas digitais promovem relações semióticas de aproveitamento do “mesmo” produto.

Há também situações que a mesma foto é dada em multiplataformas, face ao tipo de pauta. Os fotojornalistas são orientados - e já assimilam- a uma produção abundante para fornecerem fotos diferentes de um mesmo acontecimento, fenômeno típico da Era digital, maior quantidade, o que nem sempre implica em qualidade, mas justamente para alimentar os variados espaços digitais. Percebo muitas possibilidades de camadas nessa processualidade de produção da pauta original até o blog. À concepção peirciana de “objeto dinâmico” está relacionada uma gama de organicidade que compõe os fluxos comunicacionais entre os jornalistas, fotojornalistas e editores. São vários “objetos dinâmicos” – foto, texto, título, legenda, viés editorial, pessoas que estão em jogo durante todo o processo de produção jornalística -, situação que possui potencial para produzir interpretantes diversificados, semioses conflitantes, com poder de afetação em qualquer um dos níveis de entendimento dos processos.

Ao relacionarmos as categorias fenomenológicas dos signos ao fotojornalismo, assim como esse nos chega, “pronto”, ou pela foto no *on-line*, ou pela sequência de fotos no *blog*, estaremos percebendo um signo genuíno, pois já vem processado do produtor. Para o receptor, porém, há a possibilidade de, ao mirar uma foto, experimentar os diferentes níveis sígnicos da tríade peirciana: primeiridade (ícone), secundidade (índice) e terceiridade (símbolo). Esta experiência é relativa, dependendo do que diz a fotografia e do intérprete, e de sua experiência colateral. A fotografia já chega codificada. O efeito da semiose em uma mente precisa do interpretante, e só atinge o caráter de signo depois de passar pelos três processos, pelas tricotomias relacionadas a estes estágios, conforme Hermes (2013, p. 48): “na primeiridade, estariam as sensações e sentimentos; na secundidade, as relações de ação e reação com elementos do mundo real; na terceiridade, as representações resultantes das vivências como indivíduos, grupos, coletividades e culturas”.

Hermes (2013) interpreta as questões estéticas que estão ligadas à sensibilidade no plano da primeiridade (qualidade), mas lembra-nos que os aspectos qualitativos, ao serem notados, já estão em contato com a secundidade. Quando estando na ordem de conceituação, de generalização lógica, já pertencem a mediações da terceiridade. Das três categorias primordiais, descendem os tipos de signos classificados sempre em relação ao seu objeto, como signos icônicos, indiciais e simbólicos. “[...] Basicamente, os icônicos são resultados de relações de semelhança com o objeto dinâmico; os índices referem-se aos objetos como ocorrências existenciais; e os símbolos relacionam-se com os objetos, através de convenções solidificadas pela linguagem”. (HERMES, 2013, p. 49).

Em *Teoria Geral dos Signos: semiose e autogeração*, diz-se que todo o pensamento se processa por meio de signos, e que a relação existente entre as categorias fenomenológicas é o que produz as ideias de *semiose* e de *autogeração*: “A ação do signo, que é a ação de ser interpretado, apresenta com perfeição o movimento autogerativo, pois ser interpretado é gerar um outro signo que gerará outro, e assim infinitamente, num movimento similar ao das coisas vivas”. (SANTAELLA, 1995, p. 11). No caso das fotografias jornalísticas, devemos pensar na ação do signo em todos os seus desdobramentos. Cada etapa dos processos pode ser entendida como atividade interpretante, pois a pauta para apuração de uma notícia é um signo que será ampliado na atividade interpretante do repórter, do editor e, depois, do usuário no contato com a notícia. (HENN, 2010, 2011). O repórter-fotográfico participa como gerador de semioses ao interpretar fotograficamente uma pauta e dar a ver sobre o acontecimento (objeto da semiose) para o interpretante.

### 2.3 A FOTOGRAFIA E O REFERENTE

A fotografia traz em sua essência ontológica uma forte ligação com um referente compreendido como real, ainda que saibamos que, desde o início, manipulações, adulterações, trucagens e construções de todo o tipo, para emprestar sentido a diferentes interesses, sempre ocorreram. O fotojornalismo é o lugar em que a ligação da fotografia com o referente real mais aparece. A *analogia* da fotografia com o real já foi amplamente debatida em estudos diversos, por semiólogos como Pierce, Barthes, Eco etc.; por estudiosos no campo da imagem, Santaella, Aumont e Dubois; além de pesquisadores na área do fotojornalismo, como

Sousa (1998), principalmente, que é quem aponta que o jornalismo tomou de empréstimo a fotografia para *credibilizar seus enunciados verbais*.

Do ponto de vista da semiótica, a função do signo fotográfico como índice, por indicar, trazer rastro, é o que permanece. Sabe-se que o jornalismo não pode mentir, logo as fotografias que veicula deverão ser verdadeiras, credíveis. Há quem não respeite essa lei. Muitos já foram pegos adulterando fotografias jornalísticas e foram sentenciados com demissões. Hoje, chegou-se ao tempo em que se tornou difícil mentir no jornalismo: há muitas testemunhas oculares. Semioticamente falando, a fotografia – e não só a de imprensa – é índice em função da contiguidade física com o objeto fotografado.

Dubois (1994, p. 62)<sup>5</sup> afirma que a relação que os signos indiciais mantêm com o seu objeto referencial é regida pela *conexão física*. Segundo ele, “[...] essa relação, seja da ordem da *singularidade*, da *atestação* e da *designação*”. Já a existência física do referente, segundo Dubois, não está necessariamente no signo icônico, pois, como anuncia Peirce, “[...] Um ícone é um signo que remete ao objeto que ele denota simplesmente em virtude das características que ele possui, quer este objeto exista realmente, quer não”. (CP 2.247). Barthes (1961) refere-se a duas estruturas da fotografia, uma denotativa (que está ligada ao analógico), portanto não codificada, e outra conotativa, cujo código apresenta-se ligado às questões culturais estabelecidas a partir do emprego da linguagem fotográfica (da construção), além do texto que pode vir empregado de sentido, junto à foto. A fotografia jornalística é resultado da codificação do que se convencionou chamar de real, porém o real aparece em partes, em função de suas dimensões espaciais, temporais, estéticas etc.

Todos os estudiosos aqui referenciados falaram da fotografia de processualidade fotoquímica (analógica ou convencional), porém, para discutir sobre referencialidade fotográfica na fotografia eletrônica (ou digital), devemos enfrentar os meandros que dela advém. Com modernos *softwares* de imagem, atualmente há muitas possibilidades de se alterar imagens, ou seja, mexer no referente, o que para o jornalismo é inadmissível, uma vez que é justamente o credenciamento do real o capital maior do jornalismo. Para a especificidade do fotojornalismo, há todo um legado da condição do real na fotografia culturalmente empreendido, e que vem sendo deixado pelos fotojornalistas da chamada Era analógica. Cada empresa, e situo este estudo nos processos que estão dentro das organizações jornalísticas, possui sua linha editorial neste sentido, sua cartilha com os modos de proceder.

---

<sup>5</sup> Dubois (1994) é responsável por um estudo valioso no campo do fotográfico, o qual perfaz o caminho primeiro da fotografia como *mimese* do real; em seguida da fotografia como transformação do real, a qual enxerga a fotografia codificada; e, por último, o retorno da fotografia ligada ao referente, porém liberta da ilusão mimética. O autor propõe ver o *processo*, ao invés do produto em si, para testar referencialidade.

Seja a fotojornalística processada fotoquimicamente ou eletronicamente, sua relação com o referente é vital enquanto valor no jornalismo.

Na Era digital, em relação à Era analógica, observa-se, principalmente entre os fotógrafos nascidos na chamada Geração Y<sup>6</sup>, uma espécie de inversão de valores na cultura da profissão, no que diz respeito ao ato fotográfico. Enquanto os fotógrafos contemporâneos da fotografia analógica empenhavam-se em resolver todas as questões técnicas e estéticas no momento da captura<sup>7</sup>, na fotografia digital, e me situo dessa forma para nomear a fotografia da Era digital, o processo da captura fotográfica parece não ser mais tão elementar. Os fotógrafos da nova geração compreendem que o processo de captura da fotografia digital se perpetua até a finalização, que é o momento da pós-produção. Inverteram-se os valores graças aos modernos *softwares* de imagem.

Nesse sentido, a cultura da profissão traz o legado da Era analógica, que é interferir o mínimo nos referentes fotográficos, principalmente em coberturas de acontecimentos do tipo *hard news*, quando os procedimentos dos fotojornalistas seguem o sentido de tentar resolver o máximo possível a fotojornalística no momento da captura, deixando para a pós-produção questões mínimas, essenciais. Já em situações de coberturas de acontecimentos de agenda, onde há mais tempo para produzir as imagens, normalmente são adotados procedimentos de maior interferência entre o fotógrafo e os referentes, os quais emprestam nuances mais autorais, artísticas, e que passam a mensagem fotográfica pretendida. Um bom exemplo dessas construções são os retratos para perfis, onde os fotógrafos elaboram toda uma concepção da cena a ser construída, levando em conta muitos dos elementos da linguagem fotográfica: luz, cor, forma, ambiente, espaço, tempo etc. A pós-produção, neste caso, também pode ser uma grande aliada.

Enfim, a imagem fotográfica – principalmente para os fins que pretende o jornalismo - fornece provas e indícios. Funciona sempre como documento iconográfico acerca de uma dada realidade. Boris Kossoy (1999, p. 33) organiza da seguinte forma os conceitos de índice e ícone em relação à fotografia:

1. Índice: prova, constatação documental que o objeto, o *assunto representado*, tangível ou intangível, de fato existiu/ocorreu; qualquer que seja o conteúdo de uma fotografia nele teremos sempre o *rastro indicial* (marca luminosa deixada pelo referente na chapa fotográfica) *mesmo que esse referente tenha sido artificialmente*

---

<sup>6</sup> Geração Y: trata-se da geração de nativos digitais, pós 1990.

<sup>7</sup> Em função dos processos fotoquímicos que lhes aguardavam, ainda tendo que passar: pós-captura da imagem latente ao processamento de revelação do negativo e ampliação do positivo.

*produzido;*

2. Ícone: comprovação documental da aparência do assunto e da semelhança que o mesmo tem com a imagem fixada na chapa; isso em função da característica peculiar do registro fotográfico cuja *tecnologia* possibilita a obtenção de um produto iconográfico com elevado grau de semelhança com o referente que lhe deu origem.

A principal diferença entre a câmera fotográfica analógica e a digital consiste na substituição da película fotoquímica por um sensor digital CCD, ou CMOS, dispositivos capazes de converter luz em impulsos elétricos. Ainda que tenhamos todo o problema que gira em torno do aumento das possibilidades manipulatórias, facilitado pela pós-produção de imagem, e que a discussão deontológica tenta dar conta na contemporaneidade, a grosso modo, as câmeras digitais são muito parecidas, do ponto de vista do resultado fotográfico, às câmeras analógicas, no que diz respeito à relação com o referente. Alterou-se o estatuto físico do suporte: o negativo fotoquímico foi substituído por uma relação numérica que transporta a imagem “real” para o mundo “virtual”, e isso também é permitido a partir de um escaneamento do negativo, o que representa a passagem de um suporte, que é a película fotossensível revelada, para um arquivo numérico virtualizado, através de um *scanner* e de um computador.

A passagem da fotografia analógica para a digital gera muito mais discussões quando o debate gira em torno dos usos das imagens na contemporaneidade. A fotografia ganhou virtualidade, ela pode estar ubiquamente em rede em vários espaços. Essa característica virtual, própria do nosso tempo, permite pensarmos a imagem digital também como símbolo. Flusser (1985) ponderou isso ao refletir sobre o automatismo e a intervenção do fotógrafo nas máquinas semióticas, que ele chamou de aparelho que “transforma conceitos em cenas”. Os conceitos e as cenas lançam-se agora em transformações com a consolidação da comunicação em redes digitais.

### 3 A BLOGOSFERA NO ÂMBITO DO FOTOJORNALISMO

A cultura digital vem reconfigurando as práticas fotojornalísticas em um processo impulsionado pelas novas possibilidades proporcionadas pela internet. Essas práticas são próprias do ambiente virtual e delimitam espaços narrativos importantes que se inserem nos processos de convergência entre as diferentes plataformas conectadas em rede. Meu olhar paira nas rotinas produtivas dos jornais diários que se encontram integradas em sua produção, onde a pauta fotojornalística sofre desdobramentos em multiplataformas. A produção em semiose deve dar conta, além do jornal impresso, do espaço virtual, considerando o site do veículo, as redes sociais e os blogs constituídos pelas equipes de fotojornalistas das redações. Os últimos, em meu entendimento, constituem o ambiente em que se estabelecem novas formas de narrativas fotojornalísticas, e por isso situo neles meu objeto de pesquisa.

Os *blogs* de editorias de fotografia dos jornais diários - que ainda podem ser considerados criações recentes, se comparados a outros espaços no ambiente digital - se ocupam da transmissão de informação através de ensaios e histórias fotojornalísticas. Esses espaços<sup>8</sup> não substituem nenhum outro lugar, como o site do veículo e o jornal impresso. Eles complementam o ciclo informativo, aliando todos os lugares ocupados pela fotografia nas redações multimídias, transformando-se em uma poderosa ferramenta de interatividade com o público. A peculiaridade dos *blogs* aqui tratados é justamente dar a notícia pela narrativa fotográfica. A blogosfera no jornalismo é disseminada por colunistas e editorias específicas. Todos disputam os leitores, tanto pelo site dos jornais que os remete como por outros lugares que também ofertam o *link* (redes sociais, *fan pages* etc).

Diante da necessidade de categorizar a crescente variedade de *blogs* existentes, Alex Primo (2008; 2010) propõe uma matriz de 16 gêneros. Raquel Recuero (2003) classifica-os em categorias, tais como: diários, publicações, literários, *clippings* e mistos. Seguindo a categorização de Primo (2008; 2010), os *blogs* de equipes de fotojornalistas de editorias de Fotografia de jornais diários estão vinculados ao gênero *blog organizacional*, uma vez que seus membros – os fotojornalistas e editores de fotografia – assinam seus *posts* como membros de uma determinada organização.

---

<sup>8</sup> Para a construção de um blog, encontram-se *templates* (modelos de páginas prontas) que devem ser seguidos pelos usuários. São construídos desde que um servidor ou uma ferramenta disponibilize o serviço, como é o caso dos servidores brasileiros *Blogger*, *Weblogger* e *Blig*.

Conforme Primo (2010, p.140),

Em um *blog* de uma organização, estando ela estruturada de forma hierárquica, o redator de um *post* sabe que a avaliação de sua produção pode tanto lhe trazer promoções quanto sanções futuras. Aquele que escreve nesse tipo de *blog* coletivo o faz em nome da organização, segundo o foco de sua atuação e conforme os objetivos traçados e assumidos por todos os membros [...] a ação de cada participante nos *blogs* desse gênero não é ajustada em torno de desejos individuais, mas em virtude das estratégias definidas para o sucesso da organização.

Durante entrevista, o fotojornalista Bruno Alencastro (2014), editor do Focoblog, *blog* de fotografia do jornal Zero Hora<sup>9</sup>, define o que o espaço representa para ele e para os colegas fotojornalistas: “*Ele (o Focoblog) tem uma importância grande, porque é onde a gente dá a nossa cara, a nossa edição, a nossa narrativa. É onde a Fotografia de Zero Hora diz o que ela entende de imagem, o que entende de foto*”.

Como respondem por empresas jornalísticas, os repórteres-fotográficos *blogueiros* estão comprometidos, em suas rotinas produtivas, à sistematização de forças de trabalho em equipe, além da tarefa de *blogar*<sup>10</sup>. Isso implica participar, de alguma maneira, da produção à edição das pautas, incluindo, por vezes, a verificação da repercussão dos *posts*. Como o *blog* está sob sua tutela, os fotógrafos gozam de maior liberdade no emprego de sentido às *narrativas fotográficas*, já que os próprios autores das fotos participam de forma mais efetiva – em relação às demais práticas da redação – da seleção e da edição de seus materiais. Liberdade também porque a própria empresa jornalística não está preocupada com o *blog*, uma vez que se percebe claramente que ele existe porque os fotojornalistas querem que exista. Não há preocupação com o que é veiculado ali, nem controle organizacional.

André Feltes<sup>11</sup> (2014), editor de fotografia do jornal *Diário Gaúcho* desde sua fundação, em 2000, e do *blog Diário da Foto*, desde 2010, conta sobre o início desse *blog*:

*[...] a gente criou o blog, mas [...] nunca foi algo que a empresa, digo a redação, ou apoiasse, ou negasse, ou impusesse, ou dissesse ‘ó, vocês tem que fazer’. ‘Vocês vão fazer? Beleza’. Então, a gente sempre fez, começou a fazer porque queria, porque*

<sup>9</sup> A entrevista ocorreu nas dependências da editoria de Fotografia de Zero Hora, no dia 28 de maio de 2014, para fins desta pesquisa.

<sup>10</sup> Termo que verbaliza a ação do *blogueiro*.

<sup>11</sup> Até quando escrevi este capítulo, André Feltes respondia pela função de editor de Fotografia do jornal *Diário Gaúcho*. Cerca de um mês após minha estada no veículo para a entrevista com o editor, o mesmo foi desligado do quadro funcional. Optei por deixá-lo até aqui como editor, e posteriormente, no avanço do texto da tese, passo a tratá-lo como “então editor de Fotografia do jornal *Diário Gaúcho* e do *blog Diário da Foto*”.

*havia ali realmente um lugar para escoar o material. Eu, no início, tinha uma época, antes do blog, tinha um blog meu, que tinha outro princípio, era colocar notícia sobre o mundo da fotografia. Eu gostava muito disso, gosto muito disso, gosto muito de ler. Por uma série de coisas, a gente também tentou passar isso para o Diário da Foto no início, que não era só o blog para escoar o nosso material, mas também para colocar notícias de festival de fotografia, de exposição..., do Bresson, do Salgado.*

Entre as características dos blogs, encontram-se os *links* para outros lugares na internet, normalmente relacionados ao assunto, formando uma espécie de corrente, e os espaços para comentários dos visitantes. Tanto o *Focoblog* quanto o *Diário da Foto* nunca tiveram recordes de visualizações, principalmente em relação a outros blogs das demais editorias dos respectivos jornais. Isso, segundo ambos os editores, não é preocupação. Trata-se de um espaço para um público segmentado que gosta de fotografia e que vai sendo conquistado (e estimulado) aos poucos.

### 3.1 FOTOGRAFIA, CONVERGÊNCIA E MÍDIA ESPALHADA

A incorporação do fotojornalismo no ambiente da blogosfera intensifica a potência que já se colocava na digitalização do processo, situando-o naquilo que os autores Joan Fontcuberta (2010) e Fred Richtin (2009) chamam de pós-fotografia e hiperfotografia, respectivamente. O primeiro conceito trabalha com a ideia de que a fotografia digital instaura um novo grau de verdade, na medida em que permite que se transmita uma diversidade de conceitos pessoais a respeito de cada cena do mundo: a fotografia analógica estaria submissa a um sujeito externo. Nos processos digitais, altamente compartilhados, há consciência sobre as fáceis possibilidades de transformação das imagens, o que altera o contrato visual que a sociedade mantinha com a fotografia (REVILLION, 2015).

Há alguns anos, fazer uma foto ainda era um ato solene reservado a ocasiões privilegiadas; hoje, disparar a câmera é um gesto tão banal quanto coçar a orelha. A fotografia se tornou onipresente, há câmeras por toda parte captando tudo. O que a meio século teria parecido uma sofisticada câmera de espião é hoje um padrão comum que carregamos no bolso. Seja o beijo furtivo de dois apaixonados ou o choque de um avião contra um arranha céu, nada escapa à voracidade e a indiscrição desse olhar vigilante que se iguala o olho onividente de Deus. (FONTCUBERTA, 2010).

É diante desse cenário que Pedro Revillion (2015) reitera a discussão: *porque se fotografa tanto? Quais são os principais usos da fotografia, hoje?* Ele entende que, para Fontcuberta (2010), a resposta está bem clara, sobretudo se direcionarmos o olhar para o segmento da sociedade que produz o maior número de imagens, os jovens<sup>12</sup>, que formam a parte mais atuante na mudança do significado das fotografias produzidas.

Para Fontcuberta (2010, p. 31),

As fotos que eles fazem não são concebidas como ‘documentos’, mas como ‘diversão’, como explosões vitais de autoafirmação; já não celebram a família, nem as férias, mas as salas de festas e os espaços de entretenimento. Constituem a melhor plasmação das imagens-kleenex: usar e descartar. Produzimos tanto quanto consumimos: somos tanto homo photographicus quanto simples viciados em fotos, quanto mais fotos melhor, nada pode saciar nossa sede de imagens, a soma da pós-modernidade.

Revillion (2015) entende que é indo de encontro com as ideias compreendidas como pós-modernas que a pós-fotografia se caracteriza como um tipo de imagem instantânea, longe do conceito do momento decisivo proposto por Cartier Bresson, mas próximo dos instantes diários e perenes, em que tudo pode ser fotografado, mostrado e, logo em seguida, descartado. Segundo Michel Maffessoli (2012), a pós-modernidade se caracteriza pela vontade do outro de “estar junto”, e esse estar junto acontece através dos sites de redes sociais e de outros aplicativos oriundos da internet. Há um sentimento de afirmação na medida em que se fotografa praticamente tudo. É como se as pessoas passassem a existir na medida em que possuem imagens compartilhadas nas redes digitais. Ou, como o próprio Fontcuberta (2010, p. 32-33) define:

Definitivamente, as fotos já não servem tanto para armazenar lembranças, nem são feitas para serem guardadas. Servem como exclamações de vitalidade, como extensões de certas vivências, que se transmitem, compartilham e desaparecem, mental e/ou fisicamente... Transmitir e compartilhar fotos funciona então como um novo sistema de comunicação social, como um ritual de comportamento que está igualmente sujeito a normas particulares de etiqueta e cortesia. Entre essas normas, a primeira estabelece que o fluxo de imagens é um indicador da energia vital, o que nos devolve ao argumento ontológico inicial do ‘fotografo, logo existo’.

---

<sup>12</sup> Uma pesquisa, em 2013, revelou que apenas 17% dos adultos, a partir dos 30 anos, são usuários do Instagram. Disponível em: <<http://www.pewinternet.org/2013/12/30/social-media-update-2013/>>. Acesso em: 6 de Julho de 2014.

Para Ronaldo Henn (2014), comportamentos digitais dessa envergadura são propulsores do que ele designa como ciberacontecimentos, eventos cuja processualidade articula-se, predominantemente, pelas redes sociais digitais. O autor estabelece seis categorias de ciberacontecimentos: mobilizações globais, protestos virtuais, exercícios de cidadania, afirmações culturais, entretenimentos e subjetividades. Desse conjunto, as designadas como subjetividades situam-se entre as que mais o intrigam. Suscetibilidades, alegrias, sofrimentos, celebrações, nascimentos, mortes. “Os ritos de passagem reiteram-se e reinventam-se: desde os que, em tempos anteriores, eram apenas vividos no universo particular da intimidade até os que já se engendravam publicamente, mas com visibilidade limitada” (HENN, 2014: 147). Segundo ele, os modos de subjetivação contemporâneos, tecidos na textura das redes digitais, são todos, potencialmente, acontecimentos públicos, “e isso dinamiza a cultura, transformando-a: o jornalismo vê-se, às voltas, com narratividades que tocam delicadamente no campo do sensível, do universo qualitativo da proposta fenomenológica de Peirce”. (HENN, 2014, p. 148).

Dentro do quesito “subjetividades”, nos últimos dois anos, cresceu no ambiente das redes, com intensa geração de pautas para o jornalismo, a chamada “onda *selfie*”, na qual pessoas, aproveitando-se das ferramentas dos dispositivos digitais, tiram fotografias de si mesmas, atitude que remete aos autorretratos que fizeram história nas artes visuais. Caminhando pelo Museu de Arte Moderna de Nova York, o visitante provavelmente ficará frente a frente com um dos vários autorretratos criados pelo pintor Vicente van Gogh. Ou seja, a ideia de retratar-se a si próprio é anterior ao desenvolvimento da caixa preta (para usar a designação de Flusser (1985)), mas convergente ao processo que se consagraria na câmara fotográfica, alimentado pela perspectiva renascentista. (MACHADO, 1986; FRAGOSO, 2002).

Provavelmente, um dos *selfies* mais emblemáticos da fase pré-câmara fotográfica seja a obra de Diego Velázquez, *As Meninas*, de 1656. Ao retratar a infanta Margarida Tereza de Habsburgo, o pintor cria um engenhoso jogo de espelhos em que, não apenas se coloca na cena retratada, mas ao mesmo tempo oferece seu olhar para o ponto de fuga da perspectiva central, o centro nevrálgico da câmara escura e de toda a narrativa audiovisual dela decorrente. Ao apontar para a singularidade dessa operação, Michael Foucault (1984), de certa forma, entende essa criação como um gesto evenemencial: um acontecimento eclode com campos problemáticos acionados até hoje e não esgotados.

Jana Brager (2014)<sup>13</sup> detêm-se em fotografia que integrou exposição em Auschwitz – Birkenau, designada como *Before They Perished*. Ela reúne fotos encontradas em malas de vítimas, após a liberação dos campos de concentração. Na imagem a que me reporto, uma menina aparece de joelhos com uma câmera sobre livro em cima da mesa. Ela aponta para si própria, refletida em um espelho, criando o que se chama hoje de *selfie*. O perturbador, é que se tem um registro de uma vítima de grande atrocidade histórica que, ao colocar-se na imagem, transformando-se em sujeito dessa operação, cria um espaço semiótico ambíguo: o singular do íntimo (privado) está intrinsecamente amalgamado de forma absoluta à terrível singularidade histórica (e pública) produzida pelo nazi/facismo.

Temos aqui o princípio semiótico do *selfie* como acontecimento jornalístico e histórico, independente da banalização que a indústria do entretenimento gerou, o que não deixar de tornar mais complexa toda essa reflexão. Qualquer registro, por mais íntimo que seja, entra na categoria de signo. E como signo, torna-se potencial desencadeador de uma semiose, que é pública. O *selfie* é fruto de uma pulsão do sujeito por querer falar de si e isso, por si só, é subjetivação. Ao querer falar de si, o sujeito que se fotografa se coloca frente ao mundo, se mostra, vira acontecimento. Ainda que este tema esteja um pouco distante do que é objeto de análise nesta pesquisa, a referência a esse fenômeno tem afim com proposta das narrativas nos blogs a questão da subjetividade.

Entende-se, diante disso, que a onda *selfie* consagra os postulados de Fontcuberta (2010) sobre a pós-fotografia. Já a hiperfotografia, ou fotografia 2.0, é um termo adotado pelo pesquisador estadunidense Fred Richtin<sup>14</sup>. Nesse conceito, a fotografia entra como peça-chave de articulação no ambiente digital e sua principal característica é a capacidade de conversação com outras mídias. Ao explorar as novas possibilidades de narrativas e empregabilidade da imagem digital, ela perpassa as limitações da fotografia analógica.

Com a fotografia se transformando em uma variedade de estratégias de mídia e se tornando parcialmente integrada a uma crescente e sofisticada multimídia, nós devemos procurar criar mais imagens usuais e exploratórias, não apenas as cheias de recursos técnicos e as que chocam. (RICHTIN, 2009, p. 12).

Postula-se que essa ideia está presente nos modos como as fotografias jornalísticas inserem-se nos blogs específicos, que tem a convergência como a sua própria natureza. De

---

<sup>13</sup> Disponível em: <http://thenewinquiry.com/essays/selfie-control/>. Acesso: 02 de mar. 2015.

<sup>14</sup> Fred Richtin é diretor de PixelPress.org, ex-editor do New York Times, e autor de vários livros. Atuou como professor adjunto de fotografia e comunicações na Tisch School of the Arts da New York University.

forma crescentemente intensiva, mais da maior parte do processo fotográfico está acontecendo depois que o obturador é apertado. "Cada vez mais, muito do processo fotográfico irá ocorrer depois que o obturador é acionado. A fotografia se torna uma pesquisa inicial, uma imagem rascunho, tão vulnerável à modificação quanto sempre foi a recontextualização". (RICHTIN, 2009, p.34). A hiperfotografia se caracteriza justamente nas articulações seguintes, feitas depois do clique. Atualmente, uma das primeiras ações do fotojornalismo é a de se colocar palavras-chave nos metadados<sup>15</sup> da imagem. "Ao fornecer esta referência, se induz a quem recebe a imagem sobre o que trata a fotografia, como por exemplo, nomes de pessoas, locais, e a descrição da cena". (REVILLION, 2015).

A imagem no ambiente digital pode se articular com as inúmeras possibilidades do mundo virtual, fazendo surgir um novo tipo de fotografia, como define Richtin (2009, p. 70-71):

Um novo tipo de fotografia emerge, não um espelho ou janela mas um mosaico. E permite para múltiplos caminhos levando a novas avenidas de exploração – ao hipertexto. Como o espelho de Alice, a fotografia hipertextual pode levar para o outro lado, podendo explorar uma situação social ou criar uma imagem poema. A fotografia não é mais um objeto tangível, um retângulo que lembra uma pintura, mas um imagem efêmera feita de tijolos... A fotografia digital como conhecemos agora, disfarça temporariamente o potencial revolucionário de uma fotografia não como espelhos ou janelas, retângulos estáticos, mas também como um mosaico interativo potencial que faz parte de um conjunto maior de dinâmicas de mídia conectadas... Uma fotografia inteira pode similarmente servir como um nó, a hiperfotografia, ambígua, visual e sem restrições, atraindo o segmento de uma conversação em potencial que leva, se o leitor estiver disposto, a outras fotografias, outras plataformas, outras ideias.

Uma fotografia digital pode deixar de ser somente uma imagem inserida dentro de uma plataforma. Ela ganha potência e capacidade de interlocução com outros assuntos, podendo estimular discussões. Uma imagem, por exemplo, possui quatro cantos e, ao se passar o cursor por cima deles, poderiam surgir informações referentes ao local em que foi capturada, quem são as personagens da foto, como ela foi processada e também para outras informações, como vídeos e textos referentes ao assunto da fotografia em si. Essas possibilidades que se apresentam no mundo digital servem justamente para o fotógrafo atual se relacionar com elas e pensar as suas fotografias nestes moldes e plataformas. É claro que, se em todas as imagens houvesse algum aspecto *multimedia* ou *hiperlinks*, tudo iria ficar

---

<sup>15</sup> Metadados é a informação que fica armazenada dentro de um arquivo digital de imagem. Este arquivo pode conter informações de autor, data, local, assunto da fotografia entre outros aspectos.

padronizado e sem espaço para criatividade: o que se deve fazer com os recursos disponíveis é justamente procurar novas maneiras de se narrar, estimulando o fotógrafo a trabalhar mais como um contador de histórias do que simplesmente um caçador de “momentos decisivos”.

“O frame fotográfico, que antes era um simples armazenador da imagem, pode agora guardar uma variedade de informações escondidas que ajudam a contextualizar e amplificar os significados da imagem, acessíveis para o leitor interessado.” (RICHTIN, 2009, p. 143)

A proposta de Richtin (2009) está em sintonia com aquilo que Jenkins, Ford e Green (2013) chamam de *spreadable media*, ou mídia espalhada. Esse conceito articula-se em uma distinção entre distribuição, que está no topo dos processos de mídia, com a circulação, que possui caráter essencialmente híbrido e não linear. O conteúdo literalmente espalha-se numa série de transações entre agentes de diferentes quilates. É uma mídia que viaja entre plataformas midiáticas, com o tônus do compartilhamento. Os autores compreendem que está em curso uma verdadeira reestruturação dos complexos midiáticos. Um dos sintomas mais significativos dessa reestruturação, e que serve como palco das tensões conceituais contemporâneas, encontra-se nos processos transnarrativos que envolvem conexões entre diferentes plataformas e suportes midiáticos, incluindo os chamados ambientes *offline*.

A narratividade espalhada, corroborada com acontecimentos que já possuem natureza narrativa, forma um foco de tensões que envolvem, não só o jornalismo (HEINRICH, 2011; RUSSEL, 2011), mas todo o sistema midiático contemporâneo. Os blogs de fotojornalismo, que são potenciais nós de espalhamento, convertem-se em plataformas que dinamizam os processos aqui esboçados e aventuram-se para novos desafios estéticos.

### 3.2 A ESTÉTICA DOS BLOGS

Ronaldo Henn (2013, p. 9), no prefácio do livro *Teorias Semióticas em uma Perspectiva Estética*, de Gilmar Hermes, chama atenção para o estatuto epistêmico da semiótica peirciana, que oferece “ferramentas lógicas para a investigação de processualidades comunicativas dos mais diversos matizes”. Tomo por empréstimo a perspectiva da estética peirciana adotada por Hermes, na condução de sua investigação sobre as ilustrações de jornais, como meio para pensar as processualidades fotojornalísticas que vem sendo desenvolvidas pelo jornalismo no ambiente digital, mais especificamente pelos *blogs* das organizações jornalísticas tradicionais.

As novas práticas fotojornalísticas produzem semioses complexas que transitam entre as categorias fenomenológicas peircianas (primeiridade, secundidade e terceiridade), cada qual inter-relacionada à anterior. Na compreensão de um *post* fotojornalístico, por exemplo, estaremos acessando a terceiridade, uma vez que “tudo o que acessamos e pensamos já está inscrito em nível terceiro”, pois “todo o signo já está inscrito em algum nível de codificação” (HENN, 2013, p. 11 *In*. HERMES, 2013). Transitamos, a todo tempo, entre as três categorias fenomenológicas peircianas. Dada a dificuldade de acessar signos puros, lidamos com o que se chama de signos degenerados.

Para Hermes (2013), um dos aspectos mais importantes a ser considerado na teoria peirciana é o relacional, existente entre as categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade, quando se configuram em processos:

As questões estéticas, voltadas para a sensibilidade, relacionam-se a atividades humanas que tentam redefinir no plano da primeiridade, embora essa seja sobretudo a ordem do impossível, pois os aspectos qualitativos, à medida em que são notados como existentes, passam para a ordem da secundidade. E quando se articulam, mesmo de uma maneira muito marcada pela ordem do sensível, com algum tipo de conceito, de generalização lógica, esses aspectos passam a configurar mediações na ordem da terceiridade. (HERMES, 2013, p. 48).

Percebo uma estética própria que é facultada pelo espaço – físico, inclusive – dos *blogs* das editorias de fotografia das empresas jornalísticas, o que permite que se estabeleça o trânsito de novas sensibilidades às narrativas fotográficas ali veiculadas. Ou seja, o próprio meio produz um estatuto estético para o conteúdo que nele é veiculado de modo fluído, em função de que o meio permite que se apresente uma sequência de fotos para contar uma história. Uma narrativa é, no *blog*, contada foto a foto, numa cadência. O acontecimento jornalístico é dado a ver pelas imagens, questão crucial para esta pesquisa.

As pautas escolhidas - em meio a tantas produzidas pelos veículos tradicionais - para serem postadas no *blog* das editorias de fotografia não são somente as que se voltam para temáticas relacionadas ao belo. Estas, por serem qualitativas e renovadoras do fotojornalismo, são as que mais interessam a esta pesquisa, e são, também, aquelas cujos assuntos estão ligados aos valores-notícia tradicionais do jornalismo praticado em cadeia pelo jornalismo em convergência. Ao que diz respeito à publicação de *posts* que primam pela ordem da estética fotográfica, *pictures stories* dos mais diversos matizes vem sendo narradas, desencadeadas em sequencialidade fotográfica para dar a ver, de outra forma, os acontecimentos jornalísticos,

estabelecendo suas estéticas a partir da condução das narrativas pelas imagens. Tem-se, assim, a versão dos acontecimentos protagonizada pelo encadeamento das fotografias em sequência, permitindo a leitura da história foto a foto. Interessa aqui, sobretudo, ressaltar que outros matizes são esses. O acontecimento narrado pela sequência das *pictures stories*, gênero maior do fotojornalismo (SOUSA, 2004), produz outra versão para o discurso que vem sendo empreendido nos demais canais da mídia. Nos blogs, ele ultrapassa muitas vezes os cânones, até então legitimados pelo fotojornalismo tradicional.

Na obra *Entre o sensível e o comunicacional*, organizada por Leal, Mendonça e Guimarães (2010), Braga (2010) lista pontos que relacionam a experiência estética e a mediatização. Entre eles, elejo um para tomar de exemplo ao que me é caro nesta pesquisa, e que percebo em comunhão com os demais autores aqui relacionados. O autor ensina que “os objetos (“obras”) não são tomados em si mesmos como estéticos, mas os processos – nos quais certamente obras, coisas, produtos, acontecimentos, paisagens podem ser vetores de experiência estética”. (BRAGA, 2010, p. 74). Percebo pautas eminentemente fotográficas sendo produzidas para *blogs organizacionais*, apresentando o acontecimento como algo que retêm o olhar.

Uma vez que se trata de processos cuja latência está na ordem do devir, a cada nova cobertura os fotojornalistas precisam produzir fotos novas. Mesmo que, sob alguns aspectos, tratem-se de coberturas rotineiras, elas são ressignificadas. Os profissionais devem sempre pensar em algo que não foi produzido, mas que pode vir a ser, tanto para falar do que é notícia de novo (sempre irrepitível) quanto em função do que se estabelece como novo, em novas condições espaciais, como o *blog*, no qual há fruição de inovações estéticas.

Hermes (2013), e vários outros autores (*in* LEAL; MENDONÇA; GUIMARÃES, 2010)<sup>16</sup>, tem em comum o diálogo com o campo estético na comunicação e, mais expressivamente, para o que interessa a esta pesquisa, no jornalismo. Eles encaram a Estética como uma disciplina voltada para problemas relacionados à sensibilidade, o que é “[...] inerente a todas as atividades humanas e, portanto, também à comunicação e não só às artes”. (HERMES, 2013, p. 16). Como dizem, na apresentação do livro, “[...] a experiência estética não se reduz à ontologia dos objetos artísticos, é guiada por uma dimensão relacional entre [...] a ‘dimensão sensível inerente a todos os processos comunicacionais’ e uma ‘concepção

---

<sup>16</sup> Participei de dois *Seminários de Pesquisa Avançada* durante o doutorado, com dois dos autores compõem esta obra: Bruno Souza Leal, na Unisinos, em 2011, que tratou sobre narrativas poéticas no jornalismo; e Paulo Bernardo Vaz, na Ufrgs, em 2012, que discutiu sobre narrativas fotojornalísticas que apresentam relações com o campo da arte. Entre as narrativas discutidas por Vaz, estava o artigo intitulado *Cristo Revisitado: experiência estética e fotojornalismo*, publicado nesta obra.

essencialmente comunicante de toda a sensibilidade”’. (LEAL; GUIMARÃES; MENDONÇA, 2010, p. 8). Em comum, os autores buscam “[...] apreender as manifestações da experiência estética em objetos comunicacionais diversos, tais como notícias impressas, fotografias jornalísticas”’. (LEAL; GUIMARÃES; MENDONÇA, 2010, p.11).

Entre os autores da obra supracitada, Valverde (2010, p. 61) observa que a trajetória da teoria estética historicamente viveu um percurso de deslocamentos, e que talvez isso tenha contribuído para tornar obscura a natureza de seu objeto – *a sensibilidade* –, “reconhecidamente ambíguo e escorregadio”. Segundo esse autor, na época em que todas as atenções estavam voltadas para as ciências naturais, a sensibilidade era pensada como etapa inicial e primitiva do processo cognitivo, reduzida à faculdade de receber sensações. Literalmente, a sensibilidade é a capacidade de apreensão do que há no mundo sensível, mas este não se restringe ao mundo natural e inclui tudo o que nos cerca: natureza, objetos técnicos, formas simbólicas. (VALVERDE, 2010, p. 61).

A pertinência, aqui, ao tentar estabelecer um diálogo mínimo entre o jornalismo dito tradicional e o que vejo como novo na estética dos blogs justifica-se em função de que a trajetória do fotojornalismo é ainda muito marcada por sua ontológica relação ao referente real – a “contiguidade física”. Porém, ao perceber o jornalismo muito mais pragmaticamente empenhado na construção do “real”, impõe-se o enfrentamento entre o real e o ficcional, principalmente quando sabemos como são produzidas as pautas do agendamento midiático.

Hermes (2013) percebe essa dicotomia ao relacionar o conceito de objetividade jornalística a partir da “[...] ciência objetiva”, à qual Peirce se refere e o fato de que as semioses [...] podem estar vinculadas não a objetos da realidade física, mas a algum tipo de imaginação”’.

No jornalismo, tenta-se produzir signos vinculados unicamente à realidade, mas os estudos demonstram, através da teoria da *agenda setting*, como determinadas versões dos fatos tendem a se impor na concorrência entre os veículos de comunicação. A semiótica peirciana tende a elucidar as dificuldades existentes, já que o objeto dinâmico da semiose jornalística, pode ser, ao fim das contas, algo fictício. (HERMES, 2013, p. 36).

Percebo, no ambiente da cultura digital dos *blogs* das editorias de veículos tradicionais, uma latência efetiva para a fruição de novas estéticas que transcendem a separação dos conceitos de objetividade jornalística e estética sensível, por exemplo.

As rotinas produtivas dos profissionais que publicam suas histórias fotográficas nos blogs das redações jornalísticas estão convencionadas dentro de parâmetros estruturais e organizacionais da empresa para a qual trabalham. Em pesquisa anterior, percebi que é no contexto da redação que

[...] se estabelece o convívio diário com as saídas/pautas oriundas do agendamento, bem como a vivência com as situações que irrompem por conta do acaso, da imprevisibilidade – nas quais se inscrevem os flagrantes, resultantes, na maioria das vezes, da percepção aguçada e/ou intuitiva por parte dos repórteres-fotográficos em suas buscas pela fotografia-notícia. São estas últimas situações que muitas vezes alteram o rumo da edição jornalística. (SALLET, 2006, p. 2).

A busca pela fotografia-notícia – via pauta fotográfica – aparece agora contemplada por mais um canal, cujo poder narrativo empregado nas sequências imagéticas propõe que a linguagem fotográfica tome frente e abra brechas para o novo no fotojornalismo. Nos blogs organizacionais das editorias de fotografia dos jornais tradicionais, há inúmeras possibilidades: da apropriação à reapropriação pelos fotojornalistas e editores das fotos oriundas das coberturas pautadas pela redação. Decorre que pautas, ao serem pensadas originalmente para o blog, possam também ser repensadas para a convergência de outros canais da redação; possibilidade latente<sup>17</sup>.

Do jornalismo dos portais noticiosos para as demais camadas até o blog, algumas questões se colocam: *como os blogs das editorias de Fotografia das redações de jornais tradicionais se apropriam das produções das pautas fruto da convergência digital? Pode o blog ser pensado primeiro? Quando quantidade e qualidade de fotos de um post, por exemplo, podem traduzir-se como experiência estética que transcende o jornalismo tradicional?* Olhando a partir do que vem sendo publicado pelos blogs, percebe-se o aproveitamento de material fotográfico que o jornalismo tradicional não absorvia por falta de espaço. Apenas os próprios fotojornalistas, além de outros eventuais profissionais da redação, como editores e repórteres, viam o que não era visto pelo público leitor de jornal. O suporte blog pressupõe o acontecimento contado pela fotografia jornalística, ou por uma sequência dela. Uma possibilidade eminente para os repórteres-fotográficos.

Após situar a blogosfera no jornalismo e problematizar as questões relacionadas à estética e à semiose no ambiente digital, parto para a pesquisa exploratória, na qual busco

---

<sup>17</sup> Alguns exemplos disso estão em capítulo adiante, quando relaciono o que digo aqui com o que ocorre nas práticas jornalísticas atuais das redações e editorias de Fotografia dos veículos que escolhi como *corpus* para esta pesquisa.

observar as novas práticas e narrativas relacionadas aos blogs de fotografia. Início com uma observação ampla para, posteriormente, deter-me em dois blogs específicos, já tratados brevemente neste capítulo – o *Focoblog* e o *Diário da Foto*, dos jornais *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, respectivamente. A fundamentação teórica aqui apresentada guia os próximos passos da pesquisa, quando busco, nos blogs selecionados para o corpus, identificar e problematizar questões referentes às práticas e às linguagens fotojornalísticas do novo espaço ocupado pela fotografia.

## 4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A internet representou uma mudança de paradigma impressionante na comunicação como um todo, afetando, particularmente, o jornalismo. Isso não só do ponto de vista da produção, mas também nos da recepção e circulação de conteúdos jornalísticos e fotojornalísticos. A produção, por exemplo, antes feita só para impressos (jornais, revistas e demais publicações), com a web, multiplicou-se. As práticas reconfiguram a forma de fazer (foto)jornalismo. A convergência digital faz com que as produções jornalísticas e fotojornalísticas alimentem, em camadas, os vários canais: do *on-line* aos blogs. Os últimos, e falo especialmente dos blogs de fotografia dos jornais, gerenciados pelos fotojornalistas, podem ser chamados de última camada produtiva, pois é para onde escoam as narrativas fotojornalísticas, sequências fotográficas produzidas nas pautas.

Exceções à regra, essa ambiência (blog) atribui valor de forma, no mínimo, diferenciada ao que é produzido nas pautas fotojornalísticas, pois o editor, por exemplo, em seus processos de edição, pode contar com a ajuda do autor/produtor das fotos para constituir as narrativas, processo que nem sempre é possível ou normatizado pela edição tradicional do fotojornalismo. O espaço do blog é pensado para mostrar exatamente a constituição de cada pauta a partir do fotográfico. Ele é abundante o suficiente em quantidade e qualidade para contar a narrativa pelo viés visual; nele há mais tempo para a produção em relação aos *deadlines* dos demais suportes, tanto da própria cultura digital quanto, inclusive, do impresso.

Olhar o fotojornalismo a partir das narrativas constituídas pelos blogs *Diário da Foto* e *Focoblog*, corpus desta pesquisa, significa buscar entender os espaços para onde as histórias fotográficas do impresso, que discuti na pesquisa anterior (SALLET, 2006), tomam lugar, agora, na web. Ambos fazem parte das editorias dos dois últimos jornais para os quais trabalhei profissionalmente como repórter-fotográfica, antes de passar a me dedicar exclusivamente à docência. A investida para esta pesquisa requereu caráter metodológico que contempla: entrevista com informantes-chave, no caso o editor de Fotografia de cada um dos blogs, em função de que muitos dos procedimentos produtivos são descobertos a partir daí; oportunidade de estar etnograficamente no lugar onde são construídas as narrativas, aliando, posteriormente à observação sistemática dos próprios blogs; à captura dos *posts*, à categorização e à análise propriamente dita das *narrativas fotográficas*<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Na verdade, o que se faz nesta pesquisa é um trabalho de inspiração etnográfica dentro do que se convencionou chamar de “acompanhamento de rotinas produtiva” (SALLET, 2006), na medida em que os

Durante o percurso, concomitante à busca pela fundamentação teórica, houve a observação exploratória, iniciada através do acompanhamento das novas práticas do fotojornalismo no ambiente da cultura digital da web. Foram observadas as postagens nos blogs dirigidos pelas equipes de fotojornalistas de jornais tradicionais, e critérios qualitativos levaram-me à seleção de algumas postagens como amostra das novas narrativas fotográficas dos *blogs*. Nelas, realizei descrições, análises e inferências com o intuito de perceber inscrições do que venho chamando de novas camadas de acontecimentos nos *blogs* fotojornalísticos corporativos. (PRIMO, 2010). Ao longo do doutorado, apropriei-me de alguns materiais exploratórios para a elaboração de artigos, o que constituiu parte do meu processo de lapidação até chegar à pesquisa propriamente dita.

A pesquisa qualitativa é caracterizada por ser aberta aos conceitos que surgem ao longo do processo, e que serão aprimorados com os resultados obtidos a partir dos métodos empregados. (ANGROSINO, 2009). Na busca por resultados qualitativos para me apropriar de parte dos processos imbricados na produção dos blogs das editorias de fotografia dos jornais *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, o *Focoblog* e o *Diário da Foto*, respectivamente, realizei duas entrevistas com os editores que respondem pelos blogs: Bruno Alencastro<sup>19</sup> (*Focoblog*) e André Feltes (*Diário da Foto*) - juntamente com Feltes, participou o repórter-fotográfico Mateus Bruxel, que também edita o blog. Os entrevistados foram escolhidos pelas funções que desempenham nas editorias de fotografia. André Feltes é editor do *Diário Gaúcho*, desde o lançamento do jornal, em 2000; Mateus Bruxel trabalha no veículo desde 2011. A conversa com os dois aconteceu no dia 30 de maio de 2014, na redação do jornal *Diário Gaúcho*, que funciona junto ao prédio da *Zero Hora*, em Porto Alegre (RS). Alencastro está na *Zero Hora* desde 2012, quando, já em seu ingresso, passou a ter, entre as funções, a edição do *Focoblog*. A conversa com Bruno ocorreu no dia 28 de maio de 2014, nas dependências da editoria de Fotografia da *Zero Hora*.

As entrevistas foram agendadas por e-mail e realizadas presencialmente, utilizando como instrumentos de coleta um bloco de anotações e um gravador de voz, a fim de obter o “registro literal” da conversa. Por se tratar de pesquisa qualitativa, as entrevistas foram semiestruturadas por meio da utilização de um roteiro de perguntas. Com o objetivo de deixar fluir as conversas, em diversos momentos deixou-se o entrevistado seguir em sua fala e, em

---

tempos de inserção e observação são menores. A *netnografia* poderia ser pensada como uma transposição dessa inspiração etnográfica para o ambiente digital (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011), mas no caso desta pesquisa o que se fez foi um acompanhamento contínuo dos blogs investigados.

<sup>19</sup> Realizei a entrevista para fins da qualificação com o editor do *Focoblog*, Bruno Alencastro, em 29 de abril de 2013.

outros, houve a intervenção com questionamentos a partir das respostas dos informantes. Desta forma, as entrevistas podem ser classificadas como semiabertas. (DUARTE, 2008).

[...] Não basta ouvir fontes e fazer um relato para considerar realizada uma pesquisa válida e confiável. As condições de validade dizem respeito à capacidade de os instrumentos e sua utilização adequada fornecerem os resultados que o pesquisador se propôs obter. [...] Validade e confiabilidade no uso da técnica de entrevistas em profundidade dizem respeito, particularmente, a três questões: seleção de informantes capazes de responder à questão de pesquisa; uso de procedimentos que garantam a obtenção de *respostas* confiáveis; descrição dos resultados que articule consistentemente as informações obtidas com o conhecimento teórico disponível. (DUARTE, 2008, p. 67-68).

A transcrição das entrevistas consta nos Apêndices 1 e 2 deste trabalho. A partir dela, buscaram-se trechos importantes de serem tensionados e que se encontram ao longo dos capítulos desta tese.

#### 4.1 DESCRIÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

As pautas fotográficas que dão origem a cada *post* do *Focoblog* e do *Diário da Foto* partem, em sua grande maioria, da encomenda da redação à editoria de fotografia. O percurso de cada uma se dá pela semiose da convergência e do espalhamento<sup>20</sup>, perpassando os diversos canais produtivos, que se iniciam nos veículos *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, por portais noticiosos, redes sociais, impresso e *blog*. Último reduto, portanto, ainda que aparentemente com mais tempo de *deadline* para os *posts*, nos blogs não há destinação de tempo específico para o cumprimento da tarefa de blogar, nem mesmo uma regulamentação para esse trabalho – a função de blogueiro – dentro da empresa. Trata-se, então, de mais um encargo dentro do contexto de cada uma das redações, trabalho que os profissionais se dispõem a cumprir, principalmente porque os blogs surgiram da iniciativa dos próprios repórteres-fotográficos.

A característica principal do *Focoblog*, em relação ao *Diário da Foto*, para além das evidências que se sobressaem de linha editorial, é o fato de raramente contar com texto escrito em suas narrativas fotográficas, contém apenas um título que serve como “gatilho mental”.

---

<sup>20</sup> Conforme conceito proposto por Jenkins, Ford e Green (2013), em *Spreadable Media*.

Bruno Alencastro (2014), editor do *Focoblog*, em entrevista, garantiu que o que interessa mesmo é “encher os olhos<sup>21</sup>”. O *Diário da Foto* abre suas narrativas fotográficas sempre com texto escrito, por menor que seja. Ele trata de informar, principalmente, se o acontecimento é visto só por esse canal. Também oferece uma contextualização que situa o leitor com as informações que não estão nas fotos, tais como: onde, como, quando etc.

Se, por um lado, a fotografia evoca questões que o texto escrito não consegue expressar, por outro, o texto escrito induz à determinada leitura da imagem que o acompanha, em se falando da mídia tradicional. No blog, a leitura do acontecimento é realizada de forma que as fotografias forneçam outros elementos, de ordem estética – forma, plano, composição, luz, cor, ausência da cor, perspectiva etc. –, que permitem outras leituras, pela visualidade. Neste sentido, questiono: *em que medida as imagens que compõem cada post dos blogs problematiza o que é convencional no jornalismo?*

Por vezes, os leitores chegam aos *blogs* orientados por *links* de outras leituras, seja do site que os remete através de “veja mais fotos no blog”, ou pelas redes sociais que também indicam o *Focoblog* e o *Diário da Foto*, ou mesmo pelo impresso, que também produz marcas que remetem ao ambiente da cultura digital. Os leitores que buscam diretamente os blogs já o fazem por serem parte do público definido e segmentado desses veículos: um público formado por quem gosta de ver o acontecimento em função de suas preferências pela estética fotográfica.

#### 4.2 CATEGORIZAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS FOTOGRÁFICAS

Para categorizar as narrativas fotográficas do *Focoblog* e do *Diário da Foto*, além das tecnologias que o fotógrafo dispõe para cada tipo de cobertura, também se fazem necessárias descrições de elementos próprios da linguagem fotográfica, tais como: cor, forma, composição, linhas, perspectiva, entre outros. Além disso, aproprio-me, também, dos gêneros fotojornalísticos definidos por Sousa (2002). Ele os classifica em:

[...] notícias (englobando os subgêneros das spot news e das notícias em geral), features, retrato, ilustrações fotográficas, paisagem e histórias em fotografias ou picture stories (que engloba os subgêneros das foto-reportagens e dos foto-ensaios,

---

<sup>21</sup> Todas as referências aos editores que fazem parte do contexto dessa pesquisa foram extraídas das entrevistas concedidas à autora desta tese, conforme consta nos apêndices 3 e 4 desta pesquisa.

podendo misturar fotografias de várias das categorias anteriores). (SOUSA, 2002, p. 109).

Dentro da categoria de notícias estão as *spot news*, ou fotos únicas, geralmente de acontecimentos imprevistos, como acidentes de qualquer natureza, ou qualquer acontecimento que quebre a rotina da ordem prevista. Também chamada de *hard new* - está entre os dois principais tipos de acontecimentos por mim tratados na pesquisa anterior (SALLET, 2006)-, resulta, dentro das rotinas produtivas dos fotojornalistas, no material que desbanca o que estava planejado, ou seja, no outro tipo de acontecimento que Sousa (2002) chama de *general news*. As últimas, também chamadas de “notícias em geral”, permitem ao fotógrafo algum planejamento prévio, do tipo de construção fotográfica às tecnologia e técnica que serão usadas. Todos os outros acontecimentos que podem ser previstos, a grosso modo, abarcam essa categoria, como todas as pautas agendadas antecipadamente (ex.: conferências, inaugurações, coletivas de imprensa e entrevistas).

*Features photos* é outro gênero fotojornalístico apontado pelo autor, e corresponde às fotografias que contêm valor na própria imagem, ou seja, não precisam de textos explicativos, reduzindo-os ao “como, onde e quando”. “Trata-se de fotografias de instantes fluídos quando o foto-repórter [...] age numa esfera de maior liberdade artística e estilística [...] o nunca visto”. (SOUSA, 2002, p. 114-115).

Há, principalmente, três tipos de *feature photos*: as fotografias de interesse humano, as fotografias de interesse pictográfico (Lester, 1991: 11-12) e as fotografias de animais. Não obstante, conciliar o interesse humano com o interesse pictográfico numa foto é possível... e desejável. (SOUSA, 2002, p. 116).

Retrato, individual ou coletivo, que pode ser ambientado ou não ambientado, é um dos gêneros categorizados em Sousa (2002). Ele surge na imprensa em função de os leitores querem saber como são as pessoas que aparecem nas histórias. Os retratos, que recortam principalmente o rosto das fontes das matérias, os mug shots (do inglês, “to make faces”), são o famoso “boneco”, no jargão jornalístico das redações tradicionais.

Ainda que a maioria dos fotojornalistas não considere as ilustrações fotográficas como gênero do fotojornalismo, em Sousa (2002) elas aparecem como tal. Podem ser fotografias únicas ou fotomontagens, estejam constituídas somente de fotos ou unidas com

desenhos/ilustrações. Diga-se de passagem, esse tipo de recurso é cada vez mais usado pelo jornalismo<sup>22</sup>.

O autor define as *picture stories* como gênero fotojornalístico no qual um conjunto de imagens constitui uma narrativa. O conjunto pode conter retratos, *spot news* e outros tipos de fotografias. Geralmente, as *picture stories* são constituídas de fotografias diversificadas, com planos gerais, planos médios e planos de detalhes, que mostram o meio, o sujeito e as ações, retratos e uma fotografia que encerra a sequência. Esses tipos são apresentados em ordem que dê sentido a uma história.

As *picture stories* usualmente reúnem cinco tipos de fotografias: (1) planos gerais globalizantes em que participam os principais elementos significativos, (2) planos médios e de conjunto das ações principais, (3) grandes planos e planos de pormenor de detalhes significativos do meio, dos sujeitos e das ações, (4) retratos dos sujeitos, em close-up (grande plano) ou noutros planos, como o plano americano (corte acima dos joelhos) e (5) fotografia de encerramento. (SOUSA, 2002, p.129).

Dentro das *pictures stories* está o foto-ensaio:

O foto-ensaio é uma história em fotografias que procura analisar a realidade e opinar sobre ela (fotografia com ponto de vista). Uma das diferenças mais significativas e comuns entre as foto-reportagens e os foto-ensaios na actualidade reside na abertura destes últimos a formas alternativas de expressão. (SOUSA, 2002, p.131).

O objetivo da fotorreportagem é documentar uma situação real no fotojornalismo, enquanto que o foto-ensaio admite outras nuances, como marcar posicionamento por parte do autor. As sequências fotográficas, ou *picture stories*, dos *posts* de ambos os blogs desta pesquisa dividem-se em *ensaios individuais*, cuja pauta é uma narrativa de um único autor, ainda que não necessariamente em um único dia de cobertura da mesma pauta, e *ensaios coletivos*<sup>23</sup>, que compilam as melhores fotos de vários autores dentro de uma mesma pauta, ou

<sup>22</sup> Referência fundamental sobre ilustrações no jornalismo é a tese doutoral *As ilustrações de jornais diários impressos: explorando fronteiras entre jornalismo, produção e arte*, do professor e pesquisador Gilmar Hermes, com orientação do professor e pesquisador Ronaldo Henn. Hermes, em 2006, conquistou o prêmio Adelmo Genro Filho de melhor tese do Brasil, defendida em 2005, no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

<sup>23</sup> A designação “ensaios coletivos” não se refere ao que se convencionou chamar de “coletivos fotográficos”, que são práticas de jornalismo contemporâneas, baseadas na colaboração e compartilhamento não vinculadas às empresas tradicionais.

tema. No segundo caso, principalmente, muitas vezes o *post* é oriundo de uma minuciosa seleção das imagens compiladas de suítes de pautas do início ao fim de uma cobertura.

Uma característica das sequências fotográficas dos *posts* é que as histórias não são contadas necessariamente como em um filme (fotográfico), que respeita o ordenamento dos acontecimentos jornalísticos. Cada ensaio possui uma “ordem” diversa, até porque se trata de seleções qualitativas, pressupondo sempre novos empregos de sentido às narrativas construídas na edição do material. Lê-se às sequências fotográficas dos *blogs* de cima para baixo, normalmente da esquerda para a direita. Cada foto que compõe um ensaio, no caso dos *posts coletivos*, vem acompanhada do nome do autor, disposto abaixo e à esquerda. Em *posts individuais*, a autoria é anunciada uma única vez, na abertura. As histórias fotográficas são apresentadas sempre por ordem de periodicidade, da atual às que lhe antecedem, por ordem de publicação, as de datas anteriores.

#### 4.3 SELEÇÃO E ANÁLISE

Observo os movimentos migratórios do fotojornalismo desde a troca dos processos: do analógico para o digital. São mudanças que não cessam, ao contrário, cada vez mais se complexificam. Os blogs de fotografia disponibilizados através dos sites dos jornais tradicionais surgiram quase uma década depois do ingresso dos jornais na rede, praticamente quando já havia se instalado um ambiente digital no jornalismo<sup>24</sup>. O blog *The Big Picture*<sup>25</sup> iniciou em 2008; os dois blogs que compõe o corpus desta pesquisa, *Focoblog* e *Diário da Foto*, datam de 2008 e 2010, respectivamente.

Primeiramente, como processo exploratório desta tese, observei blogs coletivos e individuais. Alguns deles apareceram ao longo do estudo, outros deixaram de existir, caso do *FotoGlobo*, do jornal *O Globo*, que encerrou o trabalho em maio de 2013; e do *Olhar sobre o Mundo*, do *Estadão*, que saiu da blogosfera em janeiro de 2014. Relaciono, abaixo, alguns endereços da web que fizeram parte da observação generalizada, para posteriormente ater-me aos dois blogs que proponho como objeto de pesquisa.

---

<sup>24</sup> Importante contribuição sobre os estudos da chamada blogosfera é a dissertação de mestrado de Leonardo Foletto, intitulada *Blog Jornalístico: definição e características na blogosfera brasileira*, realizada pela Universidade Federal de Santa Catarina, em 2009.

<sup>25</sup> Blog de fotografia do jornal americano *Boston Globe*, inaugurado em abril de 2008, um dos primeiros do gênero fotográfico que fez escola, sendo seguido imediatamente pelos jornais brasileiros como *O Estado de São Paulo*, com o blog *Olhar sobre o mundo* (em outubro de 2009), e posteriormente pelos demais do eixo Rio-São Paulo e os gaúchos *Focoblog* (2009) e do *Diário da Foto* (2010).

**Quadro 1** – Blogs e sites individuais observados

Henrique Manreza	< <a href="http://www.manreza.com.br/blog">http://www.manreza.com.br/blog</a> >
Carlos Macedo	< <a href="http://reporternarua.wordpress.com">http://reporternarua.wordpress.com</a> >
Daniel Marengo	< <a href="http://provacontato.blogspot.com.br">provacontato.blogspot.com.br</a> >
Ricardo Duarte	< <a href="http://fotografandoeandando.blogspot.com.br">http://fotografandoeandando.blogspot.com.br</a> >
Mateus Bruxel	< <a href="http://mateusbruxel.wordpress.com/">http://mateusbruxel.wordpress.com/</a> >
Rafael Andrade	< <a href="http://dezesseistrintaecinco.blogspot.com.br/">http://dezesseistrintaecinco.blogspot.com.br/</a> >
Pedro Martinelli	< <a href="http://www.pedromartinelli.com.br/blog/">http://www.pedromartinelli.com.br/blog/</a> >
Danilo Verpa	< <a href="http://daniloverpa.blogspot.com.br/">http://daniloverpa.blogspot.com.br/</a> >
Anna Carolina Negri	< <a href="http://www.acnegri.blogspot.com.br/">http://www.acnegri.blogspot.com.br/</a> >
Eduardo Anizelli	< <a href="http://www.eduardoanizelli.blogspot.com.br/">http://www.eduardoanizelli.blogspot.com.br/</a> >
André Feltes	< <a href="http://www.andrefeltes.com/">http://www.andrefeltes.com/</a> >

**Quadro 2** – Blogs e sites coletivos observados

Magnum Photos	< <a href="http://www.magnumphotos.com">http://www.magnumphotos.com</a> >
Entretempos	< <a href="http://entretempos.blogfolha.uol.com.br">entretempos.blogfolha.uol.com.br</a> >
Focoblog	< <a href="http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/?topo=13,1,1,,13">http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/?topo=13,1,1,,13</a> >
Garapa	< <a href="http://garapa.org/">http://garapa.org/</a> >
The Big Picture	< <a href="http://www.boston.com/bigpicture/">http://www.boston.com/bigpicture/</a> >
Diário da Foto	< <a href="http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/?topo=52,1,1,,186,e186">http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/?topo=52,1,1,,186,e186</a> >
Favela em Foco	< <a href="http://favelaemfoco.wordpress.com/">http://favelaemfoco.wordpress.com/</a> >
LightBox (LIFE)	< <a href="http://lightbox.time.com/">http://lightbox.time.com/</a> >
Cia de Foto	< <a href="http://ciadafotodigital.blogspot.com.br/">http://ciadafotodigital.blogspot.com.br/</a> >
Estadão	< <a href="http://blogs.estadao.com.br/olhar-sobre-o-mundo/">http://blogs.estadao.com.br/olhar-sobre-o-mundo/</a> >
Lens (NY Times)	< <a href="http://lens.blogs.nytimes.com/">http://lens.blogs.nytimes.com/</a> >
FotoCorreio	< <a href="http://www.correiodopovo.com.br/blogs/fotocorreio">http://www.correiodopovo.com.br/blogs/fotocorreio</a> >
O Globo	< <a href="http://oglobo.globo.com/blogs/fotoglobo/">http://oglobo.globo.com/blogs/fotoglobo/</a> >
OlhavÊ	< <a href="http://www.olhave.com.br/blog/">http://www.olhave.com.br/blog/</a> >
Veja	< <a href="http://veja.abril.com.br/blog/sobre-imagens/tag/fotojornalismo/">http://veja.abril.com.br/blog/sobre-imagens/tag/fotojornalismo/</a> >
Galeria experiência	< <a href="http://galeriaexperiencia.com.br/blog/">http://galeriaexperiencia.com.br/blog/</a> >
Pangéia de dois	< <a href="http://pangeiadedois.wordpress.com/">http://pangeiadedois.wordpress.com/</a> >
National Geographic	< <a href="http://viajaequi.abril.com.br/national-geographic/fotografia">http://viajaequi.abril.com.br/national-geographic/fotografia</a> >

A partir de observação de caráter aleatório e amplo foram eleitos para pesquisa o *FocoBlog* e o *Diário da Foto*, porque são atualizados regularmente e são oriundos dos jornais impressos para os quais trabalhei profissionalmente. Acompanhar, pela pesquisa, o processo de migração do impresso para as demais camadas da convergência midiática atualiza a minha própria relação com a profissão que escolhi. A delimitação do corpus compreende o recorte dos *posts*, no período de junho de 2013 a junho de 2014, e de um *post* anterior, intitulado *Ócio criativo*, presente na qualificação desta tese, parte do processo, portanto, para chegar até aqui.

De maneira geral, considero todos os *posts* qualificados para a discussão que proponho, relacionada à ampliação dos espaços para o fotojornalismo no ambiente *on-line*, onde o acontecimento, como objeto semiótico das narrativas jornalísticas, encontra condições para ter um pouco mais de sua complexidade contemplada, aspecto que desburocratizaria a linguagem jornalística. (HENN; SALLET, 2013).

Em função da abundância de material, fez-se necessário um recorte radical, feito com a escolha dos ensaios mais qualitativos do ponto de vista estético – que ganha destaque na arquitetura editorial, uma vez que se distancia do que está convencionado pelas mídias tradicionais – para descrever, analisar e interpretar as narrativas fotográficas à luz de autores que vem auxiliando-me nesta tarefa. Categorizo cada *post* com base nos gêneros fotojornalísticos (SOUSA, 2002), bem como a partir dos conceitos aplicados à linguagem fotográfica propriamente dita, como planos, enquadramentos, elementos (linhas, cores, p&b, texturas) etc.

Além disso, realizo pontuais apropriações a partir das entrevistas realizadas com os dois editores responsáveis pelos blogs corpus deste estudo - Bruno Alencastro (*Focoblog*) e André Feltes (*Diário da Foto*) -, a fim de problematizar questões pontuais que dizem respeito a mudanças nas convenções jornalísticas e que emergem dos ensaios aqui apropriados. A seleção das postagens em forma de ensaios, a que chamo de *narrativa fotográfica*, deu-se de forma aleatória, vinculada a uma percepção do que retém o olhar dentre tantas narrativas publicadas ao longo de um ano - no caso do *Focoblog*, 110 ensaios; e do *Diário da Foto*, 55 ensaios<sup>26</sup>.

O que é aleatório para o extrato das análises diz respeito principalmente ao que não se vê com muita frequência em termos de pautas no fotojornalismo de referência praticado pelo jornal *Zero Hora*, e nem no chamado novo jornalismo popular<sup>27</sup>, praticado pelo jornal *Diário Gaúcho*. Afinal, os blogs tocados pelos fotógrafos desses veículos fornecem camadas não exploradas dos acontecimentos pelos meios tradicionais. Apropriam-se do que há de qualitativo das pautas que a redação propõe e, a partir do jornalismo digital, quebram regras que imperaram por longos anos na fotografia de imprensa. Nas análises, as categorias fenomenológicas propostas por C.S. Peirce, a saber, qualidade, singularidade e generalidade,

---

<sup>26</sup> A seleção das postagens está reunida nos apêndices 1 e 2.

<sup>27</sup> Márcia Amaral (2005, p. 5) atualiza o conceito de sensacionalismo, termo que, segundo ela, não se aplica mais aos novos veículos populares, para o que convencionou por novo jornalismo popular. Ela diz: “muitos produtos jornalísticos populares contornam o estilo ‘espreme que sai sangue’ e usam outros recursos para conectarem-se com o público popular como o entretenimento, o assistencialismo, o denunciamento, a prestação de serviços e a superexposição das pessoas comuns e das celebridades. [...] Assim, o sensacionalismo pode ser considerado um conceito errante, tanto por suas insuficiências quanto por suas generalizações”. (AMARAL, 2005, p. 5).

também aparecem no sentido de fundamentar as relações das narrativas analisadas com os acontecimentos que lhes deram origem.

## 5 NETNOGRAFIA DO FOCOBLOG E DO DIÁRIO DA FOTO

Este capítulo traz a descrição do corpus propriamente dito, os blogs *Focoblog e Diário da Foto*<sup>28</sup>. Para classificação e posterior seleção, análise e categorização dos conteúdos das *narrativas fotográficas* optou-se por contemplar o período de um ano de *posts* para cada um dos veículos, de junho de 2014 a junho de 2013, retrospectivamente, já que as publicações respeitam ordem cronológica reversa, do atual ao imediatamente anterior. Após relacionar os *posts* referentes ao período escolhido em cada blog, classifco-os conforme Apêndices 1 e 2, em temáticas que se assemelham às editorias jornalísticas clássicas, criadas de modo a organizar os conteúdos de acordo com as pautas jornalísticas tradicionais. A partir dessa análise, seleciono uma amostra de cada um dos blogs para exames mais aprofundados, apresentados na sequência.

### 5.1 O FOCOBLOG<sup>29</sup>

**Imagem** – Capa do *Focoblog* capturada em 13 de outubro de 2014.



Fonte: *Focoblog* (2014)

<sup>28</sup> O *Focoblog* foi criado pela editoria de fotografia do jornal impresso diário *Zero Hora*, em 2008. Já o *blog Diário da Foto*, foi criado em 2010 pela editoria de Fotografia do jornal Diário Gaúcho. Ambos pertencem à empresa RBS e tem sede em Porto Alegre.

<sup>29</sup> Fonte: <http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/?topo=13,1,1,,13>. Acesso: 13 out. 2014.

Na abertura do blog, o *layout* traz o logotipo em branco e tons de cinza que contrastam com o fundo preto que emoldura a parte central onde se localizam os conteúdos. Estes são apresentados sempre na ordem do atual para os anteriores. Visualiza-se o título da *narrativa fotográfica*, seguido da data e de uma abertura com texto verbal que apresenta a narrativa visual. No *Focoblog*, muitas vezes apenas o título abre a *narrativa fotográfica*. Consta, logo abaixo do texto, o autor das fotos, quando se trata de uma *narrativa individual*. No caso de se tratar de uma *narrativa coletiva*, os créditos são colocados abaixo de cada uma das fotos apresentadas.

Desde o dia 27 de julho de 2014, o blog também oferece ao internauta a visualização das fotografias de modo ampliado; um alerta, logo antes das imagens, informa “[clique nas imagens para ampliar]”. Ao clicar em qualquer uma das imagens da sequência fotográfica, ela abre-se sobre a página, em tamanho maior, e setas possibilitam que se passe diretamente para as demais imagens, já em modo ampliado. À direita da página, há a apresentação de vários *links*, chamados de categorias, que contêm o nome de cada um dos repórteres fotográficos dos veículos, bem como alguns temas (Exposições, Multimídia, Ensaios, Esportes, Livros etc) que remetem os internautas aos conteúdos. Presume-se que o leitor chegue ao *post* indicado por outros canais de informação e, portanto, já informado sobre o que está acontecendo, para ver mais sobre o fato em fotografias.

As *narrativas fotográficas* em forma de ensaios do *Focoblog* não possuem periodicidade fixa, uma vez que suas publicações, conforme declarou Bruno Alencastro (2014, em entrevista), editor do veículo, “não têm uma sistemática, acontecem quando o tempo está ocioso”, entre uma pauta e outra. O editor navega pelo banco de imagens do jornal em busca das melhores *histórias fotográficas* realizadas diariamente pelos fotógrafos de ZH, além dos demais jornais do grupo RBS. Também, conforme Alencastro, é comum os fotógrafos ofertarem seus materiais: “tenho um material muito legal que eu fiz agora, vamos fazer um *post pro blog*?”. (ALENCASTRO, 2014, em entrevista).

O *Focoblog* possui um serviço para leitores que cadastram seus e-mails para receberem aviso sempre que há uma nova publicação. Para fins desta pesquisa, capturei os títulos e endereços eletrônicos dos *posts* de um ano de publicações para compor o *corpus* do *Focoblog*, para posteriormente fazer novas entradas nos mesmos e realizar o recorte das narrativas fotográficas para análise e categorização. O *corpus* do *Focoblog* é composto por

112 *posts*, que datam o período retrospectivo de junho de 2014 a junho de 2013<sup>30</sup>, relacionados no Apêndice 1, descritos pelo título do *post*, *link* para acesso, data de captura e data de publicação. Abaixo, classifico os *posts* em categorias que elaborei de acordo com as editorias seguidas no jornalismo tradicional, de modo a compreender como o fotojornalismo é contemplado nessa nova plataforma. As temáticas são apresentadas no quadro abaixo em ordem de quantidade, do maior ao menor número de *posts*.

**Quadro 3** – Categorização dos *posts* do *Focoblog*

<b>Categorias</b>	<b>Títulos dos <i>posts</i></b>
<b>Fotografia</b>	O melhor do fotojornalismo brasileiro; Pé de meia; Futebol: a paixão do Brasil; Um fusca na história do fotojornalismo; O Guaíba por Achutti; Poderoso Kadão; 100 anos da Leica; Dia mundial da bicicleta; As coisas como podem (e como devem) ser; Retratos da cidade: Porto Alegre; As melhores produções multimídias do World Press Photo 2014; Festival de La Luz; World Press Photo 2014: um prêmio à tecnologia; Criatividade em foco; Retrospectiva 2013; Prêmio Jornalismo do MP/RS; 17º andar; Fotografias em 2,5 dimensões; Prêmio Esso de fotografia 2013; Depósito humano; Na mira; As melhores do mês; A alma de Porto Alegre; 4.687 motivos para comemorar; 3m18s; National Geographic Traveler; Dia do Rock; A Paris de Sebastião Salgado; Duo.
<b>Esporte</b>	Buenos Aires por um dia; Brasil 4x1 Camarões; Austrália e Holanda; Brasil 0x0 México; Laranja mecânica; França x Honduras; 1930: o primeiro mundial; Cartas na mesa; Gre-Nal 400; Tênis em PoA; Conhecendo a nova casa; Kitesurf; Velejaço noturno; Em duas rodas; IX Troféu Open de Natação; Harleyro; Aberto de tênis do RS; Stock Car; O primeiro de muitos; Inter 3x1 América-MG; Tudo pronto; 1º Dia.
<b>Cultura</b>	A cultura tem novo espaço; Carnaval 2014; Só no ano que vem; 59ª edição; A mulher do padeiro; A melodia de Wesley; Expointer 2013; 7 de Setembro; Música e esperança; Em breve.
<b>Ecologia</b>	Feira ecológica do Menino Deus; Parque Eólico; Uma luz para o carvão; Fogo na alma da cidade.
<b>Turismo</b>	Descubra a capital; Sexta-feira... #partiu Torres?; Ponte estaiada; As cores do Maranhão; A Santa Fé de Bagé; Terra dos presidentes; Da cebola aos navios; Mais um recomeço.
<b>Tecnologia/ Multimídia</b>	Hi-tech-tchê; fisl 14; Foto ZH#14; 6 dicas para ganhar mais “likes” no Instagram; Amazônia; fisl14.

<sup>30</sup> Cada *post* responde a ordem cronológica, exibindo sempre o mais recente. Nesse universo, usa-se a palavra “*postar*” para indicar a colocação da informação na rede. Um *post*, como é chamado pelos *blogueiros*, é a atualização ou a alimentação de alguma informação no *blog*.

**Quadro 3** – Categorização dos *posts* do *Focoblog* (continuação)

<b>Categorias</b>	<b>Títulos dos posts</b>
<b>Meio Ambiente</b>	Mar quente; Sol, praia e mar; Tarde de sol.
<b>Religião</b>	Fé; Ação pela fé.
<b>Inclusão (e exclusão) social</b>	O lugar do Índio; Nas nuvens; Vítimas dos despejos; Miss Brasil Plus Size; Vítimas dos despejos; Antes que eles se vão; José, um mês depois.
<b>Curiosidades</b>	Frota sem destino; Touro Indomável; Marijuana; Calor, diversão...e perigo!; Frota sem destino.
<b>Arte</b>	Vik Muniz em Porto Alegre; Walking Gallery; Cortejo para a arte; Otello; Entre tintas e palavras; Os ilusionistas; Arte na Fase; José, um mês depois.
<b>Educação</b>	Hora de recomeçar; Uma escola arrasada; Debaixo da ponte; aluno nota 10; Inovação na educação; Educação em primeiro lugar; Dividindo experiência; Uma escola arrasada.
<b>Saúde</b>	Jalecos na rua.
<b>Flagrantes</b>	Inundados; Em breve, Fogo na Alma da Cidade.
<b>Manifestações</b>	Muito caro, muito ruim; Noite histórica; Mais um capítulo.

As 112 *narrativas fotográficas* do quadro acima, distribuídas por número de *posts*, representam: Fotografia (29 *posts*); Esportes (22 *posts*); Cultura (10 *posts*); Arte (8 *posts*); Educação (8 *posts*); Turismo (8 *posts*); Inclusão (e exclusão) Social (7 *posts*); Tecnologia e Multimídia (6 *posts*); Curiosidades (5 *posts*); Ecologia (4 *posts*); Flagrantes (3 *posts*); Meio Ambiente (3 *posts*); Manifestações (3 *posts*); Religiões (2 *posts*); Saúde (1 *post*).

Esta proposta delinea a linha editorial do *Focoblog*, cujo assunto mais pautado foi fotografia. Verificando os *posts* específicos dessa categoria, observei que, em parte, ocorrem em função da existência do blog, pois não tiveram procedência do impresso ou outros canais<sup>31</sup>. Ou seja, trata-se de um veículo que mantém um protagonismo pelo tema principal. Percebo, em relação às editorias da versão impressa (*Zero Hora*, no caso), que o *Focoblog* propõe uma mudança de convenção nos assuntos de suas narrativas fotográficas, fruto de uma seleção cuidadosa. Fotografia (29 *posts*) é o assunto principal, o que revela que o público pode ser formado por fotógrafos e/ou por quem gosta de fotografia.

O segundo tema mais abordado em um ano de *posts* pelo *Focoblog* foi Esportes (22 *posts*). Esta pauta, conforme o editor do veículo, só entra no blog quando há uma diferença no tratamento do tema, pois o jornal impresso já o publica exaustivamente. Fato é que junho de 2014 foi atípico em função da Copa do Mundo. Na circunstância de “mega-acontecimento”, o jornal *Zero Hora* coloca vários fotógrafos nas coberturas. O blog aproveita a fartura de

<sup>31</sup> Entre os assuntos que envolvem os 29 *posts* sobre Fotografia, estão concursos fotográficos, profissionais selecionados para festivais, exposições individuais e coletivas, lançamentos de fotolivros, entre outros.

materiais para as narrativas fotográficas coletivas, como *no caso de Buenos Aires por um dia*, por exemplo, que narra um dia de cobertura fotojornalística sobre a seleção da Argentina e sobre seus torcedores em Porto Alegre, no dia 26 de junho, quando a equipe jogou contra a seleção da Nigéria, no Estádio Beira Rio.

As 41 fotos que compõem *Buenos Aires por um dia* falam, além do jogo em seus melhores lances, de assuntos variados envolvendo os torcedores argentinos na capital gaúcha, como foto aérea do Beira Rio, estádio que sediou o jogo; do público fazendo festa; de um torcedor sendo preso; do público fora do estádio; do público rezando etc. Dez fotógrafos de *Zero Hora* e um do *Diário Gaúcho* cobriram as pautas. A ideia de narrativas coletivas com as melhores fotos dos profissionais em uma mesma pauta/tema, ou em diferentes pautas de um mesmo tema ao longo do desenrolar dos acontecimentos jornalísticos, enriquece a percepção visual sobre o todo do acontecimento. Já a sequência imediatamente anterior, *Brasil 4x1 Camarões*, é exemplo de um *post* individual com fotos de apenas um dos fotógrafos que cobria o jogo do Brasil, no dia 23 de junho. Dezesete fotos de momentos variados, mas principalmente dos jogadores em campo, foram selecionadas para a *narrativa fotográfica* de um único autor. As referências acima exemplificam os dois principais tipos de *narrativas fotográficas* – *coletivas e individuais* – adotados no *Focoblog*.

Embora todos os 112 *posts* possam ser considerados esteticamente relevantes do ponto de vista de valor de imagem, parto agora para um quadro que recorta uma amostragem de *narrativas fotográficas*, a fim de problematizá-las a partir do que as fotos dizem, das informações colhidas na entrevista com o editor do *Focoblog* e à luz dos autores que discutem jornalismo, fotojornalismo e estética. O critério principal para a escolha apresentada no quadro abaixo respeitou o protagonismo de pautas nas quais percebo uma estética que extrapola o que é convencional no jornalismo. Interessa a esta pesquisa o que é novo no fotojornalismo e o que mexe com as convenções, com o que está institucionalizado.

Os seis *posts* selecionados equivalem a 5% do total de *posts* do período, e são apresentados em ordem cronológica de *postagem*. O primeiro, de abril de 2013, é o único que não faz parte do período escolhido, e foi incluído na amostra em função de ser parte da pré-observação do campo de pesquisa. Abaixo, justifico esse e os demais *posts* eleitos e, na sequência, parto para a análise das histórias fotográficas.

**Quadro 4**– Posts do *Focoblog* selecionados para análise

<b>Post</b>	<b>Justificativa</b>
<p><b>Ócio criativo</b></p> <p>Disponível em: <a href="http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/04/25/ocio-criativo-2/?topo=13,1,1,1,133434">wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/04/25/ocio-criativo-2/?topo=13,1,1,1,133434</a>.</p> <p>Publicado em: 25 abr. 2013.</p> <p>Capturado em: 25 abr. 2013.</p>	<p>Fez parte da pré-observação do campo de pesquisa, e justifica-se trazê-lo aqui pela singularidade que apresenta. Primeiramente, por não tratar-se de uma pauta originada pela redação como as dos demais ensaios, pois foi produzido para veicular no blog em primeira mão, tendo aí um protagonismo da fotografia, além de <i>postular</i> a estética fotográfica como uma espécie de respiro ao que é produzido pelo agendamento midiático no <i>modus operandi</i> dos repórteres-fotográficos.</p>
<p><b>Noite histórica</b></p> <p>Disponível em: <a href="http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/06/18/noite-historica/?topo=13,1,1,1,13">http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/06/18/noite-historica/?topo=13,1,1,1,13</a>.</p> <p>Publicado em: 18 jun. 2013.</p> <p>Capturado em 29 jul. 14.</p>	<p>Trata-se de um <i>ensaio coletivo</i> com uma sequência de fotos de fotógrafos do veículo e de <i>freelancer</i>. Foi um dos mais importantes acontecimentos de 2013, pautado em nível nacional pelas redes sociais, e agendou a cena midiática tradicional de forma nunca antes vista.</p>
<p><b>Marijuana</b></p> <p>Disponível em: <a href="http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/12/01/marijuana/?topo=13,1,1,1,13">http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/12/01/marijuana/?topo=13,1,1,1,13</a>.</p> <p>Publicado em: 01 dez. 2013.</p> <p>Capturado em: 29 jul. 2014.</p>	<p>Assunto que na mídia tradicional é mito, principalmente em função de que o senso comum interpreta-o como apologia à droga.</p>
<p><b>O lugar do índio</b></p> <p>Disponível em: <a href="http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/05/19/o-lugar-do-indio/?topo=13,1,1,1,13">http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/05/19/o-lugar-do-indio/?topo=13,1,1,1,13</a>.</p> <p>Publicado em: 19 mai. 2014.</p> <p>Capturado em: 29 jul. 2014.</p>	<p>Trata-se de ensaio individual (de um único fotógrafo) com grande número de fotografias, todas captadas ao longo de sete dias de viagem. Justifica-se em função de ser assunto importante, para o qual a mídia tradicional realiza coberturas somente em data comemorativa (19 de abril) e/ou quando há conflitos.</p>

**Quadro 4**– Posts do *Focoblog* selecionados para análise (continuação)

<i>Post</i>	<i>Justificativa</i>
<p><b>Um fusca na história do fotojornalismo</b></p> <p>Disponível em: <a href="http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/05/27/30-anos-depois/?topo=13,1,1,,13">http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/05/27/30-anos-depois/?topo=13,1,1,,13</a>.</p> <p>Publicado em: 27 mai. 2014. Capturado em: 29 jul. 2014.</p>	<p>Trata-se de uma narrativa fotográfica que transporta o leitor do tempo contemporâneo, regressivamente, para o tempo analógico da fotografia. Fernando Gomes é protagonista da história por trás da fotografia que, segundo ele, é a mais importante de sua carreira.</p>
<p><b>O Guaíba por Achutti</b></p> <p>Disponível em: <a href="http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/05/27/o-guaiba-por-achutti/?topo=13,1,1,,13">http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/05/27/o-guaiba-por-achutti/?topo=13,1,1,,13</a>.</p> <p>Publicado em: 27 mai. 2014. Capturado em: 29 jul. 2014.</p>	<p>Coincidentemente, no dia em que estive no jornal <i>Zero Hora</i> para realizar a entrevista para esta pesquisa, o ensaio foi publicado tanto na contracapa do impresso quanto no <i>Focoblog</i>. Esta narrativa problematiza uma mudança na convenção dos processos da cena midiática como um todo. A volta do ensaio fotográfico no impresso – adotada há pouco tempo por ZH – poderá estar impulsionada pela existência do blog? Afinal, o jornalismo impresso está cada vez mais “arrevistado”. Aqui, o impresso (quem diria), traz reverberações ao <i>on-line</i> e ao <i>Focoblog</i>.</p>

### 5.1.1 Ócio criativo<sup>32</sup>

O ensaio fotográfico *Ócio Criativo*, produzido pelo repórter-fotográfico Júlio Cordeiro, do jornal *Zero Hora*, enquanto esperava para fotografar um remador no Cais do Porto, em Porto Alegre, enquadra-se, nas categorias de Sousa (2002) como *pictures stories*, que engloba subgênero de foto-ensaios e *pheature photos* de objetos pictográficos, por se tratar de fotos que encontram grande sentido em si e não são dependentes de textos explicativos: o fotógrafo produz com maior liberdade artística e estilística. (SOUSA, 2002). Em entrevista, o editor Bruno Alencastro (2014) diz que Cordeiro fotografou o que viu: “poesias”.

<sup>32</sup> Disponível em: [wp.clicrbs.com.br/foco\\_blog/2013/04/25/ocio-criativo-2/?topo=13,1,1,,133434](http://wp.clicrbs.com.br/foco_blog/2013/04/25/ocio-criativo-2/?topo=13,1,1,,133434). Acesso: 25 abr. 2013.









As imagens que compõem o ensaio de Cordeiro dizem algo sobre sua preferência por fotografar em cores, por exemplo. Essa informação vem de minha pesquisa anterior (SALLET, 2006), quando o fotógrafo foi um dos entrevistados, revelando-me a forma como trabalha com as cores: captura, na câmera, com um ou dois pontos a mais de luz, a partir do diafragma ou do obturador, a fim de ter uma ligeira superexposição (mais altas luzes) para, a partir dela, poder trabalhar os contrastes das cores em *software* de imagem. No caso específico, ao que dizem as fotos, em um entardecer à beira do Guaíba, o próprio pôr do sol se encarrega de emprestar as nuances de cor, contraluz e pigmentações que se expõem nos recortes do fotógrafo.

Essa narrativa vai além do que propõem as rotinas de produção do jornalismo tradicional, especialmente por escapar da pauta. Ela nos implica, como leitores das fotografias, a perceber seus aspectos: como cores, formas, linhas, presença (ou não) de elemento humano, iluminação, textura, contraste, técnicas usadas para obtenção de cada fotografia, enquadramento, contraluz, ângulo, composição. Implica, ainda, a percepção dos modos de subjetivação do fotógrafo em uma espécie de comunicação intersubjetiva entre ele (produtor) e o leitor.

O contraluz é utilizado em diversas imagens, especialmente onde há pessoas, o que resulta em silhuetas nas quais não é possível termos identidade definida. Assim, o elemento humano também se torna estético: o corpo, em seus movimentos cotidianos, transforma-se em sombras. Não há rostos, nem identidades, apenas formas pelas quais o olhar percorre, a fim de preencher o vazio, acionando o imaginário. Normalmente, o elemento humano em pautas tradicionais é identificado como fonte, vira personagem de história. No ensaio em questão, pessoas, água, pôr do sol, entre outros elementos se misturam sem que um adquira mais importância do que o outro. São recortes de paisagens cotidianas, e para registrá-las deste modo é preciso enxergá-las. A identificação está ligada à referência singular (plano da secundidade, no sentido de Peirce) que corresponde a uma das principais convenções do fotojornalismo na relação com o acontecimento. Quando ela é desconstruída, abrem-se, esteticamente, múltiplas possibilidades de sentido, ampliando a própria especificidade do acontecimento.

O fotógrafo explora as formas e as cores do ambiente, mas enfatiza o reflexo dos elementos na água, que se movimenta calmamente, resultando em pequenas ondas que distorcem as cenas reais. Linhas firmes transformam-se em linhas trêmulas, remetendo a um desenho feito com tinta. Na terceira e na sétima imagem, o ângulo de visão ainda provoca o alongamento das imagens na água, de modo a recriar suas formas. A água, aliás, é elemento

constante no ensaio, de modo a caracterizar o local onde as imagens foram obtidas. Os enquadramentos, mesmo quando mais amplos, são fechados em determinadas cenas, o que intensifica a relação entre os elementos ali dispostos. As linhas, desta forma, são interrompidas pelos limites da fotografia, de modo a criar continuidades, porque registram repetições, como a fila de pessoas em silhueta contra o pôr do sol. Ao mesmo tempo, esses enquadramentos revelam um olhar muito particular, que busca valorizar detalhes geométricos da cena presentes no cotidiano, mas que comumente passam despercebidos pela maioria das pessoas.

Ao realizar esse ensaio já pensando em seu aproveitamento para o blog, o fotógrafo também revela a própria concepção acerca desta plataforma digital: um espaço para a fotografia ligada à estética – à arte em sua forma clássica, despreocupada com a realidade e com a ligação a um fato noticioso e, com isso, distante do jornalismo. Por se tratar de imagens com predominância da dimensão estética, a ordem em que são apresentadas não é tão determinante para o entendimento do observador, que vai sendo introduzido aos poucos no ambiente. Contudo, ele poderá, ao longo das imagens, reconhecer seu espaço como observador, como coprodutor de sentido na relação intersubjetiva que o liga, via estética do sensível, ao fotógrafo.

O que se tem, aqui, é uma pauta eminentemente fotográfica e fora de agendamento. Possivelmente, se não houvesse o *blog* como veículo, a pauta talvez não tivesse sido feita, ou o seria para concorrer a um dos raros espaços destinados a ensaios no jornalismo impresso (o período em que foi produzido esse ensaio foi anterior à reformulação do último projeto gráfico editorial que constituiu a contracapa de *Zero Hora* como um espaço para ensaios fotográficos). A oportunidade da pauta se fez dentro da rotina do repórter-fotográfico, e ele soube explorar o momento decisivo, o tempo da luz, matéria-prima inquestionável das fotografias produzidas.

### 5.1.2 Noite histórica<sup>33</sup>

O *post* de 18 de junho de 2013 trata da cobertura, em Porto Alegre (com duas fotos de São Paulo), das manifestações contra o aumento dos preços do transporte público (em um primeiro momento, pois tomou outras proporções), acontecimento pautado em nível nacional pelo *Movimento Passe Livre*, de São Paulo, e por outras entidades que atuam em níveis estaduais. Os eventos constituíram-se de grandes passeatas pelas principais cidades do país, capitais e cidades de médio porte, ganhando relevância nacional e internacional. A pauta, lançada inicialmente pelas redes sociais digitais, tomou proporções gigantescas em nível nacional e criou uma série de tensões nas coberturas tradicionais. (OLIVEIRA; HENN, 2014; BECKER; MACHADO, 2014).

A abertura da narrativa contextualiza: *Milhares de pessoas saíram às ruas em 11 capitais brasileiras para manifestações pacíficas. Ao final da passeata na Capital, uma minoria quebrou vidraças, atacou viatura da BM e incendiou contêineres e ônibus.*

Trata-se de um *ensaio coletivo* com 24 fotos no total, sendo que 22 delas tratam da cobertura do acontecimento em Porto Alegre, e foi realizado pelos fotógrafos: Adriana Franciosi, Jefferson Botega e Carlos Macedo (o último, assinado equivocadamente como *Especial*, que é quando se trata de *freelancer* ou fotógrafo de fora do veículo que envia a foto, o que não é o caso, pois ele faz parte do quadro permanente do jornal *Zero Hora*). Guilherme Santos, fotógrafo *freelancer*, é responsável por uma das fotos mais impactantes: o flagrante do ônibus em chamas, identificada no crédito de autoria como Guilherme Santos/*Especial*. Ainda que todas as atenções do jornal estivessem voltadas à cobertura em questão, foi preciso alguém de fora para realizar a captura do flagrante.

Normalmente, os flagrantes são cobertos, nos dias atuais, por amadores que, munidos de câmeras de qualquer tipo, fotografam e distribuem seus materiais para os veículos jornalísticos. Dentro das categorias de Sousa (2002), a foto do ônibus em chamas se enquadra como *spot news*, fotografias “únicas” de acontecimentos “duros” (*hard news*), frequentemente imprevistos. Mas há, no primeiro momento da pauta, o enquadramento como *general news*, que corresponde ao gênero das coberturas fotográficas previamente agendadas, como foi esse caso, amplamente divulgado e combinado via redes.

---

<sup>33</sup> Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/06/18/noite-historica/?topo=13,1,1,1,13>. Acesso: 25 abr. 2013.

Há apenas duas fotos do acontecimento em São Paulo, conforme a identificação dos créditos: *Diego Vara, enviado especial direto de São Paulo*. As primeiras 14 fotos da narrativa são compostas de sentido pacífico, e as últimas dez fotos já mostram outro acontecimento dentro do acontecimento: ações de confronto entre manifestantes e polícia, ônibus queimando, depredação de patrimônios materiais etc.



*Jefferson Botega*



*Adriana Franciosi*



Carlos Macedo/Especial



Adriana Franciosi



Adriana Franciosi



*Jefferson Botega*



*Diego Vara, enviado especial direto de São Paulo*



*Carlos Macedo/Especial*



*Jefferson Botega*



*Jefferson Botega*



*Diego Vara, enviado especial direto de São Paulo*



*Adriana Franciosi*



*Jefferson Botega*



*Adriana Franciosi*



*Jefferson Botega*



*Jefferson Botega*



*Carlos Macedo*



*Adriana Franciosi*



*Carlos Macedo/Especial*



*Carlos Macedo/Especial*



*Adriana Franciosi*



*Guilherme Santos/Especial*



*Carlos Macedo/Especial*



*Carlos Macedo/Especial*

O ensaio atende a uma das principais características que justifica a criação do blog: o escoamento de material fotográfico que vai além de atender às necessidades do impresso e do site. Três fotógrafos do jornal participam da cobertura do mega-acontecimento, que, devido às proporções, gerou um grande número de imagens diferenciadas, especialmente pelos flagrantes em meio à multidão e pelos ângulos de captura. O blog tem também o papel de ofertar uma narrativa quase que exclusivamente fotográfica sobre o acontecimento, com informações textuais que apenas situam o leitor em relação às notícias.

O assunto ocupou um amplo espaço do jornal com informações textuais, mas, ao apresentá-lo ao leitor em 24 fotografias, o blog possibilita uma narrativa fluída, uma leitura mais ampla, sem direcionamentos explícitos. As imagens, que mostram de ângulos abertos, com visões gerais dos movimentos, a detalhes, enquadramentos fechados em sujeitos que estão em meio à multidão, intensificam os sentidos de compartilhamentos, ao mesmo tempo singulares e coletivos, das manifestações. São fotografias que mostram pessoas segurando cartazes com mensagens alusivas ao movimento (boa parte delas extraídas de *hashtags* que circularam no Twitter), trazendo elementos textuais que falam do momento registrado.

A narrativa segue a ordem cronológica dos acontecimentos: primeiro, o movimento considerado pacífico; depois, atos classificados como depredação (a partir da 15ª foto do ensaio, o acontecimento dentro do acontecimento, as fotos que trazem a *hard news*). De qualquer forma, não equilibra a representação dos fatos de acordo com a realidade: apesar de dizer no texto inicial que os atos de depredação foram realizados por uma minoria, eles estão em 8 das 24 fotografias que compõem o ensaio; um terço, portanto. Em meio a essas fotografias de depredação, há uma geral do movimento pacífico.

Para concluir o ensaio, há a imagem de um casal abraçado: dois jovens, de frente um para o outro, rostos encostados e olhos fechados, rodeados pelos manifestantes. Um flagrante que mostra um momento à parte no acontecimento, e que remete a um pedido de paz. Por aparecer logo após as imagens de violência, evoca também algo típico da cultura contemporânea, que é a permeabilidade entre o que é essencialmente público com o privado. Tem-se, aqui, uma narrativa fotográfica potente, que reitera os vários sentidos tensos que o acontecimento em pauta gerou, dentro de uma lógica facilmente decodificável: o plano referencial e convencional das categorias percievas sobrepõe-se nesse conjunto de imagens.

### 5.1.3 Marijuana<sup>34</sup>

Uma única frase, “*A polêmica sobre a legalização do consumo da maconha no Uruguai*”, abre a narrativa fotográfica com 13 fotos do *ensaio individual* de Félix Zucco, de *Zero Hora*. Primeiramente, observo que as imagens fornecem pistas, se o leitor entrar na narrativa visual sem informações prévias sobre o que ocorre em relação à legalização da maconha no Uruguai. Talvez, seja esse o mérito do ensaio ambientado nas cidades de Córdoba e de Montevideu, capital do Uruguai.

A primeira foto traz o presidente José Pepe Mujica, fotografado em luz quente de um ambiente que indica sabedoria, em função dos livros que compõem a cena.



<sup>34</sup> Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/12/01/marijuana/?topo=13.1.1...13>. Acesso: 29 jul. 2014.









Dentro das categorias de Sousa (2002), este ensaio enquadra-se como uma *picture stories de general news*, pois não podemos chamar de *flagrantista* (ou *spot news*) a foto dos rapazes fumando ao ar livre nas praças, pois trata-se de uma ação comum no Uruguai. No caso da primeira imagem, o ligeiro plano contrapicado (ou contraplóngé<sup>35</sup>) ajuda a valorizar o entrevistado, pelo ângulo tomado de baixo para cima.

Da segunda a quinta foto, as imagens ambientam o leitor no Uruguai, com paisagens em detalhes e em planos gerais. O tema *marijuana* passa a ser abordado diretamente em imagens a partir da sexta foto, que apresenta em plano mais fechado uma pessoa – certamente uma das fontes da reportagem que *Zero Hora* realizou – dentro de um ambiente, preparando um cigarro de *canabis*. Trata-se de Julio Rey, presidente da *Federação dos Canabicultores do Uruguay*, principal instituição do ramo. Rey foi consultado pelo governo de José Mujica, quando da elaboração do projeto de descriminalização da droga.

A informação acima é fruto de leituras paralelas que realizei sobre o tema, ou seja, há uma lembrança imagética da pessoa pela publicação de outras matérias relacionadas ao assunto. Presumo que o leitor, para entender de forma minimamente satisfatória uma narrativa como essa, ainda que publicada por um blog de jornal de referência, consiga assimilar os personagens destacados de forma satisfatória se tiver um repertório sobre as fontes e algum conhecimento sobre o que se passa naquele país. Logicamente, faço aqui uma descrição do lugar de alguém que não leu a reportagem no impresso. Ou seja, analiso o ensaio baseada em alguns pressupostos do *modus operandi* de quem faz uma reportagem destinada a diversos canais, e que necessita de fotografias de diferentes abordagens para dar conta da história. O ensaio se justifica no blog muito mais pelo ineditismo de mostrar abertamente o consumo da *canabis*, o que não vemos com frequência no impresso.

A sétima e a oitava fotos trazem o mesmo personagem: a primeira tomada em um ambiente interno, no qual o cultivo da planta surge em primeiro plano - as mudas aparecem em potes com tamanhos diversos. Ao fundo, figura a pessoa que as cultiva. Já na imagem seguinte, a planta está em ambiente externo, em detalhe e em primeiro plano, e, ao fundo, desfocado, o mesmo personagem da imagem anterior, possivelmente alguém que foi fonte da matéria e cultiva a *canabis*.

A nona foto traz um usuário consumindo um cigarro de maconha em lugar público, sentado em um banco de praça qualquer. A paisagem atrás de si é meramente ilustrativa porque está desfocada para poder dar vazão à fumaça, que se converte em conteúdo

---

<sup>35</sup> Trata-se de tomadas fotográficas de cima para baixo (*plongé* ou *picado*) e de baixo para cima (*contraplóngé*).

importante da cena. Essa é a imagem que fala abertamente sobre o que ocorre no Uruguai: a *marijuana* está legalizada. A décima foto traz, em plano geral, um atendente de bar, certamente outra personagem da história do impresso. Na sequência, na décima primeira foto, em primeiro plano e em *close up*, outro usuário fuma ao lado de uma pessoa em desfoque. Nenhuma foto traz a figura feminina ligada ao consumo da *canabis*.

A penúltima imagem trata novamente dos dois sujeitos presentes na foto anterior, mas a fotografia, agora, está com maior profundidade de campo (foco nas duas pessoas) e mostra a mesma pessoa anterior do detalhe apenas com uma fumaça saindo da boca, fumando o cigarro da erva. Ao seu lado, o sujeito está de braços cruzados. Ao fundo, o cenário de rua está desfocado. Por último, o ensaio fecha com a mesma pessoa da abertura, o presidente Mujica, no mesmo ambiente e luz, porém, desta vez, em um *close* que valoriza a iluminação que contorna seus traços faciais.

A leitura geral das fotos sequenciadas remete para um lugar onde as pessoas têm o hábito de plantar, colher e consumir livremente a *canabis sativa*, conhecida popularmente como *marijuana*. O título do *post* propõe a polêmica porque a matéria foi reportada desta forma em seus outros canais, no impresso e no *on-line*, mas isto está contradito na narrativa imagética. Pela sequência fotográfica, não há polêmica. É como se a paz reinasse no Uruguai, país em que a *canabis* foi descriminalizada. No Brasil, fotografar alguém fumando maconha não é difícil, porém não se pode fotografar sem tomar alguns cuidados, já que o consumo é proibido no país. As pessoas não podem aparecer, dificultando o recolhimento de depoimentos e a captura de fotos.

Na ordem em que são apresentadas ao observador, as imagens fornecem uma narrativa que se preocupa em contar uma história. A partir do título, apesar de ele não condizer com o ensaio, se tem o assunto principal e também um contexto noticioso. Quando abre com a imagem do presidente, o fotógrafo mostra uma figura central da questão, envolta em um ambiente que remete à sua experiência e vida. Depois, introduz o observador no país onde ocorre o fato, com imagens de espaços públicos, prevendo que o leitor possa identificar o local por suas características socioculturais. Somente depois da ambientação, o elemento principal, a maconha, surge nas fotografias.

As imagens seguem um contexto noticioso, mostrando os diversos ângulos pelos quais ocorre o desenvolvimento da reportagem: o plantio, a confecção, o consumo, a convivência nas ruas e as pessoas entrevistadas. Ao fechar a narrativa com a imagem do presidente em *close*, o ensaio reforça a presença desse personagem na história narrada. Na narrativa, as fotografias apresentam, em sua maioria, enquadramentos mais abertos, ambientando

praticamente todas as imagens, especialmente os retratos. Desta forma, destacam o objeto principal, mas também se preocupam em reunir diversas informações em uma mesma imagem, fundamental no fotojornalismo.

O ensaio fotográfico, nesse caso, foi realizado durante uma pauta, e traz imagens com características jornalísticas. O principal ganho é a possibilidade de utilizar uma sequência fotográfica para contar uma história, sabendo-se que no impresso dificilmente há espaço para tantas imagens.

#### 5.1.4 O lugar do índio<sup>36</sup>

A temática indígena é pouco visada pela grande mídia. Ganha espaço, geralmente, quando se comemora o *Dia do índio* ou quando há alguma espécie de conflito por terra. Este motivou a viagem de uma equipe do jornal *Zero Hora* para várias localidades da região de Faxinalzinho/RS, onde houve conflitos por questões agrárias, entre agricultores e índios. O ensaio individual intitulado *O lugar do índio*, com fotos de autoria do repórter-fotográfico Carlos Macedo, veio imediatamente como resposta por parte do editor do *Focoblog*, quando questionado por mim sobre a quantidade de fotos para compor um ensaio. No total, 21 fotos integram a narrativa do fotógrafo, que viajou por uma semana, com o repórter Carlos Wagner, em maio de 2014, por várias cidades da região.

Bruno Alencastro (2014, em entrevista) relata:

*[...] O cara ficou sete dias lá, então tem muita coisa. [...] dessa vez a gente foi até mais generoso: 21 fotos. Mas assim, é uma exceção. 21 fotos, divididas por sete dias, uma média bem tosca, a gente aproveitou três fotos que ele fez por dia. Aí se justifica. Mas, via de regra, é uma dúzia de fotos, de 6 a 12 fotos para cada reportagem (post). Não é uma regra. Para não ficar uma coisa cansativa. Até quando está enchendo os olhos, a gente vai colocando. [...] A gente quer ir pela estética, pela subjetividade, por encher os olhos mesmo.*

O texto que acompanha a narrativa em 21 imagens é mínimo. Faz alusão ao tempo de convergência em que os canais estão disponíveis: “é só dar um clique”.

No *Focoblog*, conforme o editor, a ideia é:

---

<sup>36</sup> Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/05/19/o-lugar-do-indio/?topo=13,1,1,,13>. Acesso: 29 jul. 2014.

*[...] não induzir muito a leitura, deixar que a coisa seja meio literária. A gente até dá o caminho. Nesse caso do Macedo, “saiba mais sobre o conflito através dos textos de Letícia Duarte e Carlos Wagner”. E aí o nome deles é link para o que eles escreveram. Então a gente até dá o caminho para quem quer reportagem de texto, mas vai lá no site da Zero Hora. Aqui é foto e vídeo, eventualmente tem texto. (ALENCASTRO, 2014, em entrevista).*

















Trata-se de uma *pictures stories* de *general news* (SOUSA, 2002), cuja quantidade de imagens abarca de retratos a *features* diversas, produzidas para dar conta de pelo menos uma semana de reportagens. Conforme Alencastro (2014), por se tratar de um ensaio com um número maior de fotografias, a edição elegeu apenas três delas por dia, entre todas as que o repórter fotográfico produziu. Sete dias de cobertura de viagem corresponderam a 21 fotografias para gerar o ensaio. As fotos estão inseridas em contextos que contam muitas histórias relacionadas a tudo o que se publicou no impresso, no *on-line* etc., ao longo da cobertura daquela semana. Portanto, a narrativa, no *Focoblog*, está constituída do que esteticamente melhor conta uma história orientada pelo título que a instaura.

São fotografias que mostram o modo de vida de um povo: suas práticas, seus objetos, sua moradia. *O lugar do índio* revela pelas imagens a cultura indígena totalmente “contaminada” pela cultura do “homem branco”. Há sinais em todas as imagens da cultura do consumo: uma índia deitada em meio a almofadas, ao invés de uma rede, com um boneco de pano; casas com botijão de gás; carrinho para o bebê; casaco tipo terno; automóvel tipo Fusca, entre outros. A foto que abre a narrativa celebra a imagem tradicional do índio pelo cocar. O lugar onde os índios estão ambientados nas fotos nos remete à luta pela terra e pela preservação da cultura do grupo, que ainda lava roupas no rio e tem suas crianças crescendo ao ar livre. A luta pela terra é talvez a principal bandeira dos índios em relação à cultura hegemônica.

A partir da primeira fotografia, onde o índio é mostrado da forma clássica e tradicional, pelo acessório na cabeça, o internauta é levado a conhecer sobre suas práticas e o ambiente onde ele vive, em registros de ângulos mais abertos até detalhes. A última imagem

remete à liberdade, com as crianças correndo, em uma tomada *contra-plongé* que valoriza a ação. Mais do que dar espaço a uma grande quantidade de imagens obtidas pelo fotógrafo na viagem, o ensaio também se justifica pela forma inusitada de vida que registra. Documenta um modo de vida que, apesar de hibridizado, ainda guarda cenários difíceis de serem vistos nos dias atuais, como a lavagem de roupa no rio ou a “pia” improvisada em meio às árvores, onde há um corredor de louça.

O ensaio justifica-se, principalmente, além dos registros curiosos, por explorar ângulos diferenciados. Há uma lógica de desconstrução nesse ensaio: o índio clássico da primeira foto (que já aparece vestindo camiseta) vai se transformando em dimensões de aculturação e hibridismo, que revelam novas demandas e problemas para essas comunidades.

### 5.1.5 Um fusca na história do fotojornalismo<sup>37</sup>

Todo fotojornalista é um contador de histórias, principalmente ao acionar vivências a partir das fotografias obtidas nas pautas que cobre. Em todas as situações em que aparece a oportunidade de o repórter-fotográfico falar sobre sua vida, sua profissão, são sempre histórias, narrativas escritas com a luz, que vêm à tona. Isso corroborou com a ideia para uma pauta típica dos tempos de convergência digital, publicada no *Focoblog*, em maio de 2014: *Um fusca na história do fotojornalismo*. Na narrativa, o repórter fotográfico Fernando Gomes, de *Zero Hora*, hoje com quase quarenta anos de profissão, reconhece ter conseguido a melhor cobertura de sua vida, apesar de ele admitir, em oportunidades anteriores, ter várias melhores histórias em suas coberturas de pautas. (SALLET, 2006).

*Um fusca na história do fotojornalismo* traz a narrativa fotográfica ocorrida no ano de 1984, quando um casal e seus três filhos ficaram suspensos dentro de um fusca, em uma ponte que se rompeu com a enchente que elevou as águas do *Rio Toropi*, próximo a Santa Maria (RS). Fernando Gomes fotografou a *hard news* (SOUSA, 2002), a bordo de um helicóptero, no momento em que avistou um homem – que, depois, soube, era a pessoa que conduzia o fusca – tentando segurar com o corpo o próprio carro, que estava prestes a cair da ponte rachada ao meio pela enxurrada. No enquadramento aéreo, Gomes é certeiro ao compor naturalmente em ângulo *plongé* ou picado (SOUSA, 2002) o quadro de horror daquele

---

<sup>37</sup> Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/05/27/30-anos-depois/?topo=13.1.1...13>. Acesso: Capturado em: 29 jul. 2014.

flagrante, que lhe rendeu a foto única, a que sintetiza o acontecimento dramático, típica do jornalismo tradicional, uma *spot news* (SOUSA, 2002) que mostra a ponte rompida pelas águas do rio em fúria e o homem em pé na parte traseira do automóvel, olhando em direção às pessoas que avançam para fora do quadro, possivelmente com a incumbência de buscar ajuda.

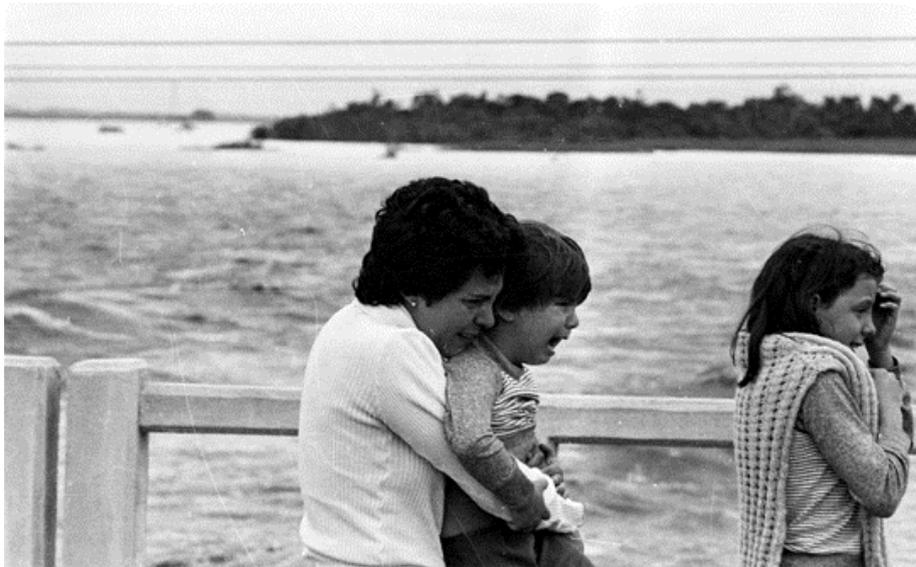
No *Focoblog*, 9 imagens – 8 em preto e branco e uma colorida – narram a história, sendo a fotografia descrita acima a primeira da sequência fotográfica a representar o *momento decisivo*<sup>38</sup> do flagrante de Gomes. Ali, a família do motorista já havia saído do automóvel e se encontrava à beira da ponte, conforme relatam as outras imagens da história. A sequência que rendeu ao fotógrafo os prêmios Nikon e ARI (Associação Rio-grandense de Imprensa) foi capturada pela tecnologia da época: modo analógico; o filme, preto e branco. A fotografia que abre a história no *Focoblog* carrega o *link* para o vídeo que transporta o leitor de um tempo passado, cujas fotos impactantes em preto e branco dramatizam o acontecimento de uma família em desespero, para o tempo contemporâneo do jornalismo, da multimídia, permeado pelo emprego do vídeo, pelas narrativas em convergência.

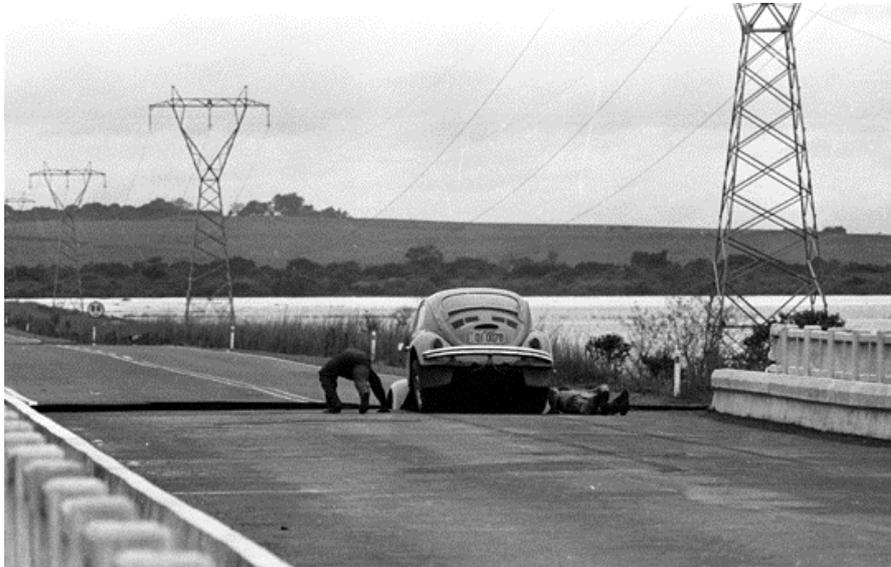
A última foto da sequência é apresentada em cores, pois foi realizada por Gomes 30 anos depois, na contemporaneidade, no local onde o fato aconteceu, através da tecnologia digital. Na foto atual, o casal segura o quadro com a foto em preto e branco revirando o tempo de agora e fundindo-o com o passado em uma única imagem. Três décadas separam a primeira da última foto. Só por essa elipse pode-se dar um giro gigantesco no que tange às mudanças das práticas do fotojornalismo.



---

<sup>38</sup> Termo cunhado pelo fotógrafo francês Henry Cartier-Bresson (1908-2004).







O *post* de 27 de maio de 2014 revela a produção da narrativa fotográfica em que o protagonista foi o próprio fotógrafo. São duas histórias fundidas em uma. A segunda revela a trama da primeira. A segunda viagem leva o fotógrafo de volta ao local do acontecimento de 30 anos atrás para visitar a família Figliero, responsável por provocar o acontecimento dramático. O primeiro acontecimento vem à tona na atualidade, quando a família é propositalmente reunida para reviver aquela experiência; sentados, olhando fotografias do episódio, as quais foram levadas por Gomes e a equipe que o acompanhou na viagem: Taís Seibt (reportagem e edição); o próprio fotógrafo assina a fotografia do vídeo e Felipe Martini assina a edição.

No vídeo, mídia amplamente utilizada no jornalismo da cultura digital, tempo presente e tempo passado se mesclam pelo artefato fotográfico. Nele, o fotógrafo Fernando Gomes narra sobre as melhores fotografias de sua carreira e sobre sua experiência, inclusive dos prêmios recebidos em função da pauta em questão. Segundo ele, saíra da base aérea de Canoas até Santa Maria, próximo à BR 287. Chegando lá, de helicóptero sobrevoou o local das enchentes, e foi quando viu a cena do carro encalacrado no vão da ponte. “Pousamos na pista e o pessoal da aeronáutica ajudou a tirar o carro!”, relata o fotógrafo, no vídeo.

Na sequência do vídeo, Maria Figliero aparece, ao lado do marido e dos filhos crescidos, e é ela quem narra sua lembrança sobre o acontecimento vivido, enquanto os filhos olham as cópias fotográficas e revivem a história de quando crianças. No relato da mãe, um elemento surpresa: eles foram vítimas do acidente, trinta anos atrás, em função do convite do marido, Lidio Figliero, para, em família, verem a enchente. Um programa da família que quase acabou em tragédia. O tempo presente, evidenciado em vídeo, traz à tona o passado revivido pelo relato da trama. Relatos que se apoiam nos positivos fotográficos em tamanho 20x25cm, e que vão sendo manuseados pela família. A foto que fecha a cena, já em cores e fora do vídeo, anuncia o tempo presente da visita do fotógrafo que leva a foto do acontecimento passado, em p&b e emoldurada, a mesma que o casal Figliero segura nas mãos, na fotografia posada sobre a ponte.

Nos gêneros do fotojornalismo, o evento de 1984, fotografado por Fernando Gomes, se enquadra na categoria *spot news (hard news)*, ou fotografias de acontecimentos imprevistos, ainda que agendados pela mídia, uma vez que Gomes fora pautado pelo jornal e estava sobrevoando para cobrir a enchente (evento imprevisto) no Estado. Já a imagem em cores, capturada pelo fotógrafo em maio de 2014, enquadra-se na categoria *general news*, gênero que corresponde às pautas planejadas, a que Sousa (1997) chama *performativas*.

A foto que abre o vídeo é a primeira da narrativa do *blog* e a mesma que foi capa do impresso *Zero Hora*, em maio de 1984. Ela narra o momento em que Lidio Figliero segura o carro, enquanto a esposa e os filhos pequenos correm em busca de ajuda. São fortes as fotos que Gomes captura de cima da ponte, as quais traduzem a emoção do drama vivido pela família Figliero. As teorias do acontecimento situam essa pauta no patamar da surpresa e da imprevisibilidade (HENN; SALLET, 2013). Ao ver recontada a história, um acontecimento imprevisível de trinta anos atrás, outra surpresa: o acidente imprevisto aparece inusitado em função de que a própria família foi ao seu encontro. Eles saíram de casa para ver a enchente e dela foram vítimas.

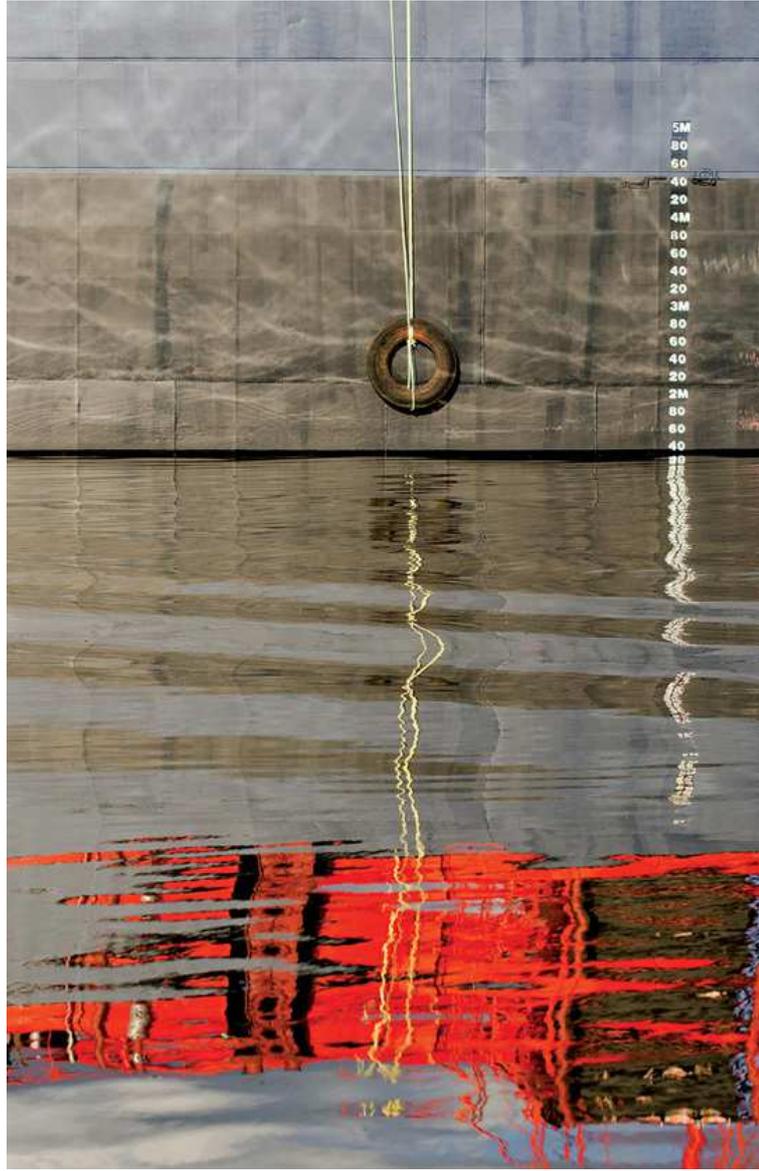
### 5.1.6 O Guaíba por Achutti<sup>39</sup>

No *Focoblog*, a *narrativa fotográfica* do dia 27 de maio de 2014, intitulada *O Guaíba por Achutti*, apresenta 9 fotografias e a missão de divulgar a exposição do fotógrafo Luiz Eduardo Achutti. O texto de abertura do *post* explica que o fotógrafo propõe uma visão pessoal, lírica e livre do rio Guaíba, de Porto Alegre, além de informar que a mostra reúne 35 imagens e que ficaria até o dia 15 de junho no hall do Palácio Piratini.

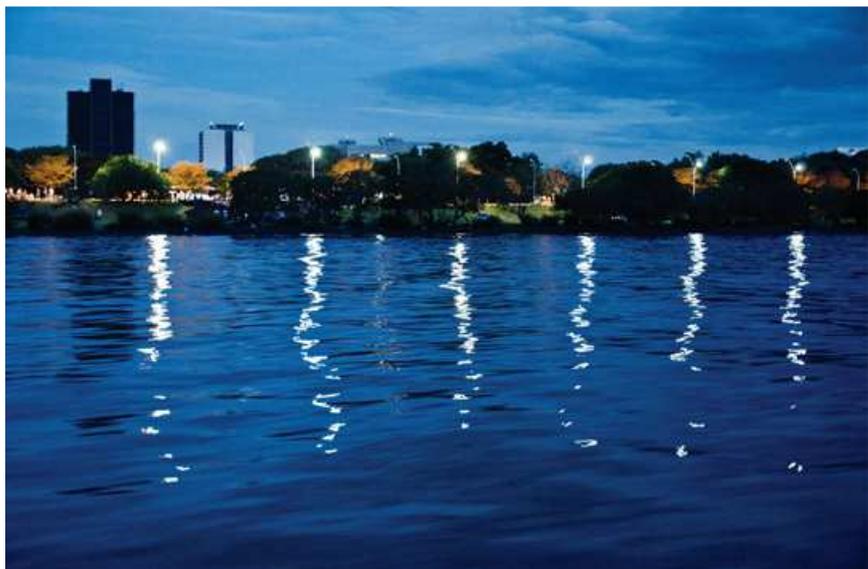


---

<sup>39</sup> Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/05/27/o-guaiba-por-achutti/?topo=13,1,1,1...13>. Acesso: 29 jul. 2014.







A narrativa anuncia a exposição física em sete paisagens, sob diferentes matizes. A foto que abre o *post* é clássica, em virtude da composição que segue a regra dos terços, levemente espichando o retângulo. Se olharmos a fotografia isoladamente e sem nenhuma referência textual, podemos facilmente não reconhecer o lugar. Trata-se de uma paisagem que foge ao convencional, quando o assunto é o rio Guaíba, que normalmente é fotografado em um dos pontos onde o pôr do sol é mais apreciado, a partir da Usina do Gasômetro. Neste quesito, o fotógrafo buscou paisagens que fogem às clássicas conhecidas pelos porto-alegrenses. Ainda sobre a primeira fotografia, tons suaves emprestam beleza para a paisagem, cuja tomada se deu em um ponto onde o rio Guaíba escapa da urbanização e onde não é evidenciada a poluição. Entre os gêneros fotojornalísticos de Sousa (2002), trata-se o ensaio de Achutti como *picture stories de general news*

A segunda fotografia que compõe a narrativa é um *close up* de parte do casco de um navio, tendo um reflexo vermelho pintando as águas do rio Guaíba em primeiro plano. O reflexo é um recurso que os fotógrafos normalmente exploram de forma criativa, principalmente porque surgem no acaso, sempre quando os fotógrafos estão à espreita e conseguem tirar proveito de seu senso de oportunidade. A luz é o elemento principal. Os reflexos acusam de forma exponencial a matéria-prima básica da fotografia, como se alertassem ou convidassem para que corram, com ela, para a luz. O reflexo é o principal conteúdo desta imagem. Está por toda a fotografia, do casco à água, ligando um ao outro através de linhas verticais. O casco está refletido no rio, unido de vermelho; reflexos sutis d'água o pintam do que se presume aqui tratar-se de um navio.

A terceira fotografia tem o poder de remeter o leitor ao inexplorado do rio Guaíba. Uma ilha de pedras divide as águas do rio com o céu. A imagem dá a ver a amplitude do manancial de águas que apresenta uma diversidade de lugares para se buscar uma paisagem inusitada. As cores empregam dramaticidade à cena. A quarta fotografia é uma panorâmica cujo formato é bastante utilizado em fotografia arquitetônica e urbana, e que na fotografia de paisagem tem muito a contribuir. A foto nos traz a cena paisagística de um trapiche que serve de pousada para os pássaros, que certamente estão à espreita por alimento.

A quinta foto da narrativa, bem como as duas antecessoras, expõe o lugar da captura fotográfica, de dentro do rio, a partir de um barco, provavelmente. A foto mostra um farol em primeiro plano à esquerda, colocando-o entre os pontos áureos da imagem, e traz à direita, como plano de fundo, uma vista parcial da cidade de Porto Alegre. Essa imagem é a que,

dentre todas que compõem a narrativa, melhor explora a regra dos terços em fotografia<sup>40</sup>. Sua base está formada por uma parte de água e as outras duas partes, superiores, por céu azul e nuvens.

A sexta fotografia da narrativa detalha um barquinho colorido, ancorado à beira do rio. Aqui, sabemos que o fotógrafo fez o percurso por dentro e por fora, em busca dos melhores ângulos, e de lugares inexplorados, quase vazios. A sétima fotografia captura outro pequeno barco, mas este perdido na imensidão de água e céu, céu que está projetado no reflexo d'água em primeiro plano. Os tons de azuis claros emprestam uma sensação ainda maior de vazio de infinita beleza.

Na oitava fotografia, há uma quebra em relação às demais imagens que se apresentaram diretamente. Nesta outra paisagem, fica evidente o lugar da tomada, que abarca 180°. Emoldurada por uma janela, a visão é de dentro de um ambiente para fora, onde observamos a ponte móvel do rio Guaíba. Na imagem, chama atenção a intervenção tecnológica na fotografia. Ou seja, o aparato tecnológico logo se sobressai e nos damos conta de todo um contexto fotográfico: podemos fotografar paisagens de diferentes formas, mas esta especialmente explicita o seu caráter técnico: uma objetiva *fisheye* – ou olho de peixe - que, de tão angular, acaba deixando essa vinheta na imagem. De tão aberta, acaba causando esse efeito arredondado que ocupa o espaço central da imagem, deixando a borda vinhetada.

De ângulos abertos a ângulos fechados em detalhes, as fotografias desse ensaio evidenciam composições com linhas, formas e cores que destacam o ambiente mostrado. Pela ordem em que são apresentadas, há preocupação em ambientar o observador, pois inicia pelo amplo, para depois mostrar o específico, já na segunda imagem. Esta, aliás, foge do perfil das demais por mostrar o detalhe de um navio, em meio às paisagens do Guaíba.

Outra peculiaridade do ensaio fotográfico é, apesar de ter um viés noticioso, ao convidar para a exposição específica, divulgar a fotografia em si, enquanto área. O acontecimento que essas fotografias trazem é a exposição fotográfica, evento por meio do qual, sem dúvida, a fotografia é tratada como arte. Desta forma, percebe-se, mais uma vez, o espaço do blog destinado à fotografia enquanto arte, enquanto estética.

---

<sup>40</sup> A regra dos três terços divide a imagem com linhas imaginárias em três partes, tanto vertical quanto horizontalmente. Entre as intersecções encontram-se os chamados pontos áureos, ou pontos de ouro, que é onde se encontram o(s) assunto(s) distribuído(s) na imagem. Presume-se que nos pontos de intersecção é onde os olhos “descansam”, ou param para ver o que há na imagem. Trata-se de uma das mais antigas e clássicas regras de fotografia, incorporada pela herança da perspectiva euclidiana.

## 5.2 O DIÁRIO DA FOTO

**Imagem** - Capa do Diário da Foto, capturada em 13 de outubro de 2014.



Fonte: Diário da Foto (2014)

Na abertura do blog *Diário da Foto*, o *layout* composto por fotos diversas remete o leitor às várias possibilidades de escolhas de histórias. Em seguida, visualiza-se o título da história fotográfica, seguido da data, da abertura com texto verbal (que apresenta a situação narrada), do nome dos repórteres que realizaram a cobertura do acontecimento e da *narrativa fotográfica* propriamente dita, contada com números que variam em termos de quantidade de fotos, bem como de autores.

À direita da página, há uma apresentação com o seguinte texto: *Galerias de fotos, bastidores das reportagens, dicas de fotografia e cliques exclusivos pelas lentes dos fotógrafos que produzem as imagens que você vê no Diário Gaúcho*. Visualizam-se os endereços de e-mail dos repórteres-fotográficos que compõem a editoria de Fotografia do *Diário Gaúcho*, interfaces com opções de *tags*, categorias e calendário para procurar *links* por data. Ao final da narrativa fotográfica, lê-se o crédito do fotógrafo e, ao lado, o *link* convidando o leitor para comentar sobre o que viu (*Comente aqui*).

A produção de narrativas fotográficas no *Diário da Foto*, em relação ao *Focoblog*, no mesmo período de um ano, é menor, praticamente, em 50%. Isso é justificado por vários

motivos, conforme entrevista com o editor André Feltes. A periodicidade dos *posts* varia de acordo com a demanda e com o material que as pautas geram.

As narrativas fotográficas do *Diário da Foto* aparecem sempre acompanhadas por título e texto, que ofertam ao leitor uma contextualização sobre o que se procura evidenciar nas narrativas. Geralmente, a linguagem fotográfica do jornal *Diário Gaúcho* é direta e muito centrada no *hard news*, diferente do que se propõe no blog, de modo que o uso do texto pode ser assim justificado.

Do período retrospectivo de junho de 2014 a junho de 2013, foram localizados 55 *posts* relacionados com título, *link* para acesso, data de publicação e data de captura (APÊNDICE 2). Na sequência, foi realizada a divisão por temas, a fim de perceber a natureza dos acontecimentos que originaram os *posts*.

#### Quadro 5 – Categorização dos *posts* do *Diário da Foto*

<b>Categorias</b>	<b>Títulos dos <i>posts</i></b>
<b>Esporte</b>	Adilson como inspiração; O colecionador; Um Brasil de emoções; Lua de Copa; Nem com reza; Onhepyru Ma Copa – Começo a Copa, em guarani; Vários países em uma cidade; Grenal 398; A nova casa colorada.
<b>Cultura</b>	Costurando o Brasil; Festa Laranja (e amarela); Música para tocar na alma; Para brincar o Carnaval; Cinema com os dias contados; Porto do Samba; Que passa Gardelón?; Lida pra lá de cultural; Preparativos no Acampamento Farroupilha.
<b>Inclusão (e exclusão) social</b>	A seleção de Timbaúva 2; Dia para entrar na história; Axé Vera e Val; Bê-à- Bá do Surf; Natal o ano inteiro; Mudanças na vida de Honório; Deixa o gaitero tocar.
<b>Arte</b>	Um século de romantismo; Torcida criativa; Pintando o futebol; Avenida Tronco do Brasil; Na ponta da sapatilha.
<b>Curiosidades</b>	Seleção do povo; Neymar na cabeça; Churrascada de Natal à beira do Guaíba; Palavras que emocionam.
<b>Flagrantes</b>	Alagamentos; Nem os guarda-chuvas aguentam; Desalojados; Alagados.
<b>Educação</b>	Mãe de coração; Hora de arrumar a mochila; Para ver a banda passar.
<b>Economia</b>	Dos gramados para o asfalto; Nas linhas da bola; Cabelo, cabeleira, cabeluda.
<b>Polícia</b>	Prejuízo com incêndios criminosos em escolas supera R\$ 600 mil; Incêndio da escola La Hire Guerra.
<b>Fotografia/Retratos</b>	Santa Brasil; Era uma casa verde amarela.

**Quadro 5** – Categorização dos *posts* do Diário da Foto (continuação)

<b>Categorias</b>	<b>Títulos dos <i>posts</i></b>
<b>Saúde</b>	Hospital Restinga; Em casa pela primeira vez.
<b>Voluntariado</b>	Corrente do bem; trabalho para Super-homem.
<b>Manifestações</b>	Paralisação com cara de fim de semana.
<b>Turismo</b>	Invasão hermana.
<b>Tecnologia/ Multimídia</b>	Campo conectado com o mundo.
<b>Religião</b>	As cores do templo.

As 55 *narrativas fotográficas* do quadro acima, distribuídas por número de *posts*, representam: Esportes (9 *posts*); Cultura (9 *posts*); Inclusão (e exclusão) Social (7 *posts*); Arte (5 *posts*); Curiosidades e Flagrantes (4 *posts*); Educação e Economia (3 *posts* cada); Polícia, Fotografia/Retratos, Saúde e Voluntariado (2 *posts* cada); Manifestações, Turismo, Tecnologia e Multimídia e Religiões (1 *post* cada). Neste quadro, alguns temas foram incluídos em função da natureza editorial do jornal Diário Gaúcho, origem das pautas do blog, entre eles, Polícia, Economia, Flagrantes e Voluntariado; outros foram extintos, como Ecologia e Meio Ambiente.

Praticamente, inexistem *ensaios coletivos* no *Diário da Foto*, já que a equipe é bastante reduzida em relação à de *Zero Hora*. Evidencia-se que o veículo publica apenas o que é produzido pela própria equipe; a *Zero Hora*, ao contrário, está constantemente verificando no sistema as imagens produzidas por fotógrafos de todo o Grupo RBS, em busca de narrativas para o *Focoblog*. Essa característica também pode contribuir para o menor número de *posts* verificado no mesmo período. O assunto mais *postado* foi Esportes, pois muita coisa girou em torno da Copa do Mundo, inclusive *posts* que entraram em outras categorias/assuntos, mas conectados ao grande evento. Também é preciso considerar que esta é uma editoria que conta com bastante espaço no impresso, bastante explorada no jornalismo popular.

No *Diário da Foto*, não há uma mudança radical em termos dos assuntos tratados em relação ao impresso *Diário Gaúcho*. A mudança mais radical está na forma e no tratamento dado às próprias narrativas fotográficas, frutos de seleção, conforme o editor André Feltes (2014, em entrevista):

[...] no blog, não é só a questão de ter mais espaço para publicar fotos, tu tens a possibilidade de traçar uma história simplesmente com as tuas fotos, ou talvez com um textinho introdutório, tu podes construir uma outra história completamente livre daqueles outros elementos que necessariamente compõem o jornal. O blog te possibilita isso, uma outra leitura.

Embora todos os 55 *posts* possam ser considerados qualitativos do ponto de vista de valor de imagem, parto agora para um quadro que recorta uma amostragem de *narrativas fotográficas*, a fim de problematizá-las a partir do que as fotos dizem, das informações colhidas na entrevista com o editor do *Focoblog* e à luz dos autores que discutem jornalismo, fotojornalismo e estética. Da mesma forma como foi feita a seleção de *posts* do *Focoblog*, o critério principal para a escolha apresentada no quadro abaixo respeitou o protagonismo de pautas nas quais percebo uma estética que extrapola o que é convencional no jornalismo. Interessa-me o que é novo no fotojornalismo e o que mexe com as convenções, com o institucionalizado. Considerando que o número de *posts*, no mesmo período, cai pela metade no *Diário da Foto*, trago três para análise e os apresento em ordem cronológica.

**Quadro 6** – Categorização dos *posts* do *Diário da Foto* selecionados para análise

<i>Post</i>	<b>Justificativa</b>
<p><b>Nem os guarda-chuvas aguentam</b></p> <p>Disponível em: <a href="http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/09/24/nem-os-guar-da-chuvas-guentam/?topo=52,1,1,186,e186">http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/09/24/nem-os-guar-da-chuvas-guentam/?topo=52,1,1,186,e186</a>.</p> <p>Publicado em: 24 set. 2013. Capturado em: 21 jul. 2014.</p>	<p>Em entrevista com fins nesta pesquisa, realizada com André Feltes, então editor do jornal Diário Gaúcho e do blog Diário da Foto, na qual participou o repórter-fotográfico Mateus Bruxel, este <i>post</i> foi amplamente abordado por ambos como um dos exemplos de ensaios que mais se distanciou das convenções das práticas produtivas do jornal Diário Gaúcho. Trata-se de um material rico para problematização da oferta de outras visualidades ao público segmentado do jornalismo popular.</p>
<p><b>Nem com reza</b></p> <p>Disponível em: <a href="http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/18/nem-com-reza/?topo=52,1,1,186,e186">http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/18/nem-com-reza/?topo=52,1,1,186,e186</a>.</p> <p>Publicado em: 18 jun. 2014. Capturado em: 21 jul. 2014.</p>	<p>O ensaio traz personagens que são reverenciados como autoridades da fé no dia a dia das pessoas, que, com o “efeito Copa”, se tornam conhecidas pelo público.</p>

**Quadro 6** – Categorização dos *posts* do *Diário da Foto* selecionados para análise  
(continuação)

<i>Post</i>	<b>Justificativa</b>
<p><b>Santa Brasil</b></p> <p>Disponível em: <a href="http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/23/santa-brasil/?topo=52,1,1,,186,e186">http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/23/santa-brasil/?topo=52,1,1,,186,e186</a>.</p> <p>Publicado em: 23 jun. 2014.</p> <p>Capturado em 21 jul. 2014.</p>	<p>O ensaio justifica-se por trazer a rotina do <i>modus operandi</i> do fotógrafo, que consegue retratar uma única personagem em várias imagens.</p>

### 5.2.1 Nem os guarda-chuvas aguentam<sup>41</sup>

Publicado no blog *Diário da Foto*, com texto da repórter Lisiane Lisboa, que trata do clima e da previsão do tempo, o ensaio fotográfico *Nem os guarda-chuvas aguentam* é atípico nas rotinas produtivas dos fotojornalistas do jornal *Diário Gaúcho*, especialmente por ser fruto do aproveitamento de um material produzido pelo fotógrafo e editor André Feltes, quando estava a caminho da redação, no qual ele utilizou um *iphone* para a captura das imagens. Os fotógrafos de redação usam câmeras DSLRs<sup>42</sup> 35mm. Quando fotografam a partir de aplicativos móveis, raramente ofertam para uso profissional.

O ensaio foi escolhido em função de ser um dos mais emblemáticos para o que discuto, no que concerne à quebra de convenções não só no *Diário da Foto*, mas no próprio *Diário Gaúcho*, uma vez que também é preciso considerar a oferta, por parte do editor, de um material inusitado ao jornalismo popular praticado pelo jornal impresso, mesmo que ele não o tenha publicado.

<sup>41</sup>Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/09/24/nem-os-guarda-chuvas-aguentam/?topo=52,1,1,,186,e186>. Acesso: 21 jul. 2014.

<sup>42</sup>Digital Single Lens Reflex, em formato 35 mm. Imagens feitas com celulares ou câmeras de menor porte são mais comuns nos casos em que os leitores enviam suas contribuições.

Oito fotografias dos guarda-chuvas quebrados foram publicadas no blog *Diário da foto*, na ordem que segue:







Trata-se de oito fotos em sequência, em formato quadrado, cujo assunto “guarda-chuvas quebrados” é o referente fotográfico do *ensaio individual*. Centralizados, com enquadramento seletivo para maior aproveitamento do espaço pelo assunto e dispostos pela regra dos terços (e pela contrarregra, no caso da foto que centraliza o objeto), que prima pelo tema em si (a tempestade que destruiu guarda-chuvas), dirimiui-se uma convenção primordial no jornalismo popular: o elemento humano. Ou, pelo menos, o descaracterizou, já que no jornalismo tradicional, e principalmente no *Diário Gaúcho*, o elemento humano normalmente é personagem central na história.

Nas fotografias, o que fica em evidência, além dos ferros retorcidos e tecidos, é o chão de calçadas e ruas molhado, que se percebe pelo reflexo de luz, poças d’água, meio-fio de calçadas e lixeiras. Em uma delas, onde há uma caixa repleta de guarda-chuvas quebrados, o elemento humano aparece de forma sutil, com a parte do corpo de um sujeito que caminha na calçada. A última imagem do ensaio é a única que mostra um guarda-chuva quebrado sendo utilizado por uma pessoa, da qual não se pode ver o rosto, escondido pelo objeto. Com algumas exceções, as cores que predominam no ensaio são o preto, o branco e o marrom, o que parece intensificar ainda mais o sentido das imagens: o vento, o frio, a chuva; dias sombrios, sem cores.

Podem-se categorizar as fotos constituintes do ensaio de André Feltes dentro do gênero de notícias, e englobando, pelo menos, dois entre os subgêneros: *spot news* (por se tratar de *hard news* e acontecimento imprevisível) e *pictures stories* (que engloba subgêneros de *foto-ensaios* e *feature photos* de objetos pictográficos - por se tratar de fotos que encontram grande sentido em si mesmas e não são dependentes de textos explicativos; quando o fotógrafo produz com maior liberdade artística e estilística). (SOUSA, 2002).

### 5.2.2 Nem com reza<sup>43</sup>

*As súplicas dos oito freis capuchinhos que se reuniram na terça-feira (17) na paróquia São Judas Tadeu, na Vila João Pessoa, não conseguiram tirar a Seleção Brasileira do empate com os mexicanos. O encontro dos padres apaixonados por futebol começou animado e pretendia celebrar a confirmação do time de Felipão na próxima fase, mas acabou em figas, unhas roídas e lamentações pelos gols perdidos.*

*- Esta partida teve sabor de derrota – desabafou Frei Roberson Chiarentin, 28 anos, da Casa Fonte Colombo, ao final do jogo.*

O texto acima, cujo título já sugere o resultado, escrito pela repórter Aline Custódio, do jornal *Diário Gaúcho*, serviu de abertura para o *post* de Mateus Bruxel, repórter-fotográfico, autor do ensaio abaixo. Ambos os repórteres acompanharam os religiosos enquanto assistiam pela TV e torciam pelo Brasil durante a Copa do Mundo.



<sup>43</sup> Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/18/nem-com-reza/?topo=52.1.1.,186.e186>. Acesso: 21 jul. 2014.







Uma sequência de dez fotografias compõe a cobertura fotográfica sobre o evento, agendado previamente entre a equipe do *Diário Gaúcho* e os freis capuchinhos. Trata-se de uma pauta prevista, portanto, e dentro do gênero *soft news*. (SOUSA, 2002). Este ensaio foi escolhido aqui não necessariamente por conter fotografias esteticamente fora do comum em uma cobertura jornalística, mas por contemplar justamente uma pauta fora do comum no jornalismo e, principalmente, por trazer luzes ao jornalismo popular, cujo público leitor costuma ser mais devoto a crenças religiosas.

Dentro das convenções do jornalismo tradicional, os códigos trazem o personagem religioso, seja padre, frei ou autoridade de qualquer religião, sempre na situação oficial de seus *posts*, como fontes para matérias que dizem respeito a eventos tradicionais, como autoridades comunitárias. Nesse caso, o ineditismo da pauta sugere outros signos implicados na vida dos religiosos. O primeiro, que salta aos olhos, é o de que o jogo do Brasil os coloca em igual condição a outros brasileiros que torcem pela seleção. Sugere-se, nas imagens, que os oito freis são pessoas comuns, que sofrem, roem unhas etc. pelo time do coração.

Outra evidência que o texto visual nos propõe é quanto à tradição da reunião de grupos para assistir ao jogo: uma foto em plano americano abre o *post*, tendo no seu primeiro plano uma bacia de pipocas em cima de uma mesa, cuja toalha é a própria bandeira do Brasil – o que já ambienta visualmente o leitor à pauta. Da bacia, surge uma mão que se serve de pipocas, mão de um dos freis capuchinhos, um dos oito personagens da história. O tom das batinas dos freis, em sintonia com tom da temperatura da cor da luz emprestada do ambiente da sala de TV, oferece uma sensação de conforto. Um frei toma chimarrão, outro tem a camisa verde e amarela em torno do pescoço, por cima da batina. O lugar do fotógrafo é dentro daquela sala, olhando tudo através de uma objetiva grande angular.

A segunda fotografia é a única do ensaio que tira os religiosos do local da pauta e coloca-os no ambiente externo. Com a igreja ao fundo, no pátio desta, os freis “batem uma bolinha”. Um dos três freis que compõe a cena está com a bandeira do Brasil envolta ao corpo. A narrativa sugere que a equipe acompanhou o período de intervalo do jogo também, talvez daí captada a segunda fotografia do *post*. Da terceira imagem em diante, os capuchinhos já estão de volta à sala, assistindo ao jogo. Todas as fotos seguintes demonstram a naturalidade com que os religiosos torcem pelo time, igualando-os aos demais torcedores. Única coisa que os difere é o fato de serem religiosos, evidenciado pelas vestes. Daí decorre a novidade da pauta, o elemento surpresa que faz com que os leitores tenham curiosidade em acessar este fato.

A narrativa fotográfica, *composta* de ângulos mais abertos e detalhes, insere o observador no fato. Ela inicia com elementos que remetem ao torcedor de futebol – bandeira do país, pipoca e chimarrão –, mas não mostra, na primeira imagem, a televisão. Apresenta os freis jogando bola para somente depois revelar a televisão, embora o observador, por suas experiências e conhecimentos prévios, já imagine que o grupo está diante de uma tela.

Os sujeitos não mudam suas posições na maioria das imagens: o que justifica tantas imagens de um mesmo momento são as expressões faciais e corporais, especialmente de braços e mãos. Alegria, tensão, nervosismo, torcida e sentimentos vão surgindo nas fotografias, sendo interpretados facilmente pelos observadores por se tratarem de comportamentos comuns na cultura brasileira.

### 5.2.3 Santa Brasil<sup>44</sup>

Santa Eva de Assis Brasil é nome próprio de uma torcedora do Brasil em tempos de disputa pela Copa do Mundo, no país de mesmo nome. Ela se torna personagem do *ensaio individual* do repórter-fotográfico Mateus Bruxel, publicado em 23 de junho de 2014, no *Diário da Foto*. A história é bastante curiosa, bem ao estilo editorial, centrada em personagens que chamam para si a trama central das matérias jornalísticas do jornal *Diário Gaúcho*. Coincidência ou não, Santa Brasil costurou 2014 bandeiras verde-amarelas para pendurar no pátio da casa onde mora, em Sapucaia do Sul, para aprontar o cenário que a inclui como torcedora do time brasileiro na vaga das oitavas de final.

---

<sup>44</sup> Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/23/santa-brasil/?topo=52,1,1,186,e186>. Acesso: 21 jul. 2014.







Das sete fotografias que compõem o ensaio, seis são retratos da personagem central. Na única foto em que ela não está retratada, o referente é o detalhe de sua mão segurando seu documento de identidade. O ensaio, dentro das categorias de Sousa (2002), enquadra-se no gênero retratos individuais e ambientados, o que significa colocar o sujeito fotografado no lugar em que se quer gerar sentido.

No caso dessa história, centrada em uma única personagem, a série de retratos realizada pelo fotógrafo mescla capturas ambientadas com o que Sousa (2002) chama de *mug shot*, que são detalhes da face ou de parte do corpo do retratado, como é o caso das imagens em detalhes de Eva Brasil. O ambiente se faz fundamental porque é parte da notícia reportada, juntamente com a personagem. Colocá-la ambientada em seu pátio, lugar do acontecimento, afinal, é ali que a personagem realiza a sua instalação de varais com 2014 bandeirolas, ora abrindo em grande ângulo, ora fechando em *close up*, é recurso do fotógrafo para conseguir gerar sentido, reportando uma única personagem em 8 fotografias que falam sobre ela.

O *ensaio individual* de Mateus Bruxel traz à tona o tipo de jornalismo que é muito usual no *Diário Gaúcho*, centrado no personagem que dá vida à história. Trata-se de um, entre praticamente todos os gaúchos, que estava na expectativa e na torcida do jogo do Brasil. Porém, ela era especial, afinal, nem todos se chamam “Santa Brasil”, como o título da história que abrevia o nome da personagem, santificada pela construção midiática aos moldes do jornalismo popular. Quem não se apega a santos? Uma Santa que costura de próprio punho 2014 bandeirolas verde-amarelas para dispor no pátio de casa, local onde foram realizadas as fotos pelo repórter-fotográfico.

Na primeira imagem, um detalhe mostra parte do rosto de Santa Brasil voltado para o céu. O enquadramento se dá no recorte do detalhe: metade da face bastante iluminada,

deixando à mostra um sorriso escancarado, que corrobora para mostrar as marcas de rugas que estão evidenciadas pela luminosidade e pelo foco em primeiro plano. Na cabeça, a personagem tem uma tiara com duas bandeirinhas do Brasil. O fundo verde e amarelo reflete o local: o pátio, cheio de bandeirinhas, desfocado. O objetivo da imagem é chamar atenção para o rosto que aparece compenetrado, com olhos fechados, voltado para o céu, como que em oração, pedindo pelo time do coração.

Na segunda imagem, Santa Brasil aparece em frente a sua casa, em plano geral, embaixo das bandeiras. Sorridente, veste uma camisa do time brasileiro e traz em sua mão direita a bandeira do Brasil e, à mão esquerda, a máquina de costura que usou para confeccionar as bandeiras. A terceira foto é o detalhe que serve de comprovação do nome da personagem. O detalhe, que mostra a unha pintada de verde, contrastando com o verde do documento de identificação, foi manipulado pela pós-produção, mantendo apenas o nome em foco, por questão de segurança. O desfoque em verde e amarelo permanece ao fundo da imagem para dar destaque ao documento e para que o detalhe permaneça dentro do contexto colorido criado para a narrativa.

A quarta fotografia da narrativa traz um plano médio compondo o retrato da personagem da história, que sacode a bandeira do Brasil. Ela está em meio às bandeiras penduradas, onde se notam as cores azul e branco que compõem os detalhes da bandeira brasileira. Toda a cena é colorida; o rosto, iluminado contra um fundo preto. Santa Brasil está iluminada pela luz do sol. A quinta fotografia traz o detalhe das mãos cruzadas segurando a bandeira do Brasil. A imagem revela a personagem em um momento, aparentemente, de oração. Todas as cores que remetem ao Brasil aparecem na fotografia, como se tudo ali convergisse para dar certo. As unhas pintadas em verde cintilante combinam com o tom que também cintila na bandeira, cujo pano está apertado entre as mãos. Eva Santa Brasil é toda esperança.

Na sexta fotografia toma grande proporção o primeiro plano, que desfoca bandeiras verdes e amarelas para lá adiante, em lugar iluminado, aparecer novamente um detalhe do rosto sorridente da personagem envolvida com a sua arte de pendurar bandeiras. A sétima e última imagem, a fotografia que fecha o ensaio, é um plano contra picado, ou *contra-plongé*, de Santa Brasil, tendo todas as informações anteriores, porém o elemento céu aparece num azul majestoso. Elementos da natureza, como o verde da árvore, o azul do céu e as nuvens brancas, compõem, com as cores da retratada, uma coisa só: todas as cores do Brasil estão lá.

## 6 APONTAMENTOS SOBRE O CAMPO FOTOJORNALÍSTICO DO BLOG

A partir das descrições e inferências elaboradas por meio de seleção e de análise de posts dos blogs estudados, parto, neste capítulo, para os apontamentos sobre o campo fotojornalístico do blog. O objetivo é trazer para a problematização questões que emerjam da análise dos posts e que digam respeito às linguagens e práticas fotojornalísticas relacionadas aos blogs. À luz de teorias e de autores dos campos da fotografia e da comunicação, tenciono alguns pontos que considero primordiais no entendimento do espaço que os blogs abrem para a estética fotográfica.

### 6.1 O LUGAR DO BLOG

Os blogs fotográficos organizacionais, constituídos por fotógrafos de redação de veículos tradicionais, operam no sentido da produção de um deslocamento do que era convencional no fotojornalismo diário impresso. Por valorizarem o acontecimento jornalístico a partir de um maior número de fotos (normalmente as que ficavam relegadas aos arquivos por falta de espaço), através de sequências fotográficas (*pictures stories*), dão a ver o acontecimento *pela* fotografia.

As pautas fotojornalísticas, tanto no *hard news* quanto as prospectivas, oriundas do agendamento, chegam ao público através de ensaios *individuais* e/ou *coletivos*, frutos da semiose que se opera pela convergência digital nas redações. Geralmente, a produção e a consequente publicação das narrativas/ensaios fotográficos vêm por último, depois de o acontecimento ter seguido a trajetória pelos portais noticiosos dos veículos tradicionais e ser explorado pelas redes sociais digitais. As postagens realizam, nas redes, o processo de fazer chamadas que remetem os leitores para todos os canais, inclusive o impresso e, por último, ofertam o acontecimento no blog pelo viés do fotográfico.

Conforme o editor do *Focoblog*, Bruno Alencastro (2014, em entrevista),

[...] Um dos grandes cuidados que se tem é não furar a pauta com o Focoblog. [...] A gente espera primeiro sair no impresso. [...] Na verdade, não é nem depois, é meio que junto com o impresso. Por exemplo, amanhã vai sair no segundo caderno um ensaio [...] Aí eu pego e também já deixo o post pronto, e agendo para 6 da

*manhã o post entrar no ar. Então, assim, os caras vão estar recebendo a Zero Hora em casa, às seis da manhã, às sete, e o post já vai estar no ar.*

Um exemplo de *post* pensado em função da existência do *Focoblog* foi o ensaio *Ócio Criativo*, protagonizado pelo fotógrafo Júlio Cordeiro, no Cais do Porto, enquanto esperava para fotografar uma fonte. Outro exemplo que virou de cabeça para baixo a rotina do jornal *Diário Gaúcho* e inverteu totalmente seu ordenamento foi o factual *Nem os guarda-chuvas aguentam*, do fotógrafo e editor André Feltes, publicado no blog *Diário da Foto*. Postado em primeira mão pelo *blog*, gerou imediatamente uma enxurrada de semioses, tanto do ponto de vista dos lugares em que foi compartilhado quanto das conversas e negociações geradas internamente na redação do jornal *Diário Gaúcho*. Imediatamente após a publicação, com mais de mil visualizações, conforme declarou, em entrevista, o repórter-fotográfico Mateus Bruxel (2014), responsável pela postagem, o ensaio percorreu uma semiose contrária à pauta jornalística, que normalmente segue por: portal do veículo, redes sociais, jornal impresso e, por último, *blog*.

Esse caso foi emblemático porque a pauta revirou, inclusive, o ciclo natural do próprio veículo: do *blog* para a capa do *Clic RBS* e para o site do jornal *Zero Hora*. Dada a grande quantidade de visualizações, chegou a ser diagramado como ensaio da contracapa do impresso *Zero Hora*, porém “caiu” na última hora em função de um anúncio, conforme declarou Feltes (2014, em entrevista): *alguém veio e me trouxe a página: ‘olha a contracapa da Zero diagramada, pronta’. Mas tudo bem. É do jogo*. O mesmo material foi motivo de discussão entre editores do *Diário Gaúcho*, para circular na capa do impresso, mas foi preterido a favor de uma cobertura tradicional do jornalismo popular, centrado em personagens (MERSONI, 2014).

Dias depois, o mesmo ensaio circulou no impresso *O Estado de São Paulo*, a convite de uma editora. As camadas que se sobrepõe em semiose vão além do fato de ser um fenômeno inusitado. São camadas que adensam o debate interno da redação entre fotógrafos e editores. Extrapolam a redação do *Diário Gaúcho* porque afetaram também os jornais *Zero Hora* e *Estadão*:

*[...] A gente começou a discutir aqui e acabou indo na linha de que talvez não fosse um assunto tão nosso esse grafismo, que talvez o Diário em vez de colocar guarda-chuvas quebrados no chão, [...] pelo tipo de reportagem que a gente faz, não ter ido tanto pela questão estética, que tinha ali... total estética...[...] talvez para o Diário [...] o mais importante foi o que entrou, que era uma matéria lá, que o vento*

*derrubou a casa. [...] Edição é isso. É a escolha. [...] o Bach<sup>45</sup> me chamou, 'está no Estádio o que a gente não publicou'.* (ANDRÉ FELTES, 2014, em entrevista).

A narrativa sobre os guarda-chuvas é emblemática por ter sido constituída a partir de um ambiente próprio da cultura digital, isto é, capturada através de um *Iphone*, transmitida imediatamente e publicada no blog. Como ensaio, tomou proporções diversas a partir de sua ancoragem em um veículo do jornalismo popular. O blog *Diário da Foto* foi protagonista desse fotojornalismo cuja estética é diversa, inclusive, de outros blogs de públicos ditos de classes A e B. A cobertura foge às convenções do jornalismo praticado pelo *Diário Gaúcho*, principalmente porque as fotografias capturadas por Feltes são constituídas de um apelo visual cujo sentido gerado é muito mais estético do que informativo<sup>46</sup>.

## 6.2 MODUS OPERANDI NA TAREFA DE BLOGAR

Os assuntos publicáveis em forma de *picture stories*, nos blogs fotográficos dos jornais tradicionais, são os mais diversos - ensaios individuais e coletivos contendo em fotos desde acontecimentos de rotina e de fora da rotina, à pautas prospectivas, inesperadas, factuais locais, regionais, nacionais, mega-acontecimentos etc. Do ponto de vista das rotinas de produção, depende do editor ou do fotógrafo editar os ensaios, normalmente última tarefa do dia. O blog de fotografia é visto pelos profissionais como um lugar importante para visibilizarem suas histórias fotográficas, principalmente no caso do *Focoblog* não parece pesar o fato de ser mais uma tarefa “cuidar do blog”, dentre as demais a serem cumpridas, principalmente pelo editor.

No caso do *Diário da Foto*, fundamentalmente por ter uma equipe reduzida, transparece, nas falas do editor, Feltes, e do repórter-fotográfico, Mateus Bruxel, que é necessário “sobrar tempo” para se dedicarem ao blog. Por isso, as atualizações não são tão constantes como gostariam<sup>47</sup>. O caso do ensaio dos guarda-chuvas foi uma exceção pelo fato de Bruxel se encontrar na redação ao meio dia, momento em que Feltes enviou as imagens,

<sup>45</sup> Alexandre Bach, então chefe de redação do jornal *Diário Gaúcho*. Bach foi, juntamente com André Feltes, afastado do grupo RBS, cerca de um mês após minha estada na redação do jornal para a entrevista referida.

<sup>46</sup> Nas coberturas jornalísticas, normalmente os fotógrafos atrelam as fotografias com o texto do repórter. Raras são as vezes em que o repórter-fotográfico se pauta e realiza algo mais solto.

<sup>47</sup> Como visto, o *Diário da Foto* teve exatamente 50% de posts em relação ao *Focoblog*, em um ano de publicações, entre junho de 2013 a junho de 2014.

por celular. [...] A gente não consegue, ainda no blog, fazer aquilo que a gente queria, ou aquilo que a gente pretendia [...] Acho que a gente trabalha, hoje, ainda com muitos limites no blog [...] o papel ainda é o produto principal (ANDRÉ FELTES, 2014, em entrevista).

Feltes refere-se à versão impressa do *Diário Gaúcho*, que ainda é o produto principal em relação aos demais produtos das plataformas digitais, como o portal do DG e o blog *Diário da Foto*. Se compararmos com a Zero Hora, o ambiente digital que vem em primeiro lugar, do ponto de vista empresarial, é muito mais trabalhado e valorizado, e os blogs, por consequência também são. É evidente, pela pesquisa, que os internautas, no caso do *Diário Gaúcho*, são minorias perto dos leitores do jornal impresso, mas é uma parcela que precisa ser considerada, uma vez que pode ter migrado do impresso, e esse caminho possivelmente será seguido por outros leitores, devido ao acesso cada vez mais facilitado à internet.

### 6.3 FOTOJORNALISMO DE CONVERGÊNCIA: FOTÓGRAFOS DESENVOLVEM OUTRAS COMPETÊNCIAS

Cerca de duas décadas para cá, as alterações no *modus operandi* das organizações jornalísticas, face à convergência de conteúdos para multiplataformas, vêm exigindo outro perfil profissional, em relação à cultura anterior do fotojornalista (SILVA JÚNIOR, 2012). A mudança de paradigmas da fotografia analógica (ou convencional) para a fotografia digital afetou profundamente toda a cultura da profissão. Os profissionais oriundos da Era analógica sentiram isso de forma muito mais intensa, pois tiveram que reaprender e se capacitar às modernas tecnologias para atender às novas demandas do jornalismo da cultura digital.

Da rápida captação de fotos à transmissão, quase em tempo real, durante as coberturas das pautas, passando pela captação de vídeo, além de conviver com a tensão da preocupação com o abastecimento dos canais das organizações jornalísticas, inclusive as do impresso, de um *dead line* a tantos *dead-lines* quanto forem as pautas ao longo de um dia: o fator *tempo* é valor fundamental no que poderíamos designar como *ciberfotojornalismo*. O “furo” hoje é protagonizado pelos profissionais que possuem mais agilidade nos processos produtivos das imagens. Diferentemente da Era analógica, que respeitava outras processualidades na produção fotográfica, da captura ao trato com os filmes, o fotojornalista contemporâneo adota a postura de que “foto boa é foto cedo” (frase repetida por dez entre dez editores do

jornalismo contemporâneo). Velocidade e instantaneidade são valores: o *deadline* é o tempo real.

Na atualidade, para ser fotojornalista não é suficiente saber produzir e operacionalizar tecnologicamente os materiais fotográficos oriundos de uma pauta. É preciso ver além, perceber para *que* e para *quem* se está produzindo, e saber as potencialidades que cada material possui, ou o que pode ser produzido em cada pauta. O repórter-fotográfico detém, hoje, maior protagonismo nas coberturas *in loco*, para dar conta das demandas imediatas da cultura digital. Isso acaba por gabaritar os profissionais a progressivamente desenvolver novas competências, como a de editor, por exemplo. Sobre o papel do editor, Feltes (2014, em entrevista) é veemente: “[...] Já vem editado quando o cara começa a deletar as fotos dele no cartão”.

No jornal *Zero Hora*, cada repórter-fotográfico, nestes tempos de convergência digital, realiza a média de três pautas por dia<sup>48</sup>. Isso mudou, atualmente, conforme Alencastro (2014, em entrevista):

*[...] antes tu entregava só fotos, agora tu entrega fotos, vídeo, ensaio para o blog ou para a contracapa. [...] Então, se antes podia resolver uma pauta em meia hora, agora tu não consegue. Tu precisas ficar pelo menos uma hora para dar conta de fazer foto, contracapa, fazer detalhes para um ensaio de contra (capa), ou do Focoblog, e ainda eventualmente algum vídeo. Então, aumentou o tempo de captura. Digamos que dessas duas ou três, uma vai ser um factual que tu precisas mandar.*

Em função de que as imagens devem ser geradas para várias finalidades em uma redação convergente, é necessário que o fotógrafo tenha um pensamento convergente, ou seja, tenha capacidade de enxergar os canais para os quais está produzindo. O *modus operandi* contemporâneo também exige que os profissionais das redações trabalhem em um ambiente de cooperação.

Na linha de produção das editorias de fotografia dos dois veículos pesquisados, as pautas são pensadas para a convergência, dando prioridade para o portal, no caso da *Zero Hora*, e para o impresso, no caso do *Diário Gaúcho*. Quase não há pautas pensadas especificamente para os blogs fotográficos, ainda que no *Focoblog* já inicie uma cultura neste sentido. Isso exigiria mais tempo dos profissionais, ou mesmo a ideia de ter alguém em

---

<sup>48</sup> Em minha pesquisa anterior, em 2005, quando estive acompanhando as rotinas produtivas dos repórteres-fotográfico de *Zero Hora*, a média diária era de cinco pautas, mas ali ainda não tinham se disseminado as tarefas de captação de vídeo, e ainda eram raras as transmissões *in loco* para os portais noticiosos.

dedicação exclusiva, o que parece estar longe de acontecer, pelo menos a partir das entrevistas. Os jornais trabalham com equipes consideradas enxutas, por isso não há regularidade nas publicações. Pelo que ficou evidenciado nas entrevistas com os editores do *Focoblog* e do *Diário da Foto*, não existe grande interesse por parte da empresa em investir no blog de fotografia como plataforma. Eles são o que são graças aos esforços de editores e de quem os viabilizou.

#### 6.4 SEGMENTAÇÃO DO PÚBLICO, VALORES NOTÍCIA E O TEXTO COMO CONTEXTUALIZADOR

Parte-se, aqui, do fato de que os blogs *Focoblog* e *Diário da Foto* produzem ensaios ou narrativas fotográficas a partir do que é produzido nas pautas das redações que servem ao jornalismo de convergência digital. No caso do *Focoblog*, veículo oriundo do jornal de referência, quando o leitor chega ao ensaio ele já vem municiado de informação sobre o acontecimento contado, agora, em fotos, daí a preocupação, por parte do editor, em publicar junto com o impresso ou, pelo menos, não antes. Decorre também a questão de que não há grandes preocupações em maiores contextualizações sobre as sequências fotográficas narradas, pois o próprio jornalismo de convergência se encarrega, em semiose, por conduzir o leitor de um ambiente para o outro e abastecê-lo de informações sobre os acontecimentos cobertos pelos vários canais. O ensaio fotográfico no *Focoblog* funciona como mais uma forma de “dar a informação”, mas pela fotografia.

Ao adotar o texto jornalístico para o acontecimento narrado, o *Diário da Foto* pressupõe que o leitor precise dele para se situar no que é noticiado. No *post Nem os guarda-chuvas aguentam*, a meu ver, não se deveria carregar a notícia em texto também. Bastaria um título que funcionasse como “gatilho mental” e uma chamada no próprio *blog*, para quem quisesse saber mais buscar outras fotografias relacionadas ao clima e suas consequências, no impresso e no site. O ensaio em questão funciona muito mais como uma oferta estética, embora a “*estética possa vir com informação*”, como lembra Mateus Bruxel (2014), em entrevista.

Sousa (2002, p. 7) considera “[...] as fotografias jornalísticas como aquelas que possuem ‘valor jornalístico’ e que são usadas para transmitir informação útil em conjunto com o texto que lhes está associado”. Ele reconhece ser difícil expressar com exatidão o que

significa “valor jornalístico”, porque cada veículo de comunicação valoriza de forma diferenciada as informações. Tem “valor jornalístico”, segundo o autor, tudo o que tem valor como notícia. Nessa linha, no blog *Diário da Foto* ganham destaque ensaios de pessoas comuns que se transformam em fontes, construções de personagens, como no ensaio *Santa Brasil*, publicado em 23 de junho de 2014.

Mersoni<sup>49</sup> (2011, p. 51), em pesquisa sobre jornalismo popular, realizou entrevista em profundidade com André Feltes e apurou o que vem ao encontro do que assisto reverberar nas práticas do blog *Diário da Foto*, através do ensaio *Santa Brasil*.

*[...] O nosso foco são sempre as pessoas, as pessoas comuns. Qualquer retrato ou qualquer pessoa ambientada é sempre uma foto importante para o Diário [Gaúcho]. Porque ele é muito calcado em cima das pessoas, as pessoas que normalmente, no início, não se viam no jornal, não liam o jornal.[...] Sempre vai ter o viés do personagem. Aumentou a alface, a gente não vai ‘fazer’ simplesmente a alface. A gente vai ou na senhora que comprou alface, ou no vendedor, ou no cara que planta.*

Por se tratar de uma pauta feita inicialmente para o impresso, o ensaio traz a característica do retrato de uma fonte popular. Porém, no impresso dificilmente seriam aproveitadas mais de duas fotografias. Já o blog, serve para mostrar mais registros obtidos pelo fotógrafo, que geralmente explora os retratos por diversos ângulos, especialmente por a retratada ser personagem única da matéria, baseada em sua história particular. Mais uma vez, percebe-se a exploração do fato curioso, inusitado, que é característica do jornalismo popular.

O ensaio *Nem com reza*, embora calcado em personagens, desta vez transforma pessoas incomuns, no caso os freis capuchinhos, em personagens históricos no período da Copa do Mundo. Uma das principais motivações, aparentemente, para o fato ser explorado fotograficamente pelo jornal e publicado no blog também é o inusitado. Os freis, com suas vestes tradicionais, são comumente vistos em atividades religiosas. Ao serem mostrados como torcedores de um jogo de futebol, e até como jogadores em determinado momento, passam a ser percebidos como personagens curiosos. O ensaio do blog vai ao encontro de um dos critérios jornalísticos recorrentes no jornalismo popular impresso: o inusitado. Essa característica justifica-se, junto a outras dessa linha editoria, como o projeto gráfico repleto de elementos de arte e cores, como meio de chamar a atenção dos leitores, que diariamente precisam ser conquistados.

---

<sup>49</sup> MERSONI, em 2012, conquistou o prêmio *Adelmo Genro Filho* de melhor TCC do Brasil, realizado sob minha orientação, em 2011, e defendido no curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Há de se levar em conta que a maior parcela do público do jornal popular ainda acompanha o veículo pela versão impressa, por estar migrando gradativamente para as plataformas digitais. Inclusive, a linha jornalística chamada de popular é responsável por alavancar as tiragens dos jornais impressos nos últimos anos, já que os veículos de referência acompanham o crescimento do público no ambiente digital. (MERSONI, 2014). No *Focoblog*, cuja produção se origina no jornalismo de referência do jornal *Zero Hora*, cujas práticas jornalísticas estão cada vez mais próximas às de revistas, os ensaios apresentam-se com um título e uma frase de apoio, atendendo a um público que já acompanhou a notícia em tempo real e demanda aprofundamento, em fotos, sobre o acontecimento.

## 6.5 A ESTÉTICA E A RECONFIGURAÇÃO DO FOTOJORNALISMO

A fotografia contemporânea, e com ela a jornalística, encontra-se expandida em seus modos de produção, com construções autorais cuja subjetividade, intrínseca ao ato fotográfico, fica claramente perceptível nos blogs de fotografia dos veículos tradicionais. Tanto o jornalismo impresso, hoje decorrência das semioses que se operam nas produções fotojornalísticas em convergência, quanto o jornalismo em redes digitais estão permeados por processos estéticos, já que eles encontram-se dentro e não fora das organizações. Hermes (2013, p. 57-58), ao falar sobre a significação das imagens que se colocam no limite entre jornalismo e arte, conclui que “o jornalismo é permeado por valores artísticos na sua própria produção. Resignifica a arte, ao mesmo tempo em que ressignifica a si próprio”.

O fotojornalismo, nas redações de veículos diários, em relação aos tipos de pautas, segue a clássica divisão entre as oriundas do agendamento e os flagrantes<sup>50</sup>, que são da ordem da imprevisibilidade. As últimas situam-se mais na linha *hard news*, acontecimentos capturados em pleno voo, e que, dentro das categorias de Peirce (2002), relacionam-se aos signos indiciários. Um exemplo de ambas as pautas encontra-se no ensaio *Noite Histórica*, do *Focoblog*. Em função de ser toda uma equipe escalada para cobrir as manifestações, no dia 18 de junho de 2013, houve tempo para criações autorais, com recortes e enquadramentos

---

<sup>50</sup> Em minha pesquisa sobre as rotinas produtivas dos fotojornalistas de *Zero Hora*, ressignifico esses dois tipos de pautas: [...] *Saídas de rotina* as pautas de *primeira natureza*, ou seja, as pautas oriundas do *agendamento*. E por *saídas da rotina* chamamos as pautas de *segunda natureza*, ou seja, quando o repórter fotográfico se depara, dentro de sua própria rotina, com as situações *inesperadas*, surgidas por conta do *acaso*, e que lhe possibilitam a produção de material que, como já dito, muda o rumo da agenda jornalística (SALLET, 2006, p. 2).

específicos de cada autor, e houve o *hard news* dentro do acontecimento, e o exemplo mais emblemático é o ônibus em chamas.

Outro exemplo que mistura a *hard news* com acontecimento agendado é o ensaio *Um fusca na história do fotojornalismo*, que combina estéticas antigas e contemporâneas em função das tecnologias empregadas, além da cultura da profissão: o ensaio recupera fotos p&b de uma *hard news* de três décadas atrás e reconfigura/atualiza a pauta para o ciberjornalismo. No *Focoblog*, o ensaio apresenta a foto antiga abrindo um vídeo, em seguida a sequência das fotos da antiga pauta *hard news* (as p&b), finalizando com fotos atuais (coloridas), principalmente o retrato posado e ambientado do casal fonte do protagonismo da pauta. Trata-se de um ensaio que, graças ao jornalismo de convergência, pode ser assim apresentado pelo blog. Uma miscelânea de estéticas fotográficas que pode despertar fruições de muitos matizes no leitor, pois é composta por elementos que envolvem diferentes tempos e culturas da cena midiática: os processos fotoquímico e eletrônico se misturam numa única história.

A fotografia em preto e branco apresentada pelo ensaio *Um fusca [...] data de um tempo* (1984) em que o jornal era impresso na sua totalidade em preto e branco. Feita através do processo analógico (câmera analógica, filmes fotográficos em p&b, revelação e ampliação fotoquímica), foi praticada pelos fotógrafos dos jornais até metade da década de 1990, quando o p&b foi extinto e os processos em cores foram completamente absorvidos pelas redações. O passado é presentificado através da recuperação da memória da pauta por parte do autor, Fernando Gomes, e da equipe do jornal que produz o material que protagoniza novamente o p&b, a cor, o impresso, o vídeo, o blog, tudo em convergência. A fotografia em preto e branco, em geral, causa grande impacto, principalmente porque há nela uma eloquência gerada pelo efeito de sentido que se encontra na categoria de flagrante, valor máximo na linguagem fotojornalística, que as remetem a si mesmas. (JAKOBSON, 1975). Na visão de Lima (1987, p.83), “[...] O imprevisto ainda não pode ser captado pela cor, com a mesma presteza e linguagem que o é pela fotografia em preto-e-branco”.

Até os primeiros anos da década de 1990, por convenção das empresas jornalísticas, apenas capa e contracapa dos principais jornais impressos eram em cores. Antes disso, o jornal era totalmente em preto e branco. Desta forma, ao sair para determinada pauta, cada fotógrafo era incumbido pelo editor de fotografia a fotografar em cores ou em p&b. Fotografava-se em cores somente as apostas de pautas para a capa e contracapa dos jornais. Pautas de “menor” importância, ou presumidamente de menor valor-notícia, fotografavam-se

em preto e branco<sup>51</sup>. Não raro, os próprios fotógrafos revelavam seus filmes, tanto no laboratório do jornal quanto em laboratórios improvisados, principalmente em viagens.

Já no final da década de 1990, os fotojornalistas usavam apenas filmes coloridos, faziam a cópia em positivo conforme a necessidade do jornal, em cores ou preto e branco. O escaneamento a partir de negativos foi o processo que intermediou a passagem do analógico ao digital. Uma vez escaneada/digitalizada, a foto já fazia parte da nova ambiência do mundo virtual. *Um fusca na história do fotojornalismo* mescla uma série de convenções que, atualizadas pela *cultura digital*, trazem à tona e encerram pelo menos trinta anos de história. A fotografia digital representou uma economia tremenda de tempo e de custos para os veículos, abreviando processos. Em função disso, o jornalismo contemporâneo retorna mesclando na fotografia o uso da cor e do preto e branco, inclusive no impresso. A opção entre um e outro, para falar do ponto de vista da estética, reflete o tratamento que emprega sentido às narrativas fotojornalísticas, principalmente os ensaios dos blogs fotográficos dos jornais. Refere-se, entre outras coisas, ao que Felinto (2011) inclui como expansão do potencial criativo do homem através das tecnologias de informação e comunicação.

Para Lima (1989), a foto em preto e branco transforma a força das cores em tons neutros que vão do negro (ausência de luz) ao branco (união de todas as luzes), passando por uma gama de cinzas. Já a fotografia em cores, está mais próxima do que vemos em termos de cor.

[...] Muitos repórteres fotográficos, senão a maioria, preferem o preto e branco por diversas razões, entre elas [...] a possibilidade de representação estética, para a qual o veículo preto-e-branco é mais atraente. [...] O jogo de sombra e luz dá uma verdadeira matéria à fotografia e a gama de cinzas permite modelar a imagem segundo cada desejo. [...] O cinza escuro de uma fotografia em preto-e-branco [...] tem uma força emocional muito mais adequada. (LIMA 1989, p.82).

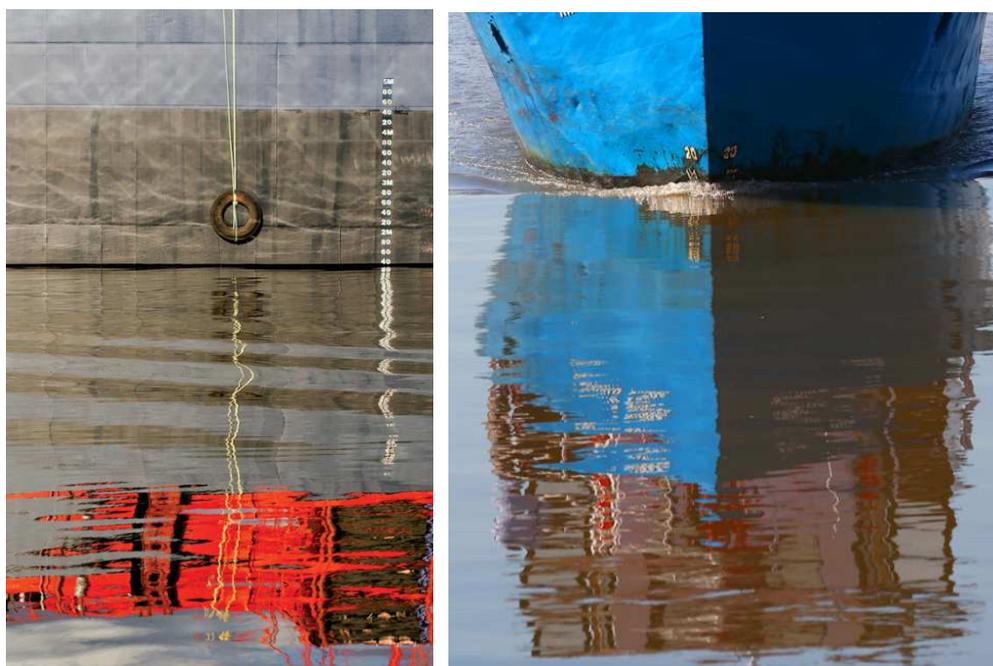
Flusser (1985, p. 19) afirma que “[...] fotografias são imagens de conceitos, são conceitos transcodificados em cenas. As possibilidades fotográficas são praticamente inesgotáveis. [...] O fotógrafo caça, a fim de descobrir visões até então jamais percebidas”. A

---

<sup>51</sup> Um evento marcou a minha experiência profissional como fotojornalista. Nos idos de 1997, saí para fotografar uma pauta com filme em preto e branco (já prevendo ser um evento que entraria só nas páginas internas do jornal). Porém, ao final do dia, na hora de fechar o jornal, o editor de redação me chamou (jornal impresso diário Vale dos Sinos, em São Leopoldo), pois queria saber se não tínhamos fotos em cores sobre a pauta referida. A pauta “cresceu” e a foto de capa deveria ser colorida. Houve ali um erro de avaliação por parte do pauteiro. O resultado foi que publicaram a foto que eu fiz como a principal da capa, mesmo em preto e branco. O valor-notícia da imagem transcendeu as convenções.

ideia do fotógrafo caçador aparece de forma latente no ensaio *Ócio Criativo*, veiculado pelo *Focoblog* quando o fotógrafo Júlio Cordeiro, enquanto espera outra pauta, caça, ou, como bem observou o editor do Bruno Alencastro (2014), *faz poesias*. O ensaio é um exemplo de acontecimento que, como objeto semiótico das narrativas jornalísticas, encontra *no blog* condições para deslizar para o campo do sensível. Conforme visto na *Teoria dos Signos*, de Peirce (2002), há pelo menos três níveis de interpretantes possíveis, aos quais o autor chama de: emocional (os que se situam no nível da qualidade de sentimentos), energético (que se revelam como ações concretas) e lógico (que se instituem como sentidos já racionalizados). É nesse sentido que se fala aqui de sensível: as semioses que de forma mais acentuada processam-se no âmbito das *qualidades de sentimento*.

A sensibilidade empregada por Cordeiro sobre o rio Guaíba se reflexiona nas fotos do Guaíba visto por Achutti<sup>52</sup>. Isso pode ser verificado em duas fotografias desses dois autores, que pintam nas mesmas águas cores a partir do reflexo da matéria-prima básica da fotografia, a luz.



Hugo Mari (2010, p. 132-133) propõe que uma experiência estética é necessariamente seletiva. “[...] O que é próprio desta categoria provavelmente é aquilo sobre o que ‘os nossos olhos demoram’”, diz o autor ao mesmo tempo em que percebe como um dilema definir o que é estético, por exemplo, em nossa experiência de leitor de jornal:

<sup>52</sup> Fonte das imagens: a primeira imagem é de Julio Cordeiro, do ensaio *O ócio criativo*, publicado em 23 de abril de 2013, no *Focoblog*. A segunda imagem é de Luiz E. Robinson Achutti, do ensaio *O Guaíba por Achutti*, publicado em 27 de maio de 2014, no *Focoblog*.

[...] definir o estético pode ser uma ousadia descabida, pois o teor movediço de sua percepção não permite que nos fixemos em A, quando no sentir seguinte o estético está em B. Sabemos que o estético passa pelo nosso corpo e por alguns sensores de modo especial [...] que invade os espaços de nossa consciência: é neles que moemos e remoemos a informação disponível para construir a partir dela a percepção do estético. (HUGO MARI, 2010, 133).

Em Hugo Mari, a visão sobre o estético está relacionada ao contexto dos leitores de jornais, mas pode perfeitamente servir para a leitura de fotografias no ambiente digital, no caso dos blogs. Sobre a estética fotográfica, frequentemente os editores e repórteres-fotográficos opinam quando se referem à foto “boa”, sob a qual “damos uma paradinha” (SALLET, 2006, p. 85), ou como quando, conforme Vaz (2010, p.189), “[...] procuramos focar um tipo de produção fotográfica que contém “algo mais” em si mesma [...] além de mobilizar o leitor, aciona o seu imaginário, proporcionando-lhe uma experiência estética notável”.

Na acepção peirciana, o ideal estético refere-se ao *summum bonnum* (bem supremo), parâmetro para o admirável (*kalós*). (ALZAMORRA, 2010, p. 301). Santaella (1994, p. 11) credita a Barilli o significado da palavra “estética”, do grego *aisthesis*, significando sentir “não com o coração ou com os sentimentos, mas com os sentidos, rede de percepções físicas”. O domínio da estética peirciana encontra-se na primeiridade, âmbito das qualidades de sentimento. Ao referir-se à experiência estética dos leitores dos *blogs* de empresas tradicionais de jornalismo, já se está acessando uma experiência mediada por computador, a qual alcança outros níveis, como a secundidade e terceiridade.

O principal motivo que me levou a escolher o post *O Guaíba por Achutti*, entre tantos outros em um ano de publicações, foi o fato de que no dia em que realizei a entrevista com o editor Alencastro, coincidentemente, o ensaio com as fotos de Luiz E. Robinson Achutti foi publicado, tanto no impresso quanto no *Focoblog*. O fato forneceu insumos para problematizar, aqui, a mudança relativamente recente no impresso ZH, que pode ter sido provocada pelos novos processos de convergência da cena midiática como um todo, que do impresso traz reverberações para o portal (site), *Focoblog* e/ou vice-versa.

O impresso ZH destina diariamente<sup>53</sup> o espaço da contracapa para um ensaio fotográfico entre quatro e seis imagens. Desde o início de 2014, com o novo projeto gráfico, o

---

<sup>53</sup> Com exceção dos dias em que o espaço é comprado para publicidade. Justamente por ser uma página fotográfica, os leitores costumam ver capa e virar logo para a contracapa para ver as imagens. Acaba que são “fisgados” (ou não) pela publicidade. Os fotógrafos, que muitas vezes aguardam o dia seguinte para ver o seu ensaio no impresso, isso porque geralmente acompanham a diagramação na redação, sentem-se frustrados quando o ensaio cai em função de anúncio - isso quando o anúncio entra do meio da tarde em diante.

*staff* de fotógrafos do jornal conquistou esse espaço editorial importante para o fotojornalismo. Chamada de “vitrine” dos fotógrafos, a contracapa mostrava, até então, apenas duas fotos horizontais, chamando pautas diferentes ou, eventualmente, uma única imagem, vertical e mais aberta. Bruno Alencastro (2014, em entrevista) comenta:

*[...] Estamos adorando a contracapa da Zero com um ensaio fotográfico. [...] Porque agora, no impresso, a gente briga por dois espaços: um, a nossa pauta pode virar capa, e para nossa pauta virar capa ela tem que ser uma foto única. [...] ou a gente vai ser galeria na contracapa. Então a gente tem que render dos dois jeitos, e aí o que vai dizer isso é a estética. [...] E o blog acaba se beneficiando disso, porque agora virou um procedimento dentro da editoria, a gente render ensaio.*

O editor do *Focoblog* explica, ainda, que este fato vem estimulando os fotógrafos da equipe a se movimentarem mais nas pautas, a fim de buscarem não mais apenas “fotos únicas” ou foto síntese (bressoniana), mas perceberem o potencial fotográfico que cada pauta contém. Estas práticas mexem com o que estava convencionado nas rotinas produtivas dos repórteres fotográficos, pois faz com que apostem mais nas coberturas, agora visando o potencial da contracapa impressa e também o *Focoblog*.

Bruno Alencastro (2014, em entrevista) complementa:

*[...] A redação acabou nos criando um ciclo de trabalho que funciona super bem, porque agora a coisa já está muito mais fácil. Como o cara já produz igual para o impresso, eu já aproveito para cá. É muito fácil de fechar esse ciclo. Também, à medida que o fotógrafo se envolve com o blog a pauta também é pensada para este veículo, e não mais somente para o factual e/ou o impresso. Então o fotógrafo toma consciência que há esta possibilidade no blog, e isso interfere na vida do sujeito fotógrafo. Muitas vezes o pessoal chega da rua e já está acostumado a me ver e “vender” o ensaio.*

## 6.6 O TEMPO DA PAUTA DO IMPRESSO, O TEMPO DA PAUTA NO BLOG: DE UM A VÁRIOS *DEADLINES*

Com a convergência digital, a pauta fotográfica seguiu por vários caminhos. Cada qual ao seu tempo nos portais dos veículos, nas redes (*fan pages*), no impresso, nos blogs, quase nessa ordem, mas não necessariamente, porque ela pode ser invertida, ou pelo menos se observa que há tratamentos diferenciados para os conteúdos fotográficos em cada um daqueles lugares. Por exemplo: a foto principal do impresso raramente é dada antes em outra plataforma.

Questionado sobre qual veículo publica primeiro o material, o editor do *Focoblog* falou que, não raro, chega junto. Ou seja: o impresso sai para entrega e o blog já está programado para postar, às 6h.

*[...] Um dos grandes cuidados que se tem é não furar a pauta com o Focoblog [...] O on-line às vezes vai pincelando uma coisa ou outra, mas assim, tu pegar e dar um ensaio definitivo no blog, antes de sair a reportagem no papel, não acontece. [...] Por exemplo, amanhã vai sair no segundo caderno um ensaio que o Júlio (Cordeiro) fez da exposição do Vik Muniz. Aí eu pego e também já deixo o post pronto, e agendo para 6 da manhã o post entrar no ar. [...] vão estar recebendo a Zero Hora em casa, às seis da manhã, às sete, e o post já vai estar no ar. (ALENCASTRO, 2014, em entrevista).*

Ao ver ampliado o espaço para a fotografia na contracapa do impresso, a ideia é aumentar o tamanho das fotos no ambiente digital:

*[...] O Focoblog iniciou em 2008 e em novembro de 2009 mudou a arte do layout, com 540 (pixels) de largura que é esta que a gente tem até hoje [...] É muito tempo, isso é uma eternidade, tem quase cinco anos [...] acho que tem que modernizar [...] mais no sentido de ampliar o espaço mesmo para a foto, deixar a foto inteira na página, nos moldes do *The Big Picture*<sup>54</sup>, afinal nosso sonho de consumo são fotos amplas e em HD. Estamos num constante diálogo para a gente na verdade dar uma repaginada no Focoblog. (ALENCASTRO, 2014, em entrevista).*

---

<sup>54</sup> Disponível em: <http://www.boston.com/bigpicture/>. Acesso: 02 mar. 2015. Desde julho de 2014, o *Focoblog* oferece ao internauta a opção de clicar sobre as imagens para ampliá-las.

## 6.7 DA FOTO-SÍNTESE À SEQUÊNCIA FOTOGRÁFICA: CAMADAS DE ACONTECIMENTO

As pautas fotográficas do ciberjornalismo convergente estão sendo produzidas e distribuídas em camadas, ou seja, iniciam pela produção da foto rápida para alimentar os portais noticiosos dos veículos jornalísticos e, em semiose, vão abastecendo outras camadas de exigências ciberculturais: da foto única ao processo da edição dos ensaios para os *blogs* constituídos por editorias de fotografia dos veículos tradicionais, nos quais percebo que vem se estabelecendo novas formas de narrar o fotojornalismo.

No âmbito da cultura digital e em suas semioses, os repórteres-fotográficos fazem uso de tecnologias de ponta e produzem as pautas com maior liberdade de decisão sobre o uso das imagens, para praticamente todos os fins jornalísticos. Diferentemente da cultura tradicional, quando tínhamos somente o impresso, o fotojornalista não depende mais somente da capa do jornal para dar visibilidade aos acontecimentos que reporta. Ele os edita do lugar dos acontecimentos, remodela os usos, compartilha em diversos canais, recebe *feedbacks* dos internautas, e isso, muitas vezes, antes mesmo de ter retornado a redação, lugar onde, antes, tudo começava, pois os usos dependiam da chegada dos filmes fotográficos.

Nota-se um forte caráter relacional entre os produtos gerados em uma mesma pauta que segue em camadas aos mais diferentes destinos, já que tudo se origina na cobertura do acontecimento. Podemos pensar a pauta como um signo, que numa perspectiva peirciana, nunca está isolado “[...] é um ponto numa rede de signos – que é justamente a semiose – vinculado a um ou mais objetos dinâmicos (HERMES, 2013, p.69)”. Na pauta, os objetos dinâmicos podem ser encarados como qualquer coisa que lhe esteja relacionada, que lhe diga respeito, ou que lhe afete. A pauta jornalística, na contemporaneidade, adquire um caráter mais dinâmico e pode ser entendida como um objeto semiótico que gera protagonismos para as diversas camadas de acontecimentos. Colocamos a ideia de camadas para cada veículo que dela (da pauta) se serve. Ou seja, desde a foto rápida para o portal noticioso, passando pela foto-síntese do acontecimento, que abastece o jornal impresso, até o ensaio produzido para o blog, que se utiliza de um número bem maior de fotos de um único evento. No ciberjornalismo, tudo acontece em fluxos.

## 6.8 FOTO BOA É FOTO CEDO

Desde o início do jornalismo na internet, metade da década de 1990 em diante, vem se estabelecendo uma relação de simultaneidade entre a captura e a disponibilização do material produzido para o jornalismo da cultura digital. A máxima de que “foto boa é foto cedo” geralmente não agrada a quem produz o fotojornalismo, pois nem sempre se pode obtê-la a contento no início das pautas. Adotada como cultura pelo ciberjornalismo, a “foto rápida” pressupõe que, tão logo chegue à pauta, o fotógrafo disponibilize alguma imagem sobre o acontecimento para alimentar a primeira camada, o site do veículo.

De certa forma, isso representa uma inversão da filosofia do impresso, pelo menos daquele que existia anteriormente à cultura digital, quando o tempo era espichado em um único *deadline*. Em função da tecnologia existente, um filme fotográfico, ou pouco mais, tinha que ter a duração do próprio acontecimento, ou melhor, os fotojornalistas acompanhavam o transcorrer da pauta de forma mais demorada, objetivando o ápice do acontecimento, que se traduzia pela foto-síntese. No ciberjornalismo, o ápice é construído para o *on-line* tão logo se chegue ao que está por acontecer, ou mesmo acontecendo, basta produzir pistas sobre este acontecer. Esta exigência de mobilidade simultânea nem sempre se reflete nas melhores escolhas fotográficas para reportar o acontecimento como um todo. O fator tempo entra como aliado, operando sob outra dinâmica, paradoxal em pleno fotojornalismo da *cultura digital*: a semiose produzida pela pauta que se inicia com a “foto rápida”, para alimentar o portal de notícias do jornal, segue em camadas de aproveitamento pelos diversos canais do jornalismo convergente, e retorna a um tempo espichado para produzir a narrativa fotográfica no *blog* das editorias de Fotografia.

O resultado de todo material produzido em uma pauta adquire um componente inaugural quando se encaminha para o *blog*. Neste ambiente, os fotojornalistas narram o acontecimento a partir de uma sequência fotográfica. Em função da própria existência do *blog*, os fotojornalistas alteram a forma de suas coberturas nas pautas, ampliando seus modos de ver, pois essa modalidade exige a oferta de mais fotos para dar a ver um mesmo evento. No *blog*, o fotojornalismo se distingue da cultura tradicional do jornalismo impresso, porque afere outro grau de importância à imagem, muito maior, já que conta a história pela fotografia. Na pauta coberta desde o início, do lugar do acontecimento, o repórter-fotográfico é quem afere importância (valor-notícia) sobre o produto. Ou seja, o protagonismo do fotógrafo de jornal adquire um status maior, ao ser ele também quem irá selecionar – papel

que cabia somente ao editor na cultura do impresso – a primeira camada de acontecimento que chegará aos leitores do portal de notícias e, posteriormente, também opina mais em relação às demais camadas de acontecimento, do impresso ao blog. Se a pauta render uma narrativa “poética”, no sentido que Ricoeur (1994) emprega ao termo, na condição de produção de sentido, ela vira acontecimento no *blog*.

A passagem da "foto síntese" para a “narrativa fotográfica”, de uma a várias imagens, para dar a ver sobre o acontecimento típico da *cultura digital*, de certa forma nos reconduz às reportagens fotográficas que eram protagonizadas pelas revistas ilustradas em seus áureos tempos, quando inauguraram contar histórias com diversas fotos sobre um mesmo fato. Helouise Costa (2012, p. 319), em um estudo sobre as origens do fotojornalismo no Brasil, traz desde a invenção da revista ilustrada *O Cruzeiro*, abordando as demais revistas ilustradas que pelo mundo foram contemporâneas a ela, como a norte-americana *Life* (1936). A autora recupera um editorial do grupo *Time-Life*<sup>55</sup>, que diz:

Criar uma fotorreportagem requer a organização de um grande número de fotografias sobre um mesmo tema de modo que elas forneçam uma visão mais profunda, mais plena, mais redonda, mais intensa do assunto do que qualquer fotografia sozinha poderia fornecer. O assunto pode ser qualquer coisa – uma ideia, uma pessoa, um evento, um lugar. A organização pode ser, ou cronológica, ou temática; essas coisas não importam, desde que a forma em si seja flexível. O que realmente importa é que as fotografias trabalhem juntas para enriquecer o tema. Elas não podem mais ser olhadas como entidades singulares, como obras de arte individuais, mas sim como partes de um todo. Para uma fotorreportagem ter sucesso o todo deve ser mais que a soma das partes.

Curiosamente, segundo Costa (2012), naquela época, já chamavam a fotorreportagem de *photo-essay*, ou foto-ensaio, tal como são chamadas as histórias/narrativas dos *posts* dos blogs objeto desta pesquisa. Claro que, aqui, a comparação é mais no sentido de reconhecer o movimento cíclico nas rotinas de produção do jornalismo, inspirações que são revividas, pois se trata de outro tempo histórico, quando a própria tecnologia que acompanha a expansão da fotografia e a modela era outra.

Contemporaneamente, a fotografia vem sendo atravessada por diversas outras matrizes artísticas, sendo vista de forma expandida por professores e críticos contemporâneos, como Joan Fontcuberta (2010) e Fred Richtin (2009). Da forma como vem sendo operada pelo fotojornalismo da cultura digital, se pode afirmar que há um tratamento diferenciado

---

<sup>55</sup> *Time-Life Books*. Photojournalism, 1972.

pulverizado pela convergência tecnológica, e bem mais aberto, portanto, a novos matizes ligados à estética sensível operada, desde sempre, pelo campo da arte.

## 6.9 DA FOTO ÚNICA À SEQUÊNCIA FOTOGRÁFICA

Historicamente, seja pelas limitações dos equipamentos e materiais fotográficos, nos primeiros tempos da fotografia, e/ou pelas limitações dos espaços nos jornais impressos, o jornalismo trabalha com o princípio da fotografia única, onde estão reunidas as informações da pauta. A foto-síntese remete à teoria do instante decisivo, cunhada por Henri Cartier-Bresson (1908-2004): uma imagem onde tudo converge para uma ideia principal, atrelada ao texto jornalístico.

Apesar de o *blog* ser uma novidade da cultura digital, a narrativa fotográfica do *blog* é fruto, como vimos acima, de modelos predecessores que contam a história pelo método de sequências fotográficas, chamados de *picture stories*. (SOUSA, 2002). Essas sequências não necessariamente seguem a ordem em que o acontecimento ocorreu e foi fotografado<sup>56</sup>, mas a partir das melhores fotos de uma pauta, ou de várias pautas dentro de um mesmo tema. O estilo sequencial, portanto, não é novo, e iniciou na fotografia para usos concomitantemente em campos diversos do conhecimento, desde a ciência, com os primeiros experimentos de Étienne Jules Marey (1830-1904) e Eadweard Muybridge (1830-1904)<sup>57</sup>, até a arte, como é o caso de Duane Michals, entre outros. Vasquez (2014) traz uma pesquisa importante sobre vida e obra do fotógrafo Duane Michals<sup>58</sup>. O autor credita a Michals a revolução que questionou o uso da sequência ordenada da fotografia, colocando em xeque as “[...] bem comportadas reportagens fotográficas, apresentadas de forma linear, com começo, meio e fim claramente definidos” (VASQUEZ, 2014, p. 218), gênero narrativo das *pictures stories* das grandes revistas ilustradas que circularam pela Alemanha, França e Estados Unidos, a partir da década de 1940.

Segundo o mesmo autor, foi Duane Michals quem primeiro concebeu uma narrativa fotográfica em sequência, de forma inteiramente intuitiva: “Duane Michals passou a

<sup>56</sup> A própria natureza da captura fotográfica é sequencial em função do *frame-to-frame*. Porém, as narrativas dos *blogs* não costumam respeitar ordem cronológica. Aqui, tratamos da constituição de histórias com fotos que pelo seu conteúdo narram e que por isso constroem sentidos.

<sup>57</sup> Fotógrafos pesquisadores que desenvolveram métodos de imagens seriadas para observar o comportamento dos animais e da natureza.

<sup>58</sup> Fotógrafo norte-americano, nascido em 1932, que ficou conhecido pelos retratos de pessoas das ruas, objeto de sua primeira exposição. Mais tarde, Michals revolucionou com as sequências fotográficas.

desenvolver intensa atividade neste campo, empregando de início este modelo narrativo para discutir e aprofundar uma série de questões pessoais que o incomodavam e que não podiam ser convenientemente tratadas por meio de imagem única”. (VASQUEZ, 2014, p. 219). Para Vasquez, foi a sólida formação artística de Michals que o conduziu, no início da década de 1960, à criação da sequência fotográfica. “As primeiras sequências tinham estrutura bastante simples, mas já abordavam temas caros ao artista, com presença marcante do sobrenatural e do inesperado. O trabalho inaugural neste setor foi *The woman is frightened by the door* (1966)”. (VASQUEZ, 2014, p. 222).

A origem das *pictures stories*, ou sequências fotográficas, se faz aqui necessária em função de ser conceito caro a este debate. A natureza técnica da sequência conta uma história cronológica sobre o acontecimento. Por meio dela se obtém todas as fotos, inclusive a foto única, ainda utilizada pelo impresso. Imagens sequenciadas, cronologicamente falando, têm suas funções na cronofotografia, na antropologia e no jornalismo tradicional.

## 6.10 NOVAS VISUALIDADES PARA O PÚBLICO DOS JORNAIS

As narrativas ou ensaios dos blogs são fruto da seleção a partir de tudo o que foi produzido em uma ou mais pautas fotográficas, tanto individuais quanto coletivas, pela equipe de profissionais das redações dos jornais a que estão vinculadas. Nestas edições, as sequências não são necessariamente cronológicas, por isso atendem ao conceito de ensaio, cujo mote é trazer um fio narrativo sobre um tema fotográfico. Apresentam um número aleatório de imagens, que pode variar, por exemplo, em virtude da possibilidade de que narrem uma história. Isto é novo no fotojornalismo e mexe com as convenções, com o que estava institucionalizado.

Sobre o número de fotos de um ensaio, o editor Bruno Alencastro deu exemplos, em entrevista: [...] *via de regra, é uma dúzia de fotos, de 6 a 12 fotos para cada reportagem (post). Não é uma regra. Para não ficar uma coisa cansativa. Até quando está enchendo os olhos, a gente vai colocando* (ALENCASTRO, 2014). Ao apresentar 21 fotos, o ensaio *O lugar do índio* foi uma exceção. Como o editor mencionou, seria um desperdício não contemplá-las em um ensaio maior, ainda que a média diária escolhida não tenha sido tão elevada assim: três fotos por dia. De todas as fotos produzidas pelo fotógrafo, a seleção no

ensaio do blog contemplou fotos etnográficas, que contam sobre a cultura de um povo, mostrando, esteticamente, o dia-a-dia dos índios da região de Faxinalzinho.

Nos *blogs* fotojornalísticos, as fotografias protagonizam as narrativas que, independentemente de virem acompanhadas de texto jornalístico, como é o caso do *Diário da Foto*, ou com título e uma linha de apoio, como é o caso do *Focoblog*, são detentoras de narrativas próprias, pela imagem, foto a foto, produzindo sentido. Mateus Bruxel, repórter-fotográfico do jornal *Diário Gaúcho*, que edita com frequência no *Diário da Foto*<sup>59</sup>, destaca:

*[...] O que me interessa dentro dessa possibilidade de ordenar de certa forma as imagens, é a criação do sentido. [...] essa possibilidade narrativa, daqui a pouco colocar, ordenar as fotos, aquelas dez fotos, numa sequência, e contar a história de um jeito, se elas estiverem numa outra sequência, elas podem ser entendidas de um outro jeito. Acho que isso me motiva muito mais, assim, de criar quase que uma coisa lúdica assim. [...] Às vezes é um conjunto de fotos, sei lá, tem 9, 8 fotos, e aí tu achas que tem alguma coisa sobrando. Tira essa. E aí o negócio cresce, e fica legal, e fica com a cara mais de ensaio mesmo (BRUXEL, 2014, em entrevista).*

O fotógrafo refere-se à sua busca pelo ordenamento de uma sequência fotográfica a partir da edição (seleção) de um número que seja plausível, tendo em vista todas as fotos que foram produzidas em determinada pauta, para então contar uma história no *blog*.

No ensaio *Marijuana*, por exemplo, há um fato noticiado, que claramente narra não apenas sobre o que está sendo noticiado, mas sobre o contexto, o país, o cultivo, o uso, a política etc. Trata-se de uma narrativa curiosa, pois dá a ver a pessoa do presidente do Uruguai, fonte oficial ouvida pela equipe de reportagem, e que exatamente por esse lugar de autoridade normalmente seria excluída da seleção, principalmente no veículo *blog*. Porém, a figura de Pepe Mujica abre e fecha o ensaio *Marijuana*. O presidente foi protagonista na histórica descriminalização da maconha no Uruguai, e o ensaio abre com a fotografia de Mujica em um ambiente repleto de livros. Trata-se de um retrato ambientado, conforme Sousa (2002, p.99):

*[...] A presença das representações de determinados objectos numa imagem fotográfica contribui para a construção de sentidos para essa fotografia. [...] Se ele estiver rodeado por estantes cheias de livros e outros objectos, se tiver à frente uma velha máquina de escrever sobre uma velha secretária, a atmosfera provavelmente transpirará a ideia de intelectualidade.*

---

<sup>59</sup> Bruxel participou, ao lado de André Feltes, da entrevista com fins nesta pesquisa.

Deve-se levar em conta que a fotografia é uma obra aberta a múltiplas interpretações, por parte do leitor<sup>60</sup>. Os processos de construção e de interpretação das imagens estão intimamente relacionados às experiências e aos conhecimentos de quem as produz e de quem as consome. A fotografia, no campo do jornalismo, é resultado de um processo que atende necessidades comunicacionais, tanto de quem produz a informação pela fotografia, com a sua intenção sobre o que quer comunicar, quanto de quem a consome, o público-alvo, a partir de seu repertório cultural. (BARTHES, 2009).

Ao publicar no *Diário da Foto*, por exemplo, o ensaio *Nem os guarda-chuvas aguentam*, e não aceitá-lo para publicação no impresso, *Diário Gaúcho*, preferindo a foto da casa que a ventania derrubou, a empresa assume o blog como um canal diferenciado em que se admite a valorização do novo, de uma construção fotográfica estética cujo conteúdo transcende em termos simbólicos o que o público leitor do impresso está acostumado. Isto é: o blog oferta material visual diferenciado para o público.

O blog *Diário da Foto* é, dessa forma, o canal por onde o jornal está buscando ofertar novas visualidades e por onde busca também identificar a resposta do leitor à proposta. Por outro lado, ao não aceitar o ensaio do editor André Feltes para publicação no impresso, ainda que com todo sucesso de visualizações do blog, por receio de ofertar uma proposta diferente do que o público está acostumado, o jornal se fecha para o novo, ou pelo menos o receia. O jornalismo tradicional, principalmente o pensado como popular pelo DG, ainda não está preparado para alterar o que está convencionado pelas rotinas produtivas. Naturalizou-se uma oferta mais direta, indiciária, denotativa, ainda ligada aos referentes reais.

Feltes (2014), na entrevista, narra:

*[...] Tinha toda uma discussão se a gente usaria ou não usaria esse material no jornal, na capa. [...] na internet, tinha um pico de audiência, foi para a capa do Clic, acabou indo para o site da Zero Hora, foi para o nosso site também, fora o blog. E a gente começou a discutir, vale ou não vale, vale ou não vale [...] e acabou indo na linha de que talvez não fosse um assunto tão nosso, esse grafismo... total estética...[...]Não é que tu não possas ter fotos bonitas, pode. Mas a estética, pela estética, e eu posso dizer, porque eu fico bem tranquilo, porque era meu, eu fiz passeando [...] sei que talvez para o Diário aqui talvez não fosse o mais importante, o mais importante foi o que entrou.*

---

<sup>60</sup> No sentido proposto por Umberto Eco (1962), quanto mais radical for a obra na sua formulação estética, mais aberta será por conta das infinitas possibilidades de sentido que gera. Essa ideia está em sintonia com o conceito de primeiridade ou qualidade de Peirce (2002), e, no caso da fotografia, podemos dizer que, quanto mais se afasta da sua natureza essencialmente indiciária, mais aberta será.

No blog, as sequências fotográficas estéticas – e com informação – desdobram o acontecimento, em blocos, em conjuntos, expandem o sentido no fotojornalismo. Especificamente sobre o ensaio dos guarda-chuvas, ao ser produzido por celular, de forma autoral pelo fotógrafo da empresa, foi logo absorvido pelo blog. Ao ser constituído por uma temática irreverente, foi ponderado em seu valor-notícia e não foi capa no impresso do *Diário Gaúcho*, mas serviria para a contracapa do jornal de referência do mesmo grupo - ZH. O mesmo material foi escolhido para *O Estadão*.

Os valores-notícia constitutivos da imprensa tradicional permanecem na experiência cotidiana, tanto de produtores quanto de seus leitores. *No entanto, até quando?* Até quando mexerem com o que está naturalizado. Ao inaugurar uma nova forma de falar sobre o acontecimento, apresentando outros formatos, como o quadrado, por exemplo, vários outros ensaios que ofertam temáticas irreverentes, inusitadas, *soft news*, *feature photos*, que criam cultura nos blogs das editorias de fotografia dos jornais tradicionais, vêm tentando mexer com o que está instituído.

## 6.11 TAMANHO É DOCUMENTO

A ação reivindicatória, por parte do editor Bruno Alencastro, junto aos editores do jornal Zero Hora, no sentido de aumentar o tamanho das fotos do *Focoblog*, a fim de valorizá-las, deu-se em função de que o tamanho da foto, tanto no impresso quanto no blog (e nos portais), a valoriza, atrai e seduz o leitor para ela. Kobre cita, em *Fotojornalismo, uma abordagem profissional*, o resultado de pesquisas que confirmam a influência do tamanho das fotografias jornalísticas frente ao público leitor: aumentar o tamanho das fotos aumenta a atenção que elas recebem. Além disto, as pesquisas citadas pelo autor também confirmam que, além das fotos maiores atraírem leitores para as matérias, servem para memorizar detalhes sobre os acontecimentos narrados. (KOBRE, 2011, p. 142-143). Ainda segundo Kobre, um estudo mais recente, de Outing e Ruel (2004), revelou que, “quanto maior a imagem, mais tempo as pessoas passavam olhando para ela”.

Os blogs *Focoblog* e *Diário da Foto* são meios pelos quais editores e demais repórteres-fotográficos buscam ofertar um novo olhar aos leitores, uma fotografia que transcenda o simples registro dos fatos, que os leve ao mundo das subjetividades e da estética. As narrativas assim construídas liberam-se aos poucos das convenções e criam outras, que

ajudam a revelar camadas semióticas qualitativas dos acontecimentos. Talvez, essa seja uma estratégia para experimentar as reações do público, oferecendo algo novo no fotojornalismo. Dessa forma, posterior e gradativamente, também os jornais impressos terão seu fotojornalismo remodelado.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao eleger os *blogs* de fotografia *Focoblog* e o *Diário da Foto* como corpus para este estudo propus compreender a processualidade do *modus operandi* dos profissionais fotógrafos de redação envolvidos com a cibercultura. O jornalismo praticado pelas redações nestes tempos de convergência, espalhado em multiplataformas, está bastante diferente do operado antes da mudança de cenário. Vivenciei na prática, trabalhando em redações de jornais impressos diários, tanto como repórter de texto quanto como repórter-fotográfica, e também acompanhei na pesquisa (SALLET, 2006) o impacto causado pela *cultura digital*, desde a segunda metade da década de 1990. Posso dizer que neste pouco tempo muita coisa mudou, e falo mais especificamente das rotinas produtivas dos fotojornalistas de redação de jornais diários.

Ao longo deste estudo, enfatizei, a partir da mirada para as narrativas que vem sendo visibilizadas pelos blogs de fotografia oriundos das redações de jornais, as oportunidades de construções que permitem o trânsito entre processos com marcas de subjetividades, mesmo que inscritas em processos culturais dados, e as práticas convencionais do sistema jornalístico. O que muda ou transforma a construção de sentido, através do fotojornalismo praticado pelas redações dos jornais, é o que interessa a esta tese. Os blogs de fotografia como o *Focoblog* e o *Diário da Foto* são veículos fundados e geridos pelos profissionais de redação como atividade paralela. As empresas os apoiam, em função serem mais um espaço de visibilidade, ainda que bastante segmentado. Contudo, ao mesmo tempo, as empresas desincumbem-se de maiores compromissos com os funcionários, conforme relatado neste estudo, através das palavras de André Feltes. O blog trata-se de iniciativa que os próprios profissionais tomaram para dar a ver, com fotografia, os acontecimentos que cobrem e que rendem outras visualidades, além do convencional.

Fred Ritchin (2014) afirma que o fotojornalismo precisa se reinventar e que estamos num tempo propício para isso, principalmente em função de modelos que estão saturados e que insistem em reforçar os padrões clichês de categorias mais ou menos seguras. Ele critica o fato de o fotógrafo ir a campo para adequar a imagem que vai produzir a uma ideia preconcebida pela linha editorial da publicação, ao invés de ir e de fato querer descobrir o que o espera. Concordo com a crítica de Ritchin: o fotojornalismo precisa se reinventar. Acredito que os *blogs* sejam uma forma de obra aberta, no sentido de Eco (2010), pois apontam e nos trazem outras possibilidades narrativas que, de certa forma, superam algumas discussões nesta

pesquisa exemplificadas. Ao potencialmente ofertarem mais possibilidades de sentidos para os acontecimentos narrados, uma rede complexa de semiose instaura-se, convocando uma presença mais ativa, tanto do produtor quanto do receptor. Na sequência que organiza uma narrativa, por exemplo, o próprio caráter de um acontecimento factual se esvai quando passa a participar de um ensaio. São-lhe atribuídos outros sentidos ao espichar sua temporalidade intrínseca ao suporte *blog*.

Nas redações dos jornais diários, vagas de trabalho para fotógrafos estão cada vez mais restritas. Possivelmente, esse fato contribua como causa para um conformismo (anunciado) que se instaura nos veículos em termos de visualidade apresentada. Para dar conta dos *deadlines* exigidos pelos diversos canais da atual cena midiática, o jornalismo se antecipa ao que poderá ser. Em não ocorrendo o imprevisto, tão caro para revigorar os enunciados da imprensa, para trazer elementos novos que sustentam o jornalismo, este se torna cada vez mais prospectivo, cada vez mais previsível. Com base no apresentado no capítulo analítico, vejo revelado nos retratos que Mateus Bruxel captura da personagem Santa Brasil certo aspecto da conformidade da pauta que se inicia na redação do jornal *Diário Gaúcho*. Porém, os retratos trazem também os bastidores das práticas fotojornalísticas a que o fotógrafo se aventura, tantos quanto couberem na sequência. O jornal impresso raramente dará espaço a mais para algum daqueles retratos, mas o intento do repórter-fotográfico serve de norte, inclusive pedagógico, para seus pares, leitores, estudantes e todo o conjunto de internautas que interagem com a plataforma *on-line*.

Com o auxílio dos postulados de Peirce, detecta-se, na experiência de análise proposta nesta tese, a emergência de um campo do sensível que se materializa na dimensão de qualidade (primeiridade) que as histórias fotográficas contemplam. Elas não deixam de apontar para a referencialidade tradicional, como testemunho visual de um acontecimento narrado verbalmente (plano do singular, da secundidade) e também não ficam fora das lógicas jornalísticas com seus códigos e valores (plano do geral mediado, da terceiridade). A operação de voltar-se para si própria coloca em evidência uma camada de poeticidade que potencializa o icônico, entendido como sentimento de qualidade. (HENN; SALLET, 2012).

Nas imagens, que ao falarem de si nos ensaios fotográficos/*histórias fotográficas* vão (que iniciam pela pauta das redações dos veículos tradicionais), em semiose, escorrendo pelos diversos canais da convergência digital até chegarem aos *blogs* fotográficos, são reveladas outras e novas camadas do acontecimento, que, nesse processo, também se transforma, se poetiza. O acontecimento sai de uma lógica rotineira do jornalismo para habitar espaços de fruição, dúvida, encantamento. Inclusive, essas histórias têm a capacidade de tornar os

acontecimentos mais densos, o que, potencialmente, pode significar o aumento de sua complexidade.

O exercício autoral que a edição das narrativas dos *blogs* aporta - afinal os posts também são decisões dos próprios fotógrafos profissionais que estiveram no lugar do(s) acontecimento(s) cobrindo - implica que os fotojornalistas participem de alguma maneira da edição dos ensaios, em contraponto apenas às escolhas dos editores. Revela também um espaço que é coletivo. Um espaço que acentua o caráter de criação que, simultaneamente, não deixa de ser enunciado como produção nova. Os interpretantes que o espaço dos *blogs* gera possuem, em potência, características diversas, mas com tendência a estabelecer nessa nova dinâmica jornalística um instigante circuito de sentidos entre sujeitos que se estabelecem no campo da produção, mediação e ressignificação. (HENN; SALLET, 2012).

A principal questão que se coloca de agora em diante, frente às novas possibilidades de narrativas visuais ofertadas pelos *blogs* fotográficos diz respeito a recolocar uma velha questão no jornalismo: *oferecer aos leitores apenas o que eles desejam ou estão acostumados a receber, ou buscar desenvolver neles novos hábitos de consumo e novas possibilidades de leitura visual?* Esta indagação brotou de forma muito efusiva, a partir das provocações, na redação do jornal *Diário Gaúcho*, frente à decisão de ofertar a foto da chuvarada a partir do ponto de vista do que os leitores do jornal impresso estão acostumados ou do ensaio *dos guarda-chuvas*, criativamente protagonizado por André Feltes. O ensaio *dos guarda-chuvas* não elegia de forma tão cabal como é convencionado pelo jornalismo o elemento humano, trazendo consigo uma proposta totalmente estética. *Estética, mas com informação*; informação aqui entendida como informação jornalística, já que as experiências que tendem ao estético são as que mais portam informação, e, por isso, são abertas à completude do processo de recepção através dos interpretantes.

Boa parte dos fotógrafos dos jornais aqui pesquisados, em função da ciência do espaço ampliado pelos *blogs Focoblog* e *Diário da Foto*, aproveitam a oportunidade de não relegarem aos arquivos as suas *histórias*. Estão eles propondo, através de seus olhares sobre os acontecimentos que cobrem - ainda que, como ponderado nesta pesquisa, pautados pelas suas empresas respectivas - um fotojornalismo que altera lenta e gradativamente o modelo tradicional de se fazer fotojornalismo, inclusive na forma de produzir para o impresso. Um caminho encontrado para despertar novos leitores para as narrativas fotográficas dos *blogs* é o próprio fotojornalismo autoral, que vem pautando estéticas mais rebuscadas.

Em função de existir diversos canais em convergência, em semiose uma produção afeta a outra, como foi o caso pensado, segundo o editor do *Focoblog*, para o impresso *Zero*

*Hora* reformular em sua última alteração do projeto gráfico a contracapa do impresso e trazer nela ensaio fotográfico. Há também a questão da fotografia em evidência nos blogs, como Bruno Alencastro ponderou, permitindo pensar a linguagem específica para os portais noticiosos. Na entrevista sobre o *Focoblog*, o editor contou sobre seus planos para ampliar o tamanho das fotos não só no *blog* (como de fato conseguiu durante o processo desta pesquisa), mas também no site do jornal *Zero Hora*. Seu intento seguiu no sentido de poder ofertar para os leitores “*uma imagem grande*”, para encher ainda mais os olhos dos leitores.

Ainda que alguns *blogs* tenham anunciado o seu final, como foi o caso do *FotoGlobo*, e do *Olhar sobre o Mundo*, ambos ligeiramente mencionados nesta pesquisa, e que haja uma série de premonições sobre o fim dos blogs (o que lembra tantas *mortes anunciadas* por fontes das mais diversas estaturas), muitos continuam publicando ensaios, ganhando adeptos, apoio de profissionais fotógrafos, até porque sua sobrevivência depende deles, independentemente das empresas. Acredito que os fotógrafos profissionais que trabalham em redação estão – até em função de sua sobrevivência - preocupados em obter imagens autorais, artísticas, diferenciadas, que vão além do “simples” registro dos fatos (porque esse “qualquer um” já faz com celular no lugar do acontecimento. Isso já é corriqueiro no jornalismo contemporâneo), o que me faz pensar que os blogs poderão, sim, ter vida longa; para o deleite de seus públicos, e, inclusive, o meu.

## REFERÊNCIAS

- ALZAMORA, Geane. O fundamento estético da experiência ordinária em redes telemáticas: fluxos intermediáticos. In: LEAL, Bruno Souza; GUIMARÃES, César; MENDONÇA, Carlos (Org.). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 293-308.
- AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Lisboa: Edições 70, 2009a.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 2009b.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Lisboa. 1961.
- BECKER, Beatriz; MACHADO, Mônica. Brasil entre as telas e as ruas: produção e consumo das narrativas jornalísticas audiovisuais sobre os protestos nacionais de junho de 2013. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo, 23., 2014, Belém, Pará. **Anais eletrônicos**: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – COMPÓS, 2014. Disponível em: <[http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT10\\_ESTUDOS\\_DE\\_JORNALISMO/temp\\_latecompos2014valendobecker\\_2231.pdf](http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT10_ESTUDOS_DE_JORNALISMO/temp_latecompos2014valendobecker_2231.pdf)>. Acesso em: 04 ago. de 2014.
- BERGER, Christa; TAVARES, Frederico. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virgínia (Org.). **Jornalismo e acontecimento, mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 121-142.
- BRAGA, José Luiz. Experiência estética & mediatização. In: LEAL, Bruno Souza; GUIMARÃES, César; MENDONÇA, Carlos (Org.). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 73-87.
- CARTIER-BRESSON, Henri. Transcrito de “O Momento Decisivo”. **Bloch Comunicação**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 19-25, 2010. Disponível em: <<http://ciadefoto.com.br/blog/wp-content/uploads/2010/03/Momento-Decisivo-Bresson.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2014.
- COLAPIETRO, Vincent. **Peirce’s approach to the self: a semiotic perspective on human subjectivity**. New York, State University of New York, 1989.

COLAPIETRO, Vincent. The loci of creativity: fissured selves, interwoven practices. **Manuscrita**. Revista de crítica genética 11. São Paulo: Annablume, 2003.

COSTA, Helouise; BURGI, Sergio (Org.). **As origens do fotojornalismo no Brasil: Um olhar sobre O Cruzeiro - 1940/1960**. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2012.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo, Atlas, 2008. p. 62-83.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 1994.

ECO, Humberto. **Obra Aberta**. Editora Perspectiva, 2010.

FELINTO, Erick. Cibercultura: Ascensão e declínio de uma palavra quase mágica. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 14., 2011, Brasília, DF. **Anais eletrônicos**: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – COMPÓS, 2011. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/548/511>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Ed. Annablume, SP, 2011.

FOLETTTO, Leonardo. **Blog Jornalístico: definição e características na blogosfera brasileira**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009, 192 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Centro de Comunicação e Expressão do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

FONTCUBERTA, Joan. **La Cámara de Pandora: la fotografía después de la fotografía**. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

FRAGOSO, Suely ; HENN, Ronaldo ; REBS, Rebeca Recuero . **Proposta de uma Taxonomia dos Lugares Online**. In: II Simpósio de Cibercultura ABCiber, 2008, São Paulo. ABCiber, 2008.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREUND, Gisèle. **La fotografía como documento social**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1993.

GREGO LINZ, Aline M. A experiência colateral e sua importância para a semiose telejornalística. **INTERCOM** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/117044217248087625251748206899062966427.pdf> Acesso: 22 ago. 2014.

GRUPO RBS. Diário Gaúcho. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://www.gruporbs.com.br/atuacao/diario-gaucha/>. Acesso em: 10 out. 2014.

GRUPO RBS. Diário da Foto. Porto Alegre, 2012. <http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/?topo>, acessado em 22/10/2012.

HEINRICH, Ansgard. **Networked Journalism**. Londres: Routledge, 2011.

HENN, Ronaldo. Acontecimento em rede: crises e processos. In: ANTUNES, Elton; LEAL, Bruno Souza; VAZ, Paulo Bernardo (Org.). **Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos**. Florianópolis: Insular, 2011. p. 79-96.

HENN, Ronaldo. Apontamentos sobre o ciberacontecimento: o caso Amanda Tood. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 22., 2013, Salvador, Bahia. **Anais eletrônicos**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – COMPÓS, 2013. Disponível em: [http://compos.org.br/data/biblioteca\\_2068.pdf](http://compos.org.br/data/biblioteca_2068.pdf). Acesso em: jul. 2014.

HENN, Ronaldo. Memória da arte na semiosfera midiaticizada. **Revista Conexão (UCS)**. v. 9, p. 103-115, 2010b.

HENN, Ronaldo. O acontecimento em sua dimensão semiótica. In: BENETTI, Márcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira Fonseca. **Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 77-93.

HENN, Ronaldo. **Os fluxos da notícia**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

HENN, Ronaldo. **Pauta e notícia: uma abordagem semiótica**. Canoas: Ulbra, 1996.

HENN, Ronaldo; SALLET, Beatriz. Novas narrativas fotográficas no ciberjornalismo: o acontecimento no campo do sensível. **Revista Eco Pós**, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ, 2012.

HERMES, Gilmar Adolfo. 2005. **As ilustrações de jornais diários impressos: explorando fronteiras entre jornalismo, produção e arte**. São Leopoldo, RS, Tese de Doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação. 698 p.

HERMES, Gilmar Adolfo. **Teorias semióticas em uma perspectiva estética**. Curitiba: Editora CRV, 2013.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Johua. **Spreadable media, creatin, value and meaning in a networked culture**. Nova York: New York University Press, 2013.

KOBRE, Kenneth. **Fotojornalismo: uma abordagem profissional**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, Cotia, 1999.

LIMA, Ivan. **Fotojornalismo brasileiro: realidade e linguagem**. Rio de Janeiro: Fotografia Brasileira, 1989.

LISBOA, Lisiane. **Nem os guarda-chuvas aguentam**. Diário da Foto, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/09/24/nem-os-guarda-chuvas-aguentam/?topo=52,1,1,,186,e186>>. Acesso em: 23 jul. 2014.

LONGHI, Raquel Ritter. Formatos de linguagem no webjornalismo convergente: a fotorreportagem revisitada. In: SBPJOR – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO; ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 8., 2010, São Luís. **Anais eletrônicos**. Disponível

em:[https://www.academia.edu/2284431/Formatos\\_de\\_Linguagem\\_no\\_Webjornalismo\\_Convergente\\_a\\_fotorreportagem\\_revisitada](https://www.academia.edu/2284431/Formatos_de_Linguagem_no_Webjornalismo_Convergente_a_fotorreportagem_revisitada). Acesso em: 14 de jul.2014.

LONGHI, Raquel Ritter. Narrativas webjornalísticas em multimídia: breve estudo da cobertura do NYTimes.com na morte de Michael Jackson. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 7., 2009, São Paulo. SBPJOR – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. **Anais eletrônicos**. Disponível em: [http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/raquel\\_ritter\\_longhi.pdf](http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/raquel_ritter_longhi.pdf). Acesso em: abril de 2012.

LONGHI, Raquel; D'Andréia, Carlos. **Jornalismo convergente**: reflexões, apropriações, experiências. Florianópolis: Insular, 2012.

LONGHI, Raquel Ritter; FLORES, Ana Marta Moreira. Notícia e convergências nas RSIs: uma experiência social. In: SBPJOR – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO; ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10., 2012, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Disponível em: [http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/10encontro/comunicacoes\\_coordenadas/raquel\\_ritter\\_longhi\\_ana\\_marta\\_moreira\\_flores.pdf](http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/10encontro/comunicacoes_coordenadas/raquel_ritter_longhi_ana_marta_moreira_flores.pdf). Acesso em: agosto de 2013.

LOTMAN, Yuri. **Cultura y explosión**: lo previsible en los procesos de cambio social. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.

MACEK, Jakub. **Defining Cyberculture**. Disponível em <[http://macek.czechian.net/defining\\_cyberculture.htm](http://macek.czechian.net/defining_cyberculture.htm). 2005>. Acesso em: maio de 2011.

MAINZER, K. **Thinking in complexity**. Berlin, Springer Verlag, 1994.

MARI, Hugo. O texto como modelo de experiência estética: sensação ou percepção? In: LEAL, Bruno Souza; GUIMARÃES, César; MENDONÇA, Carlos (Org.). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 131-144.

MERSONI, Carina. **Enquadramento jornalístico no retrato**: as fontes populares nas fotografias do Diário Gaúcho. 2014. 291 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2014.

MERSONI, Carina. **Fotojornalismo na imprensa tradicional e popular**: as linguagens fotográficas dos jornais Zero Hora e Diário Gaúcho. 2011. 142 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) -- Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2011.

MESO, Koldo; NATANSOHN, Graciela; PALOMO, Bella; QUADROS, Claudia. Ferramenta para análise de Interatividade em Cibermeios. In: PALACIOS, Marcos (Org.). **Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo**. Covilhã: LabCom Books, 2011. Disponível e: <[http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20111202-201110\\_marcos\\_palacios.pdf](http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20111202-201110_marcos_palacios.pdf)>. Acesso em: jun.2012.

NEWHALL, Beaumont. **The History of Photography**. New York: the Museum of Modern Art, 1988.

OLIVEIRA, Felipe de; HENN, Ronaldo. JORNALISMO E MOVIMENTOS EM REDE: a emergência de uma crise sistêmica. In [http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT10\\_ESTUDOS\\_DE\\_JORNALISMO/compos2014\\_felipe\\_ronaldo\\_2234.pdf](http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT10_ESTUDOS_DE_JORNALISMO/compos2014_felipe_ronaldo_2234.pdf).

OLIVEIRA, Felipe de; HENN, Ronaldo. Jornalismo, redes sociais e movimentos de ocupação global: crise sistêmica na semiosfera contemporânea. **Revista Brazilian Journalism Research**. n.1, v.10, 2014. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/581/533>>. Acesso em: fev. 2015.

ORIHUELA, José Luis. Nós, usuários da rede, estamos descobrindo que os meios somos nós mesmos. **Revista IHU Online**. Ano 5, n.145, 13 de junho de 2005.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

PEIRCE, Charles Sanders. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Past Masters, CD-ROM. EUA: IntelLex Corporation, 2002.

PIRES, Francisco Quinteiro: Fotojornalismo em crise? Entrevista com Fred Ritchin, Revista Zoom, n° 6, p. 138-151, 2014. Instituto Moreira Sales.

PRIMO, Alex. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, v.1, n.36, 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4425/3325>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**. Revista de Comunicação, Cultura e Educação. n. 6, 2005. p. 59-76.

RECUERO, Raquel da Cunha. Weblogs, webrings e comunidades virtuais.

**UFBA**, V.1,N.31,2003. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-weblogs-webrings-comunidades-virtuais.pdf>. Acesso: 12 dez. 2014.

RBS. **Grupo RBS**. Quem somos. Disponível em: <[http://www.rbs.com.br/quem\\_somos/index.php?pagina=grupoRBS](http://www.rbs.com.br/quem_somos/index.php?pagina=grupoRBS)>. Acesso em RBS. Jornal. Mídias. Disponível em: <<http://www.rbs.com.br/midias/index.php?pagina=jornal>>. Acesso em 12 nov 2014.

RBS. **Linha do tempo**. Quem somos. Disponível em: <[http://www.rbs.com.br/quem\\_somos/index.php?pagina=linhaTempo](http://www.rbs.com.br/quem_somos/index.php?pagina=linhaTempo)>. Acesso em: 12 nov 2014.

RESENDE, Fernando. Às desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. In: SILVA, Gislene; KÜNSCH, Dimas A.; BERGER, Christa; ALBUQUERQUE, Afonso (Org.). **Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2011.

RESENDE, Fernando. O Jornalismo e suas Narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

REVILLION, Pedro. A Fotografia na Palma da Mão: Fotografia Móvel nos processos de edição jornalística. Dissertação de Mestrado, 2015, Unisinos. Orientação do prof. Dr. Ronaldo Henn.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas: Papirus, 1994.

RITCHIN, Fred. **After Photography**. Nova York: W.W. Norton and Co., 2009.

RUSCH Doris C. **The online-journalistic article as “extensive audio-visual event”**. 2005. Disponível em :<[http://revista.cisc.org.br/ghrebh7/artigos/04rusch\\_ing.html](http://revista.cisc.org.br/ghrebh7/artigos/04rusch_ing.html)>. Acesso em: 23 ago. 2014.

RUSSELL, Adrienne. **Networked, a Contemporary History of News in Transition**. Cambridge: Polity Press, 2011.

SALLES, Cecilia A. *Gesto inacabado. Processo de criação artística*. 5ª ed. São Paulo: Intermeios, 2011.

SALLET, Beatriz. **Histórias e “estórias” fotográficas: afirmação e rompimento das rotinas produtivas no fotojornalismo de Zero Hora**. Dissertação de Mestrado. Unisinos, 2006.

SALLET, Beatriz; HENN, Ronaldo. Outras possibilidades de narrativas fotojornalísticas: o caso do *blog* Diário da Foto. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 12, 2014, Santa Cruz do Sul. **Anais eletrônicos...** Brasília, DF: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJOR, 2014.

SAMAIN, Etienne. *Balinese Character* (re)visitado. In: ALVES, André. **Os argonautas do mangue**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **A Teoria Geral dos Signos**: semiose e autogeração. São Paulo: Ind. Gráfica e Editora, 1995.

SANTAELLA, Lúcia. **Estética, de Platão a Peirce**. São Paulo: Editora Experimento, 1994.

SANTAELLA, Lucia. Peirce's Semioses and the Logic of Evolution. *Signs of humanity l'homme et ses signens*. Mouton de Gruyter, 1992.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem, cognição, mídia**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001.

SILVA JUNIOR, José Afonso. Cinco hipóteses sobre o fotojornalismo em tempos de convergência. **Revista Discursos Fotográficos**, v.8, n.12, Londrina, 2012.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo Performativo**: o serviço de fotonotícia da Agência Lusa de Informação. *Biblioteca on-line de ciências da comunicação*, Covilhã, 1997. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php?html2=sousa-jorge-pedro-fotojornalismo-tese.html>. Acesso em: 12 nov. 2013.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>>. Acesso em: 12 nov. de 2014.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2004.

VALVERDE, Monclar. **Comunicação e experiência estética**. In: LEAL, Bruno Souza; GUIMARÃES, César; MENDONÇA, Carlos (Org.). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.p. 57-71.

VASQUEZ, Pedro Afonso. Sonhos Verdadeiros: a fotografia de Duane Michals. In: BONI, Paulo César (Org). **Fotografia**: usos, repercussões e reflexões. Londrina: PR Ministério da Cultura, 2014. p.210-258.

VAZ, Paulo Bernardo. (Org.). **Narrativas fotográficas**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

VAZ, Paulo Bernardo. Na onda dos acontecimentos cotidianos. In: FRANÇA, Vera; OLIVEIRA, Luciana (org.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística**. Barcelona: Paidós, 1997.

**APÊNDICE 1 – POSTS DO FOCOBLOG.  
PERÍODO: JUNHO DE 2014 A JUNHO DE 2013**

**Buenos Aires por um dia**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/06/26/buenos-aires-por-um-dia/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 26 de junho de 2014. Capturado em 29/07/14).

**Brasil 4x1 Camarões**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/06/23/brasil-x-camaroes/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 23 de junho de 2014. Capturado em 29/07/14).

**O Melhor do Fotojornalismo Brasileiro**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/06/23/o-melhor-do-fotojornalismo-brasileiro-2014/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 23 de junho de 2014. Capturado em 29/07/14).

**Austrália e Holanda**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/06/21/australia-x-holanda/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 21 de junho de 2014. Capturado em 29/07/14).

**Brasil 0x0 México**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/06/18/brasil-0-x-0-mexico/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 18 de junho de 2014. Capturado em 29/07/14).

**Laranja mecânica**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/06/18/brasil-0-x-0-mexico/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 17 de junho de 2014. Capturado em 29/07/14).

**França x Honduras**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/06/16/franca-x-honduras/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 16 de junho de 2014. Capturado em 29/07/14).

**1º dia**

[http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/author/bruno\\_alencastro/?topo=13,1,1,,13](http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/author/bruno_alencastro/?topo=13,1,1,,13)

(Postado em 13 de junho de 2014. Capturado em 29/07/14).

**Pé de meia**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/06/06/pe-de-meia/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 06 de junho de 2014. Capturado em 29/07/14).

**O Primeiro Mundial**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/06/05/1930-o-primeiro-mundial/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 05 de June de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Futebol: a paixão do Brasil**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/06/03/futebol-a-paixao-do-brasil/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 03 de junho de 2014. Capturado em 29/07/14)

**A cultura tem novo espaço**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/06/02/a-cultura-tem-novo-espaco/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 02 de junho de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Cartas na mesa**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/06/02/cartas-na-mesa/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 02 de junho de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Um fusca na história do fotojornalismo**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/05/27/30-anos-depois/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 27 de maio de 2014. Capturado em 29/07/14)

**O Guaíba por Achutti**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/05/27/o-guaiba-por-achutti/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 27 de maio de 2014. Capturado em 29/07/14)

**O lugar do índio**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/05/19/o-lugar-do-indio/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 19 de maio de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Vik Muniz em Porto Alegre**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/05/19/vik-muniz-em-porto-alegre/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 19 de maio de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Poderoso Kadão**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/05/05/poderoso-kadao/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 05 de maio de 2014. Capturado em 29/07/14)

**100 anos da Leica**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/05/04/100-anos-da-leica/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 04 de maio de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Descubra a capital**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/05/02/descubra-a-capital/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 02 de maio de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Feira ecológica do Menino Deus**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/04/20/febre-organica/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 20 de abril de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Dia mundial da bicicleta**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/04/19/dia-mundial-da-bicicleta/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 19 de abril de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Gre-Nal 400**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/03/31/gre-nal-400/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 31 de março de 2014. Capturado em 29/07/14)

**As coisas como podem (e como devem) ser**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/03/26/as-coisas-como-podem-e-como-devem-ser/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 26 de março de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Retratos da cidade: Porto Alegre**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/03/25/retratos-da-cidade-porto-alegre/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 24 de março de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Tênis em PoA**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/03/25/tenis-em-poa/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 25 de março de 2014. Capturado em 29/07/14)

**As melhores produções multimídias do World Press Photo 2014**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/03/24/as-melhores-producoes-multimidias-do-world-press-photo-2014/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 24 de março de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Festival de La Luz**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/03/15/festival-de-la-luz/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 15 de março de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Carnaval 2014**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/03/04/carnaval-2014/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 04 de março de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Touro indomável**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/02/23/touro-indomavel/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 23 de fevereiro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Conhecendo a nova casa**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/02/18/conhecendo-a-nova-casa/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 18 de fevereiro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Kitesurf**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/02/14/kitesurf/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 14 de fevereiro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**World Press Photo 2014: um prêmio à tecnologia**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/02/14/world-press-photo-2014/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 14 de fevereiro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Mar quente**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/02/12/mar-quente/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 12 de fevereiro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Sol, praia e mar**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/02/06/sol-praia-e-mar/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 06 de fevereiro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Fé**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/02/03/fe-2/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 03 de fevereiro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Sexta-feira... #partiu Torres?**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/01/31/sexta-feira-partiu-torres/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 03 de fevereiro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Calor, diversão...e perigo!**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/01/22/calor-diversao-e-perigo/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 22 de janeiro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Velejaço noturno**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/01/18/velejaco-noturno/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 22 de janeiro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Ação pela fé**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/01/14/acao-pela-fe/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 14 de janeiro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Criatividade em foco**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/01/12/criatividade-em-foco/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 12 de janeiro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Inundados**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/01/12/inundados/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 12 de janeiro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Em duas rodas**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2014/01/11/em-duas-rodas/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 11 de janeiro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Só no ano que vem**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/12/26/so-no-ano-que-vem/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 26 de dezembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Ponte estaiada**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/12/25/ponte-estaiada/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 25 de dezembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**IX Troféu Open de Natação**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/12/21/ix-trofeu-open-de-natacao/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 21 de dezembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Retrospectiva 2013**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/12/17/retrospectiva-2013/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 17 de dezembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Frota sem destino**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/12/14/frota-sem-destino/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 14 de dezembro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Nas nuvens**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/12/13/nas-nuvens/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 13 de dezembro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Walking Gallery**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/12/09/walking-gallery/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 09 de dezembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Prêmio Jornalismo do MP/RS**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/12/04/premio-jornalismo-do-mprs/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 04 de dezembro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Cortejo para a arte**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/12/03/cortejo-para-a-arte/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 03 de dezembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Marijuana**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/12/01/marijuana/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 1º de dezembro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**17º andar**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/11/22/17o-andar/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 22 de novembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Inovação na educação**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/11/21/inovacao-na-educacao-2/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 21 de novembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Vítimas dos despejos**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/11/16/6241/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 16 de novembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Fotografias em 2,5 dimensões**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/11/15/fotografia-em-25-dimensoes/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 15 de novembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Prêmio Esso de fotografia 2013**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/11/14/premio-esso-de-fotografia-2013/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 14 de novembro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**6 dicas para ganhar mais “likes” no Instagram**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/11/11/6-dicas-para-ganhar-mais-likes-no-instagram/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 11 de dezembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Antes que eles se vão**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/11/10/antes-que-eles-se-vaio/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 10 de novembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**59ª edição**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/11/04/59a-edicao/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 04 de novembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**A mulher do padeiro**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/11/01/a-mulher-do-padeiro/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 1º de novembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Amazônia**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/10/21/amazonia/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 21 de outubro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**A melodia de Wesley**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/10/13/a-melodia-de-weslei/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 13 de outubro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Harleyro**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/10/13/harleyro/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 13 de outubro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Arte na fase**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/10/03/arte-na-fase/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 03 de outubro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Aberto de tênis do RS**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/10/02/aberto-de-tenis-do-rs/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 02 de outubro de 2014. Capturado em 29/07/14)

**Depósito humano**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/10/02/deposito-humano/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 02 de outubro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**As cores do Maranhão**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/10/02/as-cores-do-maranhao/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 02 de outubro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Otello**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/09/28/otello/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 28 de setembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Hi-tech tchê**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/09/24/hi-tech-tche/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 24 de setembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Miss Brasil Plus size**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/09/24/miss-brasil-plus-size/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 24 de setembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**A Santa Fé de Bagé**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/09/22/a-santa-fe-de-bage/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 22 de setembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Stock Car**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/09/18/stock-car/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 18 de setembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Educação em primeiro lugar**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/09/16/educacao-em-primeiro-lugar/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 16 de setembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Tarde de sol**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/09/09/tarde-de-sol/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 09 de setembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Na mira**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/09/09/na-mira/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 08 de setembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**7 de Setembro**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/09/08/7-de-setembro-2/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 08 de setembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Parque Eólico**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/09/08/parque-eolico/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 08 de setembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**As melhores do mês**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/09/03/as-melhores-do-mes/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 03 de setembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Expointer 2013**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/09/03/expointer-2013/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 03 de setembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**A alma de Porto Alegre**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/09/02/a-alma-de-porto-alegre/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 02 de setembro de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Dividindo experiência**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/08/30/dividindo-experiencia/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 30 de agosto de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Uma luz para o carvão**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/08/24/uma-luz-para-o-carvao/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 30 de agosto de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Terra dos presidentes**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/08/21/terra-dos-presidentes/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 21 de agosto de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Hora de recomeçar**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/08/20/hora-de-recomecar/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 20 de agosto de 2013. Capturado em 29/07/14)

**4.687 motivos para comemorar**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/08/19/4-687-motivos-para-comemorar/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 19 de agosto de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Da cebola aos navios**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/08/17/sao-jose-do-norte/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 17 de agosto de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Entre tintas e palavras**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/08/15/entre-tintas-e-palavras/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 15 de agosto de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Música e esperança**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/08/14/musica-e-esperanca/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 14 de agosto de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Mais um recomeço**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/08/13/mais-um-recomeco/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 13 de agosto. Capturado em 29/07/14)

**Uma escola arrasada**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/08/13/uma-escola-arrasada/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 13 de agosto de 2013. Capturado em 29/07/14)

**3m18s**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/08/08/3min-18s/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 08 de agosto de 2013. Capturado em 29/07/14)

**O primeiro de muitos**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/08/05/o-primeiro-de-muitos/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 05 de agosto de 2013. Capturado em 29/07/14)

**National Geographic Traveler**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/08/05/national-geographic-traveler/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 05 de agosto de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Em breve**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/07/17/em-breve/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 17 de julho de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Dia do Rock**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/07/13/dia-do-rock/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 13 de julho de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Inter 3x1 América-MG**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/07/11/inter-3-x-1-america-mg/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 11 de julho de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Fogo na alma da cidade**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/07/08/fogo-na-alma-da-cidade/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 08 de julho de 2013. Capturado em 29/07/14)

**fis14**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/07/05/fis14/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 05 de julho de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Jalecos na rua**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/07/04/jalecos-na-rua/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 04 de julho de 2013. Capturado em 29/07/14)

**A Paris de Sebastião Salgado**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/07/03/a-paris-de-sebastiao-salgado/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 03 de julho de 2013. Capturado em 29/07/14)

**José, um mês depois**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/07/03/jose-um-mes-depois/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 03 de julho de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Muito caro, muito ruim**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/06/30/muito-caro-muito-ruim/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 30 de junho de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Duo**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/06/19/duo/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 19 de junho de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Noite histórica**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/06/18/noite-historica/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 18 de junho de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Tudo pronto**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/06/15/tudo-pronto/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 15 de junho de 2013. Capturado em 29/07/14)

**Mais um capítulo**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/06/14/mais-um-capitulo/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 14 de junho de 2013. Capturado em 29/07/14)

### **Os ilusionistas**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/06/14/os-ilusionistas/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 14 de junho de 2013. Capturado em 29/07/14)

### **Casa de cultura**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/06/11/casa-de-cultura/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 11 de junho de 2013. Capturado em 29/07/14)

### **Debaixo da ponte, um aluno nota 10**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/06/04/debaixo-da-ponte-um-aluno-nota-10/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 04 de junho de 2013. Capturado em 29/07/14)

### **Foto ZH #14**

<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/06/01/fotozh-14/?topo=13,1,1,,13>

(Postado em 1° de junho de 2013. Capturado em 29/07/14)

**APÊNDICE 2 – POSTS DO DIÁRIO DA FOTO.  
PERÍODO: JUNHO DE 2014 A JUNHO DE 2013**

**Hospital Restinga**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/30/hospital-da-restinga/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 30 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Adilson como inspiração**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/28/adilson-como-inspiracao/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 28 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**O colecionador**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/27/o-colecionador/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 27 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Invasão hermana**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/25/invasao-hermana/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 25 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Um Brasil de emoções**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/24/um-brasil-de-emocoes/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 24 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Santa Brasil**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/23/santa-brasil/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 23 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Costurando o Brasil**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/22/costurando-o-brasil/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 22 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Lua de Copa**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/page/3/?topo=52%2C1%2C1%2C%2C186%2Ce186>

(Postado em 20 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Festa Laranja (e amarela)**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/19/festa-laranja-e-amarela/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 19 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Nem com reza**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/18/nem-com-reza/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 18 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**A seleção de Timbaúva 2**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/17/a-selecao-da-timbauva-2/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 17 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Dia para entrar pra história**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/16/eles-fizeram-parte-da-historia/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 16 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Onhepyru Ma Copa – Começo a Copa, em guarani**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/13/onhepyru-ma-copa-comecou-a-copa-em-guarani/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 13 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Seleção do Povo**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/12/selecao-do-povo/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 12 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Um século de romantismo**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/12/um-seculo-de-romantismo/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 12 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Neymar na cabeça**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/12/neymar-na-cabeca/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 12 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Dos gramados para o asfalto**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/11/dos-gramados-para-o-asfalto/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 11 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Era uma casa verde e amarela**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/page/4/?topo=52%2C1%2C1%2C%2C186%2Ce186>

(Postado em 10 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Pintando o futebol**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/09/pintando-o-futebol/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 09 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Nas linhas da bola**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/07/nas-linhas-da-bola/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 07 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Avenida Tronco do Brasil**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/06/04/avenida-tronco-do-brasil/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 04 de junho de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Axé Vera e Val**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/05/12/axe-vera-e-val/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 12 de maio de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Mãe de coração**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/05/10/mae-de-coracao/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 10 de maio de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Música para tocar na alma**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/04/28/musica-para-tocar-na-alma/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 28 de abril. Capturado em 21/07/14)

**Em casa pela primeira vez**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/04/27/em-casa-pela-primeira-vez/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 27 de abril de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Hora de arrumar a mochila**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/02/19/hora-de-arrumar-a-mochila/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 19 de fevereiro de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Para brincar o Carnaval**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/02/17/pra-brincar-o-carnaval/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 17 de fevereiro de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Bê -à- Bá do Surf**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/01/23/be-a-ba-do-surf/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 23 de janeiro de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Cinema com os dias contados**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2014/01/16/paixao-pelo-cinema-resiste-ao-tempo/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 16 de janeiro de 2014. Capturado em 21/07/14)

**Natal o ano inteiro**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/12/25/natal-o-ano-inteiro/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 25 de dezembro de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Churrascada de Natal à beira do Guaíba**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/12/25/churrascada-de-natal-a-beira-do-guaiba/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 25 de dezembro de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Porto do samba**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/12/02/porto-do-samba/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 02 de dezembro de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Corrente do Bem**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/11/30/corrente-do-bem-para-alguem/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 30 de novembro de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Palavras que emocionam**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/11/29/palavras-que-emocionam/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 29 de novembro de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Alagamentos**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/11/11/alagamentos/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 11 de novembro de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Prejuízo com incêndios criminosos em escolas supera R\$ 600 mil**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/11/01/prejuizo-com-incendios-criminosos-em-escolas-supera-r-600-mil/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 1º de novembro de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Vários países em uma cidade**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/page/5/?topo=52%2C1%2C1%2C%2C186%2Ce186>

(Postado em 23 de outubro de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Grenal 398**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/page/6/?topo=52%2C1%2C1%2C%2C186%2Ce186>

(Postado em 21 de outubro de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Que passa, Gardelón?**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/page/6/?topo=52%2C1%2C1%2C%2C186%2Ce186>

(Postado em 10 de outubro de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Lida pra lá de cultural**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/10/08/lida-para-la-de-cultural/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 08 de outubro de 2013. Capturado em 21/07/14)

**As cores do templo**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/09/28/as-cores-do-templo/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 28 de setembro de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Nem os guarda-chuvas aguentam**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/09/24/nem-os-guarda-chuvas-aguentam/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 24 de setembro de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Pra ver a banda passar**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/09/07/no-ritmo-da-patria/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 7 de setembro de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Preparativos no Acampamento Farroupilha**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/09/04/preparativos-no-acampamento-farroupilha/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 04 de setembro de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Desalojados**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/09/03/desalojados/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 03 de setembro de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Alagados**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/08/30/alagados-2/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 30 de agosto de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Campo conectado com o mundo**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/08/21/campo-conectado-com-o-mundo/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 21 de agosto de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Mudanças na vida de Honório**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/page/7/?topo=52%2C1%2C1%2C%2C186%2Ce186>

(Postado em 20 de agosto de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Na ponta da sapatilha**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/08/19/na-ponta-da-sapatilha/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 19 de agosto de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Incêndio da escola La Hire Guerra**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/08/13/incendio-da-escola-la-hire-guerra/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 13 de agosto de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Cabelo, cabeleira, cabeluda**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/08/07/cabelo-cabeleira-cabeluda/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 07 de agosto de 2013. Capturado em 21/07/14)

**A nova casa colorada**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/07/26/a-nova-casa-colorada/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 26 de julho de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Trabalho para Super-Homem**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/07/13/trabalho-para-super-homem/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 13 de julho de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Paralisação com cara de fim de semana**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/07/12/paralisacao-com-cara-de-fim-de-semana/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 12 de julho de 2013. Capturado em 21/07/14)

**Deixa o gaitero tocar<sup>61</sup>**

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto/2013/05/03/deixa-o-gaitero-tocar/?topo=52,1,1,,186,e186>

(Postado em 03 de maio de 2013. Capturado em 21/07/14)

---

<sup>61</sup> A proposta de recorte do corpus de um ano de posts do Diário da Foto, que iria de junho de 2013 a junho de 2014, incluiu este último post, datado em 03 de maio de 2013, em função de que o mês de junho não houve nenhum post. Do período de 03 de maio a 12 de julho não houve postagens. Esse período foi mencionado na entrevista com André Feltes, editor do *Diário Gaúcho* e *Diário da Foto*, como sendo um período em que “estávamos vendo se íamos ou não manter o blog”.

**APÊNDICE 3 - ENTREVISTA REALIZADA EM 28/05/2014, COM BRUNO ALENCASTRO, EDITOR DO FOCOBLOG, BLOG DA EDITORIA DE FOTOGRAFIA DE ZERO HORA. A ENTREVISTA OCORREU NAS DEPENDÊNCIAS DA EDITORIA DE FOTOGRAFIA DE ZERO HORA**

**Beatriz: Como e quando nasceu o Focoblog?**

**Bruno:** Bom, no início era o Jefferson Botega o editor do blog, que logo abriu *login* para todos os demais fotógrafos do grupo para que atuassem como editores de suas histórias. Quando iniciei aqui na Zero Hora, há dois anos, o Focoblog já estava estruturado como está, do ponto de vista de lay out. Eu tinha inaugurado com mais alguns colegas o blog Fotocorreio (no jornal Correio do Povo, onde trabalhava antes de vir para cá). O Focoblog iniciou em 2008 e em novembro de 2009 mudou a arte do lay out, com 540 (pixels) de largura, com espaço para anúncio à direita da página. Então desde que estou tocando o blog tenho proposto para trocarmos o lay out, mais no sentido de ampliar o espaço mesmo para a foto, deixar a foto inteira na página, nos moldes do The Big Picture<sup>62</sup>, afinal nosso sonho de consumo são fotos amplas e em HD. Estamos num constante diálogo para a gente na verdade dar uma repaginada no Focoblog, mas nada definitivo ainda.

**Beatriz: Bruno, tu estás enjoado dele?**

**Bruno:** Não, eu acho que tem que modernizar. Até abri aqui para te mostrar, olha só, antes de eu estar aqui na Zero, eu nem tinha me formado ainda. Em novembro de 2009, ele passou, na postagem, aqui, dia 13 de novembro de 2009, ele passou a entrar numa outra arte aqui, que é esta que a gente tem até hoje assim (Bruno fala enquanto busca o layout do Focoblog para me mostrar).

**Beatriz: É isso para um ambiente digital é muito tempo sem layout novo né...**

**Bruno:** É muito tempo, isso é uma eternidade, tem quase cinco anos e na verdade é um interesse antigo que se tem, conversando com os colegas, o Ricardo Duarte (repórter-fotográfico de ZH) já tinha dado essa ideia, mas nunca meteu muito a mão. Outros colegas também tinham falado por essa questão de não poder abrir muito as fotos, entende? Tu tens que ficar engessado nessa coluna, que permite que a imagem tenha só 540 (pixels) de largura aqui.

**Beatriz: E toda essa lateral aqui também para links, etc, talvez não precise...**

**Bruno:** É, é meio exagerado. Claro, tem alguma coisa que antes fizeram a gente pisar um pouco no freio, porque tem essa parte de anúncio aqui. Aí falaram assim “ah, mas todos os blogs da Zero Hora respeitam essa determinação, todos eles são assim”. Até vou abrir aqui a parte de blogs. Vou pegar um aleatório que tenha sido atualizado por último. O blog da coluna social, por exemplo, só essa largura. A Rosane de Oliveira (editora de Política de ZH), só essa largura aqui também. Aí falaram para nós “ah, não, mas vocês não vão poder fazer isso porque tem que respeitar essa parte de anúncios”. Só que eu montei um argumento e fui para

---

<sup>62</sup> <http://www.boston.com/bigpicture/>

cima do Jefferson (editor de imagem da ZH) e do Roth (Gustavo, subeditor de imagem de ZH), e conversei com eles. “Cara, o que é esses anúncios que entram aqui?”...Porque isso aqui é um recurso bem automatizado, todos os blogs da Zero eles pegam e colocam isso aqui, mas não é algo específico, não é uma publicidade que está pensada para esse blog, é uma publicidade que entra para todos os blogs. Eu falei para o Jefferson “então vamos fazer o seguinte, cara, vamos mudar o layout dele e vamos pensar em publicidade específica de fotografia e aí a gente trabalha a coisa melhor do que está sendo feito agora”. Porque hoje está no piloto automático.

**Beatriz: Ou até, por ser específico de fotografia, e demandar mais espaço físico para fotografia, quem sabe pensar em jogar o anúncio num outro espaço, que banque o da fotografia...**

**Bruno:** É exatamente isso, eu argumentei com ele que a gente é exceção. A regra é para todos os blogs, mas a Fotografia é exceção. A Rosane de Oliveira, a Fernanda Pandolfi (Colunista de Rede Social), o Roger Lerina, essa galera toda que tem blog, eles não tem a priori a imagem. A gente tem. Então a gente tem que oferecer bem essa nossa imagem. Então, se tiver que derrubar anúncio, claro tem que ver com o comercial. A gente conversou, foi trocando e-mail, montamos um argumento e mandamos para a Marta (Gleich, diretora de redação de ZH). Proponho pensar o Focoblog como uma exceção na empresa, enquanto que os outros são regras. Ou até mesmo pensar em banir com o anúncio e deixar só fotografia, pois me pergunto: até que ponto está rendendo? Aqueles anúncios precisam estar ali?

Porque é uma coisa automatizada, não é uma coisa pensada. É simplesmente assim, a coluna ali tem que ter anúncio. Não é nada específico. Foi para a Marta o e-mail e ela falou “beleza, da minha parte, do comercial, vocês podem tirar os anúncios do Focoblog e abrir fotão”. Daqui a pouco fazer estilo aquele “big picture”, esses que dão fotão. A ideia é essa. Só que aí de um lado a gente conseguiu solucionar a questão comercial, só que a gente esbarrou na questão tecnológica. Porque daí a gente chegou bem no momento em que a Zero estava completando 50 anos e mudando o site. Bah, daí, seguinte, congela tudo. Eu tinha carta branca para começar a envolver os caras da programação, da arte, para mudarem o *template*<sup>63</sup> do Focoblog e aí os caras falaram assim “segura porque a gente está mudando, a Zero está assumindo um novo planejamento visual e tal, e os blogs vão ter que esperar um pouco para mexer neles, é uma coisa que a gente pensa”, eles tem consciência disso, a guria que cuida dos blogs aqui da Zero, pegou e falou assim “bah, Bruno, é uma coisa que a gente quer fazer, a gente sabe que tem que mudar, mas tem que mudar agora dentro desse novo layout que a gente criou para a Zero Hora”. E aí eu estou neste *stand by* agora, estou esperando o aval dela.

**Beatriz: Vai acontecer que tu vais fazer isso depois da Copa...?**

**Bruno:** É, e aí tem Copa. Estamos aguardando depois da Copa para retomar este assunto. Também não é por isso que a gente está deixando de cuidar...

---

<sup>63</sup> Modelos de páginas prontas.

**Beatriz:** Uma coisa é certa, do ponto de vista que qualifica, vai melhorar inclusive nas visualizações...

**Bruno:** Claro. Porque a gente captura em altíssima qualidade e depois a gente vai lá e reduz para 540 pixels de largura... É o máximo que a coluna permite. Meu sonho é fazer como o Clarín, da Argentina, Fotão e uma legenda. Em HD e que traz não só ensaios como também a foto única. Outro bom exemplo de layout é o Lens<sup>64</sup>, do jornal The New York Time. Acho que a gente pode trabalhar para isso.

**Beatriz:** Tu já tens o exemplo aí para vender...

**Bruno:** Aqui é só uma, mas às vezes são mais fotos.(Alencastro clica nas imagens apresentadas em *slideshow*<sup>65</sup> do blog Lens para exemplificar o layout). Queria pegar um exemplo que tem mais fotos, em sequência. Aqui é foto única, mas às vezes eles têm um ensaio. Quando chegava num *post* que era ensaio, eles colocavam miniaturas, tu clicavas e ia navegando, vendo em HD.

Nesse novo site (falando do on line de ZH), acabou que excepcionalmente a gente pode ter uma imagem grande. Mas de resto, olha o que são as fotos da capa! Tudo fotinho. E é até uma bronca que eles estão vendo para resolver agora, porque não está atrativo, sabe? É uma foto grande e o resto fotinho. Além de ser uma coisa de repaginar o Focoblog, seria também uma questão de dar valor para as fotos dentro do site mesmo. Tu entras na notícia, aí tu vai ver ela grande. Mas aqui na capa, ela está subvalorizada (mostra o site da ZH com fotos pequenas, onde o internauta deve clicar para abri-las).

**Beatriz:** Assim a notícia não atrai pela imagem, o que deveria ser, pois é o que acontece com o impresso. No on line, até o leitor resolver clicar naquela fotinho...

**Bruno:** É. Então, ampliar as fotos no Focoblog também é um pouco da resposta para isso, para priorizar melhor a imagem no site, que hoje está pouco aproveitada.

**Beatriz:** Mas fala um pouco mais sobre o começo do Focoblog...Quando tu entrastes aqui na Zero, o Focoblog já existia?

**Bruno:** Claro, ele é anterior. Acho que é de 2008. E aí ele ficou um ano com esse *template*, até que em 2009 trocou para o novo. Eu era leitor do Focoblog.

**Beatriz:** Tu tocavas o blog lá no Correio (do Povo), antes deste teu trabalho aqui na Zero Hora...

**Bruno:** É, a gente criou lá, eu, e o Pedro (Revillion, repórter-fotográfico).

**Beatriz:** E esse nome, tu te recordas?

**Bruno:** Daqui não. Quem deve saber responder é o Jef (Jefferson Botega). Lembro que saiu uma publicação, lá em 2008, só tenho que lembrar a data, que eles chamaram no jornal. “A partir de hoje nós estamos colocando à disposição do público o blog de Fotografia. A ideia é aproveitar melhor o material dos fotógrafos, oferecer bastidores”. Aí, mais ou menos colocam

<sup>64</sup><http://lens.blogs.nytimes.com>

<sup>65</sup> Sistema de publicação de fotos em sequência, abrindo uma a uma, bastante usado pelo jornalismo on-line, e adotado pelo jornalismo on line.

ali alguns pontos que seriam as diretrizes do Focoblog. E já coloca na figura do Jefferson o editor. O blog vai ser editado pelo fotógrafo Jefferson Botega. Então quem começou mesmo foi o Jefferson, e foi tocando ao longo do tempo. Aí depois ele acabou abrindo *login* para outros fotógrafos, para ajudarem a fazer a manutenção. Eu lembro que o Ricardo Duarte era um que sempre postava coisas. Porque o Ricardo, quando ele foi para trabalhar no Diário Catarinense, e era ele quem tocava o *blog* do Diário Catarinense. E aí quando ele voltou para cá, ele é um cara que já tinha despertado para o blog e tal, e aí ele continuou junto com o Jefferson. Eram poucos, nunca foi muita gente que atualizou ele. O Lauro (Alves), quando ficou um tempo na madrugada, atualizou um pouco o Focoblog, porque lá em Santa Maria também ele tinha um blog de fotografia, lá no Diário de Santa Maria. Como ele estava na madrugada, o primeiro ano dele aqui na Zero, assim como eu, era uma forma de ter um tempo ocioso para contribuir com o Focoblog. Lá no Correio, a gente também, eu, o Pedro, víamos que dava super certo, se espelhava no Focoblog, “vamos criar um para nós aqui também”. A gente criou o de lá, e aí quando eu vim para cá, eu já colaborava antes, como leitor. O Jefferson falou “bah, cara, agora que estás trabalhando aqui com a gente, antes tu já era colaborador do Focoblog, tu fez o blog lá do Correio, tu que conheces e tal, vai lá, toca”.

**Beatriz: Quando foi mesmo que tu vieste para cá, Bruno?**

**Bruno:** Foi dia 18 de abril de 2012. Dois anos. Primeiro ano, eu estava na madrugada, era mais fácil ainda. Aí o que eu fazia, como não tinha muita produção, eu vinha aqui, abria o Nica<sup>66</sup>, que é onde a gente guarda nossas imagens, do grupo inteiro, e via o que os guris tinham feito de dia. E como eu entrava meia-noite, ou seja, o jornal já tinha rodado, então eu não tinha que me preocupar com exclusividade. Do tipo, não posso dar antes. Porque esse é um cuidado que se tem. Um dos grandes cuidados que se tem é não furar a pauta com o Focoblog. Tipo, daqui a pouco, a gente está produzindo um especial que vai sair só lá em julho, e lançar antes no blog. Não, isso a gente não faz. A gente espera primeiro sair no impresso.

**Beatriz: Nem com o online?**

**Bruno:** O online às vezes vai pincelando uma coisa ou outra, mas assim tu pegar e dar um ensaio definitivo no blog, antes de sair a reportagem no papel, não acontece.

**Beatriz: Como está formada a editoria de Fotografia e quem trabalha diretamente com/para o Focoblog? E gostaria que tu me falasses dessa questão de o editor não ser mais editor de Fotografia e sim editor de Imagem, que é uma coisa que a gente vem discutindo já há um tempo...**

**Bruno:** O Jefferson é este editor de Imagem<sup>67</sup>, ele está no topo dessa hierarquia da Imagem aqui na Zero Hora. E aí abaixo dele, tem um subeditor de imagem, que é o Gustavo Roth, que também mudou agora. Antes, abaixo do Jefferson, de um lado tu tinhas o Roth que ajudava um pouco na Fotografia e do outro tinha a Marlise (Brenol) que pensava mais a parte

<sup>66</sup> Software de imagem que a Zero Hora adota para indexar as fotografias e onde se encontram arquivados o material fotográfico ao longo das produções de pautas.

<sup>67</sup> Até pouco tempo atrás esta função não existia na editoria de Fotografia de Zero Hora. Com a convergência digital de conteúdos, o editor até então de Fotografia passou a ser chamado de editor de Imagem, e isso muito em função dos vídeos que cada vez mais ingressam como conteúdos no jornal ZH on-line e nos blogs específicos das editorias do veículo.

multimídia. Agora, a Marlise está deixando de cuidar um pouco da parte de vídeo, para assumir nova atribuição, de editora de conteúdo digital, que aí é mais do que só o vídeo. É conteúdo, texto, pauta e tal. Então a gente está ainda um pouco capenga dessa pessoa que vai tocar mais a parte de vídeo aqui da Zero Hora. A coisa está acontecendo. Depois da Copa, deve entrar uma pessoa para ocupar essa vaga da Marlise (Brenol), pensando mais os vídeos e tal. Então, o Jefferson é sim ainda assim o cara que cuida da imagem, tanto do vídeo, quanto foto. Está acima disso. O Jefferson entra de manhã, então pega a reunião, pega o dia acontecendo, vê o que está rolando de pauta e tal, e vai embora por agora, lá pelas 19, 20h. E o Roth continua, já está aí de tarde e vai até o fechamento, vai até as reviravoltas lá de troca de foto, essas coisas. Está mais na fotografia. Claro que ele tem experiência também em imagem, também vai estar olhando vídeo, vai estar sendo o consultor de vídeo. Só que precisa de alguém para pensar o vídeo específico.

**Beatriz: Esse alguém que precisa para pensar o vídeo – especificamente - significa pensar o aproveitamento?**

**Bruno:** Sim. É um cara que vai gerenciar conteúdo, vai sentar com o cara que está saindo para a rua para fazer pauta, e vai discutir roteiro, vai discutir como a gente vai editar, depois vai aprovar ou não. Vai olhar a narrativa toda e vai dizer se aquilo está coerente, se não está. Se ficou tendencioso, se está correto. Enfim, o cara vai dar o aval final assim, é um diretor de núcleo. É um cara que fica só aqui dentro, cuidando de logística, de equipamento, de roteiro. É um gestor, assim como o Jefferson. Como vamos dar essa pauta de vídeo? Como o cara vai capturar? Como a gente vai editar? E o aval para publicar...

**Beatriz: E quem mais, na editoria...?**

**Bruno:** E aí abaixo do Jefferson, do Roth e dessa editoria que vai ser preenchida, vem a galera toda. Repórter fotográfico, por origem, nós somos 13. Vou olhar aqui na pauta (clica na pauta on line, no sistema). O Macedo (Carlos) o Ronaldo (Bernardi), o Tadeu (Vilani), Fernando (Gomes), Diego (Vara), Júlio (Cordeiro), Ricardo (Duarte), eu, o Lauro (Alves) que está viajando, Andréia (Graiz), Adriana (Franciosi), Mauro (Vieira), Zucco (Félix), e o Omar Freitas que não está aqui. Somos 14 repórteres fotográficos e 2 editores, sendo que tem essa galera que a gente chama de produção multimídia, que agora está trabalhando junto com a Imagem, que é a galera que ajuda a produzir os vídeos, que edita os vídeos, faz galerias. Então tem uma galera da “cozinha”, que está aqui no dia a dia, que são 7 pessoas. Eventualmente, um desses 7, dependendo da pauta, pode pegar uma câmera e capturar, mas eles não estão na pauta do dia. Eles podem ir para a rua produzir, mas são mais aqui internos. E tem mais 5 assistentes da Fotografia. É uma editoria grande.

**Beatriz: Esses cinco assistentes ajudam inclusive na indexação...**

**Bruno:** Isso, principalmente isso.

**Beatriz: E a rotina do blog? Fala primeiro da rotina do jornal...O que vem primeiro... é o online que lá do lugar onde o fotógrafo está já vai enviando conteúdo...?**

**Bruno:** O factual tem que vir já com alguma coisa. Pelo menos uma foto é o suficiente para eles chamarem lá no online. Mas é bem factual mesmo, é o que está acontecendo na cidade

naquela hora, e que vai interferir na vida do sujeito. Porque tu pegas tudo que tem no dia da pauta, tem muita coisa que não precisa. Muita coisa aqui é só para o outro dia.

**Beatriz: Quantas pautas por dia, em média, cada fotógrafo produz?**

**Bruno:** Digamos que a gente faça uma média de três pautas por dia, duas a três pautas por dia. Mas mudou, antes tu entregava só fotos, agora tu entrega fotos, vídeo, ensaio para o blog ou para a contracapa. Então, assim, o tempo de captura nessas pautas aumentou. Então, se antes podia resolver uma pauta em meia hora, agora tu não consegue. Tu precisas ficar pelo menos uma hora para dar conta de fazer foto, contracapa, fazer detalhes para um ensaio de contra (capa), ou do Focoblog, e ainda eventualmente algum vídeo. Então, aumentou o tempo de captura. Digamos que dessas duas ou três, uma vai ser um factual que tu precisas mandar. Ou às vezes não. Às vezes, tu estás só num especial, que tu estás produzindo, que vai sair dois dias depois, tu nem precisas sair com o notebook. No dia sempre vai ter dupla Grenal, sempre vai ter treino de Grêmio e Inter, e esse cara com certeza tem que levar equipamento para transmitir, porque o esporte já vai lá dar uma resenha. Futebol, que dá um monte de acessos, e o factual, tem que ter foto. O cara que sai para fazer treino tem que levar o note.

**Beatriz: O que envolve os fluxos em termos de rotinas produtivas específico para o Focoblog? Há alguém específico que toma frente da função?**

**Bruno:** Principalmente eu que cuido. Fico atento ao que rolou no dia, ao que está rolando através do Nica. Porque tudo que está entrando de imagem, tu vais vendo aqui (mostra o sistema de gerenciamento de imagem da RBS). E não só aqui na Zero Hora, em todos os jornais do grupo. Então, a gente vem aqui e entra, por exemplo, no Diário Catarinense, hoje. É o banco de imagens do Grupo RBS. O fotógrafo chega com seu material da rua, baixa as fotos, seleciona aquelas que a gente vai aproveitar, as melhores, e vem aqui e coloca elas para dentro do Nica. A partir do momento em que a gente fez isso, todo o grupo RBS está enxergando as fotos. Então a gente vem aqui para indexar e procurar as fotos. Essa imagem de torcedor, por exemplo, lá do Diário Catarinense, com a data de hoje... digita-se algumas palavra-chaves para a gente poder achar ela (a imagem), a informação do fotógrafo que indexou, quem produziu a foto, e uma descrição dela. Entro no Diário Gaúcho, vejo o que foi feito hoje. Claro, não é só o material que a gente produziu, entra muita divulgação. É daqui que os editores das redações de todos os veículos da RBS puxam o material para diagramar.

**Beatriz: E os fluxos do Focoblog?**

**Bruno:** Não tem uma sistemática, é muito mais quando o tempo está ocioso, entre uma pauta e outra, esperando por uma pauta, eu pego e dou um giro pelo Nica e vejo o que tem para pensar as narrativas.

**Beatriz: Qual a importância que o Focoblog tem para a editoria de fotografia?**

**Bruno:** Ele tem uma importância grande, porque é onde a gente dá a nossa cara, sabe? A nossa edição, a nossa narrativa, é onde a Fotografia de Zero Hora diz o que ela entende de imagem, o que entende de foto. E aí quando tu me perguntas como é a sistemática, ela acontece de duas maneiras: eu ficar navegando aqui, procurando alguma coisa, ou daqui a pouco chegar um colega e falar “tem um material muito legal que eu fiz agora, vamos fazer

um post pro blog?”. Aí eles me sugerem. Eu vou lá, vamos ver o que tem aqui, se eles podem estar junto, me ajudam a editar, ou até preferem para que tenha um olhar de fora, que eu mesmo olhe, recorte lá, faça uma edição para o blog. E como sou eu que estou fazendo há mais tempo, então eu já tenho também umas, não bem normas, mas algumas coisas que estão na minha cabeça, que eu acho que funcionam, sabe? Não ser muito extensivo no número de fotos, para não ficar uma coisa... 30 fotos, tudo da mesma pauta, sabe? Que nem agora, que o Carlos Macedo voltou de várias cidades da região de Faxinal, onde estava tendo o conflito com os agricultores e os índios, ele ficou viajando uma semana, ele tinha sete dias lá, com o Carlos Wagner, por várias cidades lá da região. A gente entra no Nica, tem uma infinidade de fotos. O cara ficou sete dias lá, então tem muita coisa. E aí a gente chega aqui pro Focoblog, dessa vez a gente foi até mais generoso: 21 fotos. Mas assim, é uma exceção. Imagina, 21 fotos, divididas por sete dias, uma média bem tosca, a gente aproveitou três fotos que ele fez por dia. Aí se justifica. Mas, via de regra, é uma dúzia de fotos, de 6 a 12 fotos para cada reportagem (post). Não é uma regra. Para não ficar uma coisa cansativa. Até quando está enchendo os olhos, a gente vai colocando. E outra, não só ficar uma coisa cansativa, como desvalorizar o material, porque tu não tens 30 fotos extraordinárias de uma mesma pauta. Então, vamos deixar só o filé para te valorizar enquanto profissional.

**Beatriz: Aqui é o lugar do estético...**

**Bruno:** É, por isso que é a nossa cara, por isso a importância dele. Tem decisões que eles tomam lá que se justificam para a plataforma que eles estão trabalhando, que é o impresso, mas para nós não é muito coerente. A gente acha que a estética ou o conteúdo da imagem, o jornal tem que ser um conteúdo, mais objetivo em alguns momentos, e aqui a gente quer dar a nossa cara. A gente quer ir pela estética, pela subjetividade, por encher os olhos mesmo. E aí a importância dele. Eu vejo assim. Alguns colegas também veem, e aí começam a ser propositivos na hora de sugerir material para o Focoblog.

**Beatriz: Também tem uma peculiaridade do blog que o texto só contextualiza, ele é mínimo.**

**Bruno:** Para também não induzir muito a leitura, deixar que a coisa seja meio literária. A gente até dá o caminho. Nesse caso do Macedo, “saiba mais sobre o conflito através dos textos de Letícia Duarte e Carlos Wagner”. E aí o nome deles é link para o que eles escreveram. Então a gente até dá o caminho para quem quer reportagem de texto, mas vai lá no site da Zero Hora. Aqui é foto e vídeo, eventualmente tem texto.

**Beatriz: O blog vem depois do impresso. Como o ensaio é pensando? É pelo “gostei, não gostei”, ou tem uma linearidade de narrativa pela imagem para o blog, a partir da pauta?**

**Bruno:** Na verdade, não é nem depois, é meio que junto com o impresso. Por exemplo, amanhã vai sair no segundo caderno um ensaio que o Júlio (Cordeiro) fez da exposição do Vik Muniz. Aí eu pego e também já deixo o *post* pronto, e agendo para 6 da manhã o *post* entrar no ar. Então, assim, os caras vão estar recebendo a Zero Hora em casa, às seis da manhã, às sete, e o *post* já vai estar no ar. Já deixo tudo pronto porque eu sei, às vezes eu tenho esse cuidado, quando tem o factual, por exemplo, “ah, a contracapa da Zero Hora de

hoje foi o rio Guaíba” - aliás estamos adorando a contra-capa da Zero com um ensaio fotográfico<sup>68</sup> - com material do Achutti (Luiz Eduardo Robinson). Então, eu pego e já deixo o *post*, no impresso tem quatro fotos, na contracapa do impresso. Aí a gente vem aqui no blog e tem nove fotos do mesmo material.

**Beatriz:** Até, porque, não necessariamente que o público do blog é o público do impresso...

**Bruno:** Também tem isso. É mais um cuidado com os repórteres (de texto), que ficam meio assim de largar o material deles antes de ir para o impresso, eles ainda tem essa coisa com o impresso. Mesmo que já público diferente, mesmo que aqui o público é mais voltado para a fotografia, a redação tem esse cuidado. Mas daí a gente pega e dá junto, deixa tudo pronto. Sei que vai ser destaque no dia de amanhã a exposição do Achutti, porque está na contracapa da Zero Hora. Uma coisa que dá para fazer legal é se aproveitar quando tem um factual bom desses, e aí vender, sugerir para a capa da Zero Hora. Vai estar na matéria “exposição do Achutti” e aí eles vão lá e criam uma linhazinha de apoio para nós “veja mais fotos desse ensaio lá no Focoblog”. Então nos dá audiência, se a gente tem um *post* do dia, ou uma galeria bonita de imagens importantes para o dia, ou seja, que tenha *hard news*, critério de noticiabilidade dentro do dia, eles vão lá e nos chamam na capa, e daí dão mais audiência para nós, é legal. É maluco, porque é a mesma empresa, mas a gente trabalha vendendo para eles, sugerindo para eles. Nem sempre é uma coisa *hard news*, às vezes é mais, uma coisa atemporal, aí a gente não chama, fica mais só lá dentro do blog. Quem faz, vai lá pro facebook, chama lá também. A coisa funciona junto. Coloquei no blog, seleciono uma das fotos para chamar lá no facebook. Aí a pessoa já vê lá e vai para dentro do nosso blog. Isso é recente. Quando eu comecei com o blog, eu não monitorava tanto a página, mas daí a gente começou a perceber que não adianta, a audiência chegava na maioria das vezes pela página, pelo facebook.

**Beatriz:** E lá no facebook uma foto única chama para a narrativa do blog..

**Bruno:** É, porque daí eu faço assim, vou colocar 12 fotos do Achutti, por exemplo. Daí eu escolho uma representativa dessas 12, “mais bonita”, uma bacana, e aí coloco só ela, e embaixo vou lá e legendo, “mais lá no Focoblog”. E aí o cara se obriga a pular para dentro do Focoblog. Também é uma coisa muito intuitiva, não é uma fórmula. Daqui a pouco poderia colocar todas as fotos lá no facebook também, não tem regra, mas daí também o cara não ia entrar no blog. De repente a gente vai pensar “pra quê o blog”. Então eu tenho feito isso. Vou lá e estou usando a página como uma vitrine, para o cara entrar no blog.

---

<sup>68</sup> Recentemente o jornal Zero Hora impresso mudou a sua diagramação, reconfigurando assim seus espaços editoriais, num propósito de deixar o jornal mais limpo. A contracapa do impresso vinha sempre com uma ou duas fotografias chamando matérias internas. Com a mudança, há sempre um ensaio fotográfico, nos moldes das narrativas dos blogs, por terem uma sequência de 04, 05, até mais imagens. Este espaço – a contra capa – vem sendo crescentemente valorizado pelos fotógrafos do veículo, pois serve de vitrine para suas produções. Não raro, este espaço editorial que é num primeiro momento reservado para a fotografia, cede seu lugar para a publicidade. Desta última parte os fotógrafos não gostam, e boto muita fé de que os leitores do jornal também não.

**Beatriz: E tu tens noção do público do blog?**

**Bruno:** A gente tem uma estatística, uma métrica nele, que nos dá algumas informações. Inclusive já falei para o Jefferson para a gente começar a trabalhar com esses dados a nosso favor, que é ver da onde que vem os cliques, ou seja, da onde que essas pessoas estão nos olhando. Ele não tem muita audiência. A minha intenção de deixar as fotos grandes é também um pouco dar mais uma cara nele e tentar começar a brigar por audiência, porque a audiência dele não é muito grande não, perto dos outros blogs que tem aqui da Zero. É um público muito específico assim. Por exemplo, hoje, até agora (18 horas), o blog teve 79 visualizações. Para quem trabalha com blog, sabe que não é um número representativo. O mês com mais visualizações, agora em 2014, foi fevereiro, que a gente teve 6700 visualizações, ao longo do mês. Foi o mês que mais bombou o blog em 2014. A gente sabe, por exemplo, o que as pessoas digitaram em sites de busca e acabaram caindo no nosso blog, essa é uma métrica boa. Uma pessoa digitou no google, num buscador, “Porto Alegre Vik Muniz” e aí como a gente fez esse post do Júlio com as fotos da exposição, caiu aqui. Sempre tem um tarados. O cara escreveu “peladas” e caiu aqui. Claro, eventualmente vai ter algum post de protesto, tinha mulher pelada, pelada de futebol. Ou aquele artista que faz fotos de pessoas peladas, aquelas multidões de pessoas peladas. Sempre tem uns tarados que acabam entrando aqui, achando que vão ver pornografia, mas não. E também tem a métrica que nos diz por onde as pessoas mais vem, e o facebook acaba liderando, que também é uma porta de entrada, que é por onde chega mais gente aqui.

**Beatriz: Que tipo de notícia, foto notícia, que não entra no blog? Polícia?**

**Bruno:** Depende. Polícia, daqui a pouco teve uma operação e o Ronaldo (Bernardi) fez um puta material, um ensaio legal de polícia e de ação, de correria, que ficou bacana, esteticamente bacana, então vamos colocar lá. Acho que o que não entra é o que não é interessante do ponto de vista estético. Não tem um assunto que não entra, por exemplo. Acho que pode entrar polícia, pode entrar esporte, o que a gente não quer é ser redundante com o que daqui a pouco o jornal vai dar. Por exemplo, esporte é uma coisa que a gente enche o saco dos leitores, pois o impresso dá num tamanho exagerado. Claro, eles lucram com isso, faz sentido. O site também, a dupla Grenal, ganha um destaque grande. Iria, no Focoblog bombar de audiência começar a colocar Grêmio e Inter, nossa, o Focoblog ia ter um pico de audiência. Mas, é isso que a gente quer? É ser mais um canal dentro da Zero Hora para ficar tendo audiência? E outra, não é todo dia que a gente é genial cobrindo a dupla Grenal, do ponto de vista estético. Então, assim, qualidade ou quantidade? Se a gente quer quantidade, se a gente quer clique, a gente vai começar a colocar esporte, vai começar a colocar celebridade. Mas a gente vai ter qualidade estética? Não, não vai ter. Então isso não entra. Aqui a gente não está preocupado, felizmente a gente não tem essa preocupação. Então a gente não depende de clique de leitor para manter o Focoblog. A gente está mostrando que a editoria de imagem da Zero Hora tem uma visão, uma compreensão estética, subjetiva, literária de imagem que é maior que a audiência, por exemplo. Para nós aqui, o que a gente está falando, é postando a nossa cara, olha o time de fotógrafos que a Zero Hora tem, o que os caras produzem. Ou, o que os caras consomem. Às vezes a gente bota foto que não é nossa, às vezes entra no Focoblog, tem um puta vídeo, um puta material do Vik Muniz, uma coisa “bah, olha que legal, olha o que a gente gosta de ver e olhem vocês também”. Às vezes é meio que mostrar o

que a gente consome, meio prepotente. Tanto do que a gente produz, como do que a gente acha legal que os outros produziram. Um concurso de fotografia...

**Beatriz: E tem essa questão dos links com os nomes de todos os autores ali do lado também que remetem os leitores a ir descobrindo o blog...**

**Bruno:** Sim, aí tu entras aqui, ti podes ir, “bah, quero só ver fotos que o Mauro (Vieira) produziu”. Aí tu vais lá, clica no nome dele, tu vais restringir só onde tem foto dele, é tudo que tem atrelado ao Mauro Vieira.

**Beatriz: E além dos autores, também essa coisa da galeria, das exposições...**

**Bruno:** É, ou até a visibilidade nossa, por exemplo, essa exposição das bicicletas (mostra o *post* para mim) não tem nada a ver com Zero Hora, mas alguns fotógrafos da Zero Hora foram convidados para expor fotos de bicicleta. A gente foi lá e colocou, olha que legal. Além de trabalhar na Zero Hora, a gente também faz fotos para galerias, para exposições de arte e tal. Futebol, Grenal de número 400, tu manda uma equipe com quatro fotógrafos cobrir. Rendeu um belo ensaio, sabe? Daqui a pouco, até com coisas diferentes que o jornal deu. De repente, um lance como este, plano fechado, com as pernas do jogador não interessa para o jornal, mas aí é um capítulo à parte. Tem muita foto legal para a gente botar num *post*. Aí a gente faz um *post* de futebol, mas aí, imagina, Grenal 400, quando é que vai ter um Grenal com um número redondo assim de novo, sabe? Tem que ser uma coisa muito forte para justificar que entre no Focoblog.

**Beatriz: No impresso a gente dá “a” foto, e no blog temos a sequência da pauta, contamos com várias imagens sobre um fato. Fales sobre esta diferença de ter uma imagem dizendo do acontecimento e/ou várias dizendo do acontecimento... Para um fotógrafo é gratificante mostrar uma narrativa em fotos, é uma coisa que nos remete às fotorreportagens das revistas ilustradas, assim como a contracapa agora com ensaio impresso, uma retomada?**

**Bruno:** Eu acho que sim, eu acho que não só o blog, mas a coisa começou a mudar um pouco de cara também quando mudou essa questão da contracapa, mudança recente, ainda antes dos 50 anos, que foi essa ideia de começar a colocar galeria de fotos na contracapa de um mesmo assunto, um ensaio. Então vê lá, “Paraíso à beira do Guaíba”, que é um ensaio que o Júlio fez em Itapuã. “Jardim das delícias”, que foi, tá daí é uma pauta 500, mas foi o piquenique que a gente fez lá na Redenção pelos 50 anos da Zero, que teve show. “Guaíba sob novo olhar”, que é as fotos do Achutti. “O jeito da Copa”. Ensaio com três, quatro fotos. Ali a gente já começou a ter que voltar das pautas com a foto única que tu falou, que de repente vai ser a capa. Porque agora, no impresso, a gente briga por dois espaços: um, a nossa pauta pode virar capa, e para nossa pauta virar capa ela tem que ser uma foto única, então a foto do Fernando (Gomes), do casal da ponte; a foto do Omar, uma foto aérea das obras do Beira Rio; a foto do Macedo, do cara da Fifa deixando o Beira Rio. Ou a gente vai ser foto única, capa, ou a gente vai ser galeria na contracapa. Então a gente tem que render dos dois jeitos, e aí o que vai dizer isso é a estética, “bah, essa foto é demais para ir para a capa”, ou até daí critério de noticiabilidade, de repente. O assunto principal do dia é esse, a gente vai dar na capa, vai pegar uma foto do Bruno para dar na capa, e na contracapa vamos ver o que mais a gente tem.

E aí a gente vai ver o que tem de interessante para dar na contracapa. Então já saímos para a pauta tendo que render as duas coisas. E o blog acaba se beneficiando disso, porque agora virou um procedimento dentro da editoria, a gente render ensaio, porque mudou o planejamento gráfico... Acontece que às vezes não dá, às vezes a gente tem três, quatro opções de contracapa, de ensaio, só que só vai ter uma. E aí a gente, ou pega tanto essa que foi publicada, ou as outras, e também replica aqui no Focoblog. Então, o material sai muito bem aproveitado. É interessante que os fotógrafos não tem feito isso para o blog, mas tem feito isso para o impresso, só que também veem que é uma possibilidade depois colocar isso no blog. Já está feito. E a redação acabou nos criando um ciclo de trabalho que funciona super bem, porque agora a coisa já está muito mais fácil. Como o cara já produz igual para o impresso, eu já aproveito para cá. É muito fácil de fechar esse ciclo. Também, à medida que o fotógrafo se envolve com o blog a pauta também é pensada para este veículo, e não mais somente para o factual e/ou o impresso. Então o fotógrafo toma consciência que há esta possibilidade no blog, e isso interfere na vida do sujeito fotógrafo. Muitas vezes pessoal chega da rua e já está acostumado a me ver e “vender” o ensaio.

E agora tu falando, fiquei pensando, no fim, acaba sendo um pouco também a ideia do blog e da contracapa, mas falando especificamente do blog, não deixa de ser um pouco uma retomada do que foi durante muito tempo as revistas ilustradas. Que loucura né. Porque era isso, antes tu tinhas grandes reportagens, mas tu tinhas uma série de páginas ilustradas, cenas, ensaios mesmo. As grandes reportagens eram contadas em ensaios, e agora, tu me problematizando isso, é verdade, acaba sendo meio que, dentro do impresso, uma aproximação do que era.

**Beatriz: O ensaio do blog remete, e eu estou fazendo esse link no texto com a história do fotojornalismo, com a revista Cruzeiro, com a Life, com as revistas ilustradas...**

**Bruno:** É verdade, é isso. Em uma outra plataforma, mas ele é aquela coisa de tu teres todas as variantes de uma mesma pauta. E também é o que a Zero Hora tem buscado nesse novo jornal, que é também se aproximar de uma linguagem mais de revista, coisa mais qualidade e não tanto quantidade. Não ficar dando tanta coisinha miúda, mas dar coisas com profundidade, não deixa de ser uma roupagem meio revista. Meio querendo ser revista. A dominical, totalmente cara de revista. Mas mesmo no dia a dia assim, cada vez mais.

**Beatriz: Até porque tu consumes o dia inteiro, aqui, na TV, e aí vai querer alguma coisa diferenciada... Assim, o público da Zero, do Focoblog e do Diário da Foto. O público do Focoblog é o público da Zero Hora e o público do Diário da Foto é o público do Diário da Foto, ou tu achas que se mistura... que o público da foto olha tudo?**

**Bruno:** Acho que se mistura um pouco.

**Beatriz: Eu, por exemplo, olho os dois...**

**Bruno:** É, quem eu conheço, público externo que gosta de fotografia, acho que também olha os dois. Até porque, eu acho que como a fotografia está tão a priori, acho que tu vais atrair muito mais tipos de fotografia, e tipos de pautas variadas, do que, “ah, porque é veículo X ou Y, a pauta é X ou Y”. Acho que o cuidado que eles têm ali no Diário da Foto é tão estético quanto o nosso, que acho que não é muito pelo conteúdo. E às vezes até cria uma coisa meio

maluca, porque às vezes eu também quero aproveitar, como a gente tem acesso ao material de todo mundo, às vezes eu também quero aproveitar coisas que os guris estão produzindo lá embaixo no Diário Gaúcho (a redação do jornal Diário Gaúcho localiza-se no 2º andar do mesmo prédio onde ZH está localizada no 4º andar), no Focoblog. Aí às vezes eu vejo que eles dão no Diário da Foto, daí eu “ah, não, não vou ficar criando uma competição”, vou pegar material deles. Mas eu já usei vários, tanto é que os nomes deles figuram aqui (mostra à direita da tela os links com os nomes dos fotógrafos do DG). Já peguei várias coisas que às vezes, de repente por falta de tempo, não se deram conta e não publicaram lá. Aí eu aviso: Mateus, vi que tu fez um material lá muito legal lá de tal coisa, eu vou colocar no Focoblog. Ele sempre topa e oferece alguma ajuda. Ou às vezes eu também pego para complementar o nosso material. Daqui a pouco eles foram para uma mesma pauta. Que nem esta aqui, da inauguração do novo Beira Rio, além dos nossos fotógrafos da Zero, o Mateus (Bruxel, do Diário gaúcho) também foi para cobrir esse evento. Então, eu também peguei material dele, assim como da Adriana (Franciosi), do Macedo (Carlos).

**Beatriz:** Assim como tem vários posts que eu vejo também, que acontece, por exemplo, sei lá, nevou. Daí começa lá em Santa Catarina, uma foto do fotógrafo de lá, outra do Diário de Santa Maria, outra do Pioneiro... um ensaio é isso, ele tem uma linha na narrativa que vá por algum lugar ligar uma imagem, conduzir um embrião narrativo...

**Bruno:** Eu acho o máximo, e, puxa, como fortalece um material coletivo, sabe? Como fortalece tu poder pegar, e ainda mais se aproveitar dessa condição, que tem uma porrada de fotógrafos espalhados por vários jornais, e poder se dar ao luxo de juntar todo mundo num mesmo post. Sabe que a gente faz isso pouco, porque às vezes não tem esse fio condutor, esse embrião, para fazer isso. Mas às vezes tem. E às vezes é só querer fazer. Por exemplo, pegar um tema genérico, como foi, sei lá, qualquer um assim, bicicleta. Se eu colocar bicicleta ali na busca e começar a pesquisar tudo que tem de bicicleta, não pelo jornal, pelo tema, por palavra-chave, vai vir bicicleta de todos os fotógrafos do grupo. Eu posso fazer um *post* sobre bicicletas. Dia Mundial da Bicicleta. Eu entro ali, busco, e faço um coletivo de vários fotógrafos da Zero Hora que fizeram fotos de bicicleta. Dia Mundial da Água, do Meio Ambiente. Até faço isso pouco, mas é uma coisa que dá para fazer também, de criar essa narrativa heterogênea de produtor. Vários veículos diferentes. Está na mão. Esse aqui (procura na tela o material para me mostrar), por exemplo, eles não fizeram lá no Diário da Foto, o Mateus acompanhou uma mesquita aqui, com os muçulmanos aguardando o sermão, no centro islâmico aqui no Centro. Bah, olhei esse material no Nica (sistema) e me saltou os olhos, um *post* tri completo. Doze fotos. Que está aí. Porto Alegre com uma mesquita, uma religião que não é muito dada, que a gente vê pouco, diferente, exótico, me saltou aos olhos. Ia ficar lá no Nica. De repente, o Diário Gaúcho usou uma ou duas fotos, e o resto ia ficar lá. Aí eu falei pro Mateus, estou pegando aqui e estou colocando no Focoblog. E também tem o seguinte, na rotina do blog, vai ter, por exemplo, a Adriana, o Macedo, o Tadeu, vindo falar que tem um ensaio legal, mas eles não vão ir lá, entrar e publicar. Eles me passam e aí eu coloco. Porque tem essas regrinhas para publicar, tem que redimensionar a foto, tem que marcar. Tem umas coisinhas, por exemplo, marcar o nome do sujeito para que daí depois tu possa vir aqui, clicar nele e estar catalogado. Tem um operacional ali, também não tem

mistério. Mas tem que respeitar alguns critérios na hora de publicar que, por preguiça, por falta de tempo, os outros não metem a mão tanto.

**Beatriz:** Acaba que é uma rotina produtiva que se tu não estás incumbido daquela função... Então, dá para gente dizer que não existe uma regra muito rígida em relação à “*todos os dias tem que ter post*”...

**Bruno:** Não. Sabe que lá no Correio a gente tinha. A gente estipulou isso, porque a gente estava vendo que às vezes a gente relaxava muito, deixava passar semanas e não publicava nada. Eu, quando entrei aqui, eu tinha esse cuidado um pouco. Só que, a gente é consumido pelo tempo, hoje eu não consigo fazer isso. Vou viajar, me mandam para uma viagem aí de cinco dias. Infelizmente não vai ter *post* no Focoblog. Mas, por exemplo, na pra praia, que é um período que a gente fica mais tempo fora aqui do jornal, fica 15 dias, duas semanas, eu atualizava de lá. O problema é que como eu não tinha acesso ao Nica (sistema), eu ficava colocando material meu, uma coisa meio egocêntrica, mas eu via que não podia passar duas semanas sem colocar nada no blog. Então, acho que se a gente entrar aqui e for ver o que tem de material, estive na praia na primeira quinzena de fevereiro, vai ser alguma coisa que eu fiz por lá. Porque eu não tinha como ver o material dos outros e aí para não deixar o blog sem publicação, publiquei o que eu estava fazendo lá pela praia. Aqui, por exemplo, Kitesurf, uma vez eu fui lá e estava os caras fazendo, nem era pauta isso aqui, estava uma tarde nublada, o repórter estava lá no hotel escrevendo uma reportagem, e estava um vento forte na beira da praia. Os caras estavam fazendo kitesurf, então eu fui lá, fiz umas fotinhos aleatórias de detalhes, dos caras praticando, e fiz um post pro blog, para não deixar ele sem atualização pelo menos. Outra, saiu o wordpress, aí eu pego uma notícia, é uma forma de eu, mesmo fora, conseguir atualizar ele, como não tenho como ver fotos dos outros colegas. Ou então eu peço. Para alguns eu peço. Por exemplo, eu vi no jornal que saiu um ensaio legal de contracapa de qualquer colega. Aí eu pego e mando e-mail para o colega pedindo que me mande umas 10 fotos, explico que estou na rua, mas quero atualizar o blog. Aí eles mandam, só para não deixar sem atualização. Mas vou te falar, atualmente, sei lá, duas vezes por semana a gente está atualizado ele. Eu venho atualizando ele.

**APÊNDICE 4 - ENTREVISTA REALIZADA EM 30/05/2014, COM ANDRÉ FELTES (EDITOR) E MATEUS BRUXEL (REPÓRTER-FOTOGRAFICO)/ *DIÁRIO DA FOTO***

**Feltes:** Eu acho que o nosso blog, a ideia sempre é, sempre foi, além de escoar esse material, tentar fazer isso, mais ou menos que tu falou, de ter histórias ali dentro, de a gente poder aproveitar. O que acontece, na maioria das vezes, só quero que tu saibas isso para a gente depois conduzir melhor, por várias questões, que são tempo... a gente acaba, muitas vezes, ele acaba sendo só o escoadouro, ele tem um número pequeno de posts, eu acho. Isso não é culpa de ninguém, talvez se tem uma culpa, seria minha, talvez maior, de organizar isso.

**Mateus:** A gente até já tentou discutir para tentar manter uma periodicidade maior, daqui a pouco criar alguma seção.

**Feltes:** Coisas que realmente te demandem.....mais. Ah, sobraram essas fotos da pauta, então vamos usar no blog que é um jeito. A gente queria que ele fosse, sonhava, sonha que ele seja algum dia...

**Mateus:** Que pudesse produzir alguma coisa específica para ele.

**Feltes:** É, específica, ou que a gente conseguisse tirar daquele material que está lá e não está indo para o jornal, uma coisa, não melhor editada, mas que conseguisse contar melhor uma história, do que simplesmente colocar algumas fotos ali, que são coisas diferentes ao meu ver. Então acho que a gente não consegue ainda no blog fazer aquilo que a gente queria, ou aquilo que a gente pretendia. Só quero que tu saibas disso. Acho que a gente trabalha hoje ainda com muitos limites no blog.

**Beatriz:** **Será que isso não é por que o blog acabou se tornando mais uma demanda, não tem uma pessoa que é paga para isso, para pensar?**

**Feltes:** Eu não sei se a questão é essa de não ter mais uma pessoa. Ele acabou sendo mais uma demanda, diante da enorme demanda que todos já tem. Todo mundo tem muita coisa para fazer. Se o Mateus ....., hoje ele queria muito colocar uma coisa, hipotético, no blog, mas ele passou a tarde na rua, chegou agora, 15 para as 6 (18h), tem que colocar o material dele no sistema, ele sai às 6 (18h), ele não faz mais uma hora extra porque a gente não paga, então ele vai ficar... muitas vezes ele quer ficar lá para fazer o blog, “ah, vou ficar aí”, eu digo “não, tu sai, vai embora, porque...”, não acho justo, não vou te pagar nada, infelizmente. Essa realidade a gente tem, acho que a Zero enfrenta algo parecido também, se bem que a Zero, não sei se ficou só na mão do Bruno agora, ou como está essa divisão, então depende muito do que o Bruno consegue, imagino... É foda ter um grupo de 15 fotógrafos, não sei quantos estão agora, e 16 pessoas, e ficar na mão de um só. Tudo bem, acho que tem que ter um editor, tem que ter um responsável, mas que esse cara, eu imagino, tenha que ficar cutucando o outro...

**Beatriz:** O Bruno diz que os colegas chegam da rua, olham para ele e lembram do blog, daí “ah, eu tenho material”... Pelo menos ele tem, ele toca, mas tem quem contribua.

**Feltes:** Sim, ele faz a mão de obra, mas o pessoal traz o material para ele... Mas ele é o obreiro...

**Beatriz:** É, e daqui a pouco, está sempre lá olhando o que todo mundo tem, e até ele brincou, ele disse às vezes olha o material do Diário e já propõe um post daqui para o Focoblog ...

**Feltes:** Já precisou das nossas fotos sim... às vezes, pega um tema específico e usa fotos nossas também, ou alguma coisa que ele goste...

**Beatriz:** Quando que nasceu o Diário da Foto? Que ano, e como é que foi esse nascedouro do blog?

**Feltes:** Posso ver isso para ti, fico te devendo, mas vejo o ano.

**Beatriz:** Há uma relação diferente entre o impresso e o meio digital no DG em relação à ZH?

**Feltes:** A própria questão digital, a própria questão dos sites, ela é muito diferente, hoje ela se aproxima, mas ela é muito diferente para a Zero e para o Diário. A Zero, hoje ela é muito mais digital do que papel. Tem muito mais gente no digital do que no papel, é um jornal que está todo voltado para o digital. O papel, ele ainda existe porque ele tem que existir, é um jornal, ainda tem grana, mas eles já estão olhando muito, muito, muito, muito para o digital. É uma coisa, que daqui a alguns anos...

**Beatriz:** É o futuro né...

**Feltes:** É, é o futuro, para nós também é o futuro, só que assim, a nossa realidade é muito diferente, pela questão do público. Está migrando, está indo numa velocidade acho que até maior do que eu imaginava que fosse. Nosso público provavelmente já está muito na internet também, em lan house, em celular, qualquer celular hoje tem internet... mas o jornal fisicamente tem muito mais força dentro da empresa, digo, de forma estratégica para a empresa. A empresa diz para a Zero Hora “ó, vocês são digital, com uma plataforma também papel, o Diário não, ele é uma plataforma papel, e que vai indo aos poucos para o digital”. Ele vai entrando, vai entrando. Inclusive as cobranças que a gente tem de render números, elas são muito menores do que na Zero. Eles olham para a gente...

**Beatriz:** Metas e tal...

**Feltes:** Metas... aliás, esse ano é a primeira vez que a gente tem meta de grana no digital, até então o site do Diário nunca teve. Este é o primeiro ano que nós temos, que eles estabeleceram isso, uma meta “olha, vocês tem que ganhar grana X”. Até então... está tocando, está fazendo seu público, está aí. Então, tem investimento menor. Então em algum momento a gente, não lembro, acho que por necessidade mesmo, por vontade, “olha, tem o site agora, vamos escoar nosso material”, a gente criou o blog, mas é uma coisa assim. Nunca foi algo que a empresa, digo a redação, ou apoiasse, ou negasse, ou impusesse, ou dissesse “ó, vocês tem que fazer”. “Vocês vão fazer? Beleza”. Então, a gente sempre fez, começou a fazer

porque queria, porque havia ali realmente um lugar para escoar o material. Eu, no início, tinha uma época, antes do blog, tinha um blog meu, que tinha outro princípio, era colocar notícia sobre o mundo da fotografia. Eu gostava muito disso, gosto muito disso, gosto muito de ler. Por uma série de coisas, a gente também tentou passar isso para o Diário da Foto no início, que não era só o blog para escoar o nosso material, mas também para colocar notícias de festival de fotografia, de exposição..., do Bresson, do Salgado...Ele também tinha isso, e eu tocava muito isso no início, e depois por uma série de coisas que eu comecei a ter também a mais dentro do jornal, eu fui tendo menos tempo, e chegou um tempo até que deu uma boa parada, e com a vinda depois do Mateus melhorou... A Cyntia (Vanzella, repórter-fotográfica), que não está mais aqui, era uma pessoa que, na época, impulsionou... sempre tem alguém, tipo o Bruno (Alencastro)... se não tivesse alguém... era eu no início, com o resto ali, colaborador... depois tinha a Cyntia, agora tem o Mateus, a pessoa que seria a nossa referência, é o cara que enche o saco do outro, “tem alguma coisa? Vou colocar no blog”. E eu, no papel chato de gestor dizendo: “não, vai embora”, mas enfim. Então, assim, o blog, quando nasceu, ele nasceu de uma vontade da Fotografia, a gente reconheceu que havia ali uma possibilidade de mostrar nosso material, com maior profundidade, e colocar notícias de fotografia. Depois, isso a gente acabou abandonando, porque é uma coisa que demanda pesquisa, tempo, para descobrir coisas legais. É, tem uma produção que infelizmente a gente não estava conseguindo tocar. Então, o início dele foi por aí, só para a gente situar historicamente. O ano exatamente, a gente vê ali depois.

**Beatriz: O Mateus antes comentou uma coisa que o Bruno (Alencastro) também havia comentado: cada blog acaba tendo “a sua cara”. O repórter-fotográfico já sabe, já assimilou o que o jornal dá e o que não dá. Mas, também, sabemos que, além das fotos para o jornal, o fotógrafo faz fotos “para si”, mais conceituais, mais estéticas também, e é esse “fazer para si” que muitas vezes fica atrás da cortina, ...o jornal não publica porque não fecha com a linha editorial... Então esse descortinar do trabalho dos fotógrafos da equipe do Diário Gaúcho, acaba dando a cara do Diário da Foto. Assim como no Focoblog... Ou seja, o blog é o que vocês querem, como tu estavas dizendo antes Mateus, “ah, se eu vou fazer só um tiroteio não interessa botar no blog”.**

**Mateus:** É, às vezes, porque nem sempre também a gente consegue ter um dia em que renda uma pauta, que a gente pode avaliar como legal para entrar no blog. Tem dias que a gente acaba fazendo um SPN, que é um Seu Problema é Nosso (seção do jornal DG), aí vai fazer uma maratona de buraco de rua, de... sei lá, alguém que está com problema de saúde, está esperando para fazer uma cirurgia... E daqui a pouco é o tipo de coisa que não vai render um ensaio interessante para o blog. Uma coisa mais já de seções fixas do jornal...

**Beatriz: O que, aliás toma muito tempo né?**

**Feltes:** Tem uma grande demanda. Só algumas pautas na verdade que gerariam esse material extra, ou mais rico.

**Beatriz: André, tu ficas na edição, e como está a equipe?**

**Feltes:** Sou eu, o Vaz (Luiz Armando), que é o nosso sub, o Mateus, o Marcelo Oliveira e a Livia Stumpf. Hoje a gente está num processo, tentando trazer o Mateus um pouco mais para

próximo de mim, já fazendo que o Mateus assimile várias coisas. É um baita fotógrafo, que está participando de alguns processos de edição, para encaminhar outras coisas. E uma das coisas que o Mateus faz, coitado, quando consegue, é ficar um pouco responsável pelo blog. Mas essa responsabilidade dele não foi porque eu determinei... é que nem o Bruno, ninguém disse para o Bruno. Para mim, eu falei aquilo da questão mercadológica, da importância do site, eu acho o blog fantástico. Mas assim, eu não me sinto confortável de exigir isso das pessoas, se elas já tem uma demanda enorme assim. Então eu não consegui resolver isso. Acho que a gente tem um bom case, mas eu me sinto meio preso. A gente não consegue tocar o blog. Porque isso vai gerar demanda a mais.

**Beatriz: Com certeza... é por amor né?**

**Feltes:** É por amor, muitas vezes muito do que é feito ali é por amor.

**Beatriz: E o espaço de anúncio no blog?**

**Feltes:** Tem anúncio, mas não não é um anúncio específico. Era uma coisa que a gente até uma vez tinha falado “Ó, quem sabe a gente vai lá e oferece para a Canon, que estava vindo para cá, para a Nikon, oferece um anúncio específico para esse blog”. Também, quando começa a ganhar grana, a empresa começa a olhar pro troço de uma maneira diferente. O Bach (Alexandre, chefe de redação do DG) nunca nos cobrou nada, a empresa nunca nos cobrou nada. Ela olha para o blog e diz “ah, vocês querem fazer? Beleza”. Mas ninguém diz “ó, tem que fazer”. Então, talvez seja um meio né, conseguir ali anúncio. Hoje a gente tem anúncio ali, mas é um anúncio que é vendido para o site, entra no blog Diário da Foto como entra em outros blogs possíveis. Ele não está ali para aquele blog. Existem blogs que tem ali um anúncio seu, o nosso não é específico.

**Beatriz: Em relação ao impresso Diário Gaúcho, o blog sempre vai esperar o material ser dado no impresso primeiro, correto?**

**Feltes:** Sim, essa é a nossa orientação. E o que acontece, a gente nunca conseguiu fazer um material... que até, assim, a gente tem metas internas que são metas não de grana, metas de cada um, da equipe. E a gente tenta colocar, várias vezes eu coloquei para a nossa equipe, criar tantas histórias, tantos ensaios fotográficos, ou um ensaio por trimestre, cada um, para publicar no blog. E muitas vezes a gente não consegue cumprir a meta, o que é triste de certa forma. Mas pelo volume de coisas que se tem, e talvez, uma coisa que eu sempre sou cobrado muito, talvez, por alguma falta de organização. Talvez eu tenha que em algum momento chegar a peitar e dizer “não, hoje não tem Mateus, o Mateus vai fazer uma história para o blog”. Eu não sei o que acontecerá no momento em que eu começar a peitar isso, mas é uma possibilidade. Eu falo isso com o Bach, que é quem me cobra metas. Eu disse para ele, olha, a gente não fez ensaio porque a gente tinha um volume de pautas enorme, ou era fazer as pautas, ou fazer... e ele diz “problema é teu”. Talvez em algum momento, eu vá ter que dar essa dianteira e possibilitar que a gente consiga fazer um material muito específico, que seria o grande barato do blog.

**Mateus:** Como espaço para uma narrativa, ele é muito interessante...

**Beatriz:** Já pensou, “olha, hoje eu estou indo cobrir para o blog”. Lembro agora de uma pauta que o Júlio Cordeiro foi fazer, ele estava lá na beira do Guaíba, e enquanto esperava a pauta agendada, aproveitou a luz que estava lá...e fez uma narrativa para o blog.

**Mateus:** A gente teve um caso parecido aqui, que até era um tempo que a gente estava discutindo se ia manter ou não o blog, e tal, aí o Feltes estava vindo para cá, tinha dado um temporal, e já estava há um tempo sem atualização. E aí ele fez umas fotos com Iphone mesmo, de guarda-chuvas que tinham sido destruídos...

**Beatriz:** Eu vi aquele material...

**Feltes:** É, aquilo acabou saindo no blog...

**Beatriz:** Este material inspirou um projeto de um aluno do curso de Fotografia (Unisinos).

**Mateus:** Foi até meio despretensioso assim, aí ele mandou para cá, lembro que eu estava aqui ainda, a gente recebeu, foto da chuva e tal, aí olhou, “tá, mas, vamos botar no blog”. E tinha uma sequência ali, e aí a Lisi que trabalhava no online, escreveu um texto ali, mandou pra gente, aí a gente subiu, e bah, começou a bombar muito nas redes, deu um pico de audiência que a gente não tinha tido no mês assim. O gráfico foi lá pra cima, acho que chegou a mais de mil visualizações...

**Feltes:** Isso é uma outra coisa. A gente, por não ter uma regularidade, a gente não tem uma audiência...

**Beatriz:** Fixa e fiel...

**Feltes:** Realmente, a regularidade é capenga... A gente não conseguiu formatar isso, assim... Então, em alguns momentos, a gente consegue uma audiência muito boa, com algumas coisas. Esse foi um, teve outros. Tem coisas que geram... algumas até extra fotos... Eu lembro de uma que bombou, que era com uma atriz... Da Cyntia (Vanzella), ela fez um ensaio legal com a Ingrid Liberato, e acho que bombou pela atriz. Mas enfim, ela fez um ensaio bacana durante uma produção para uma matéria pro jornal e a gente publicou essas fotos todas em forma de narrativa, dentro do blog, e bombou também. Pela atriz, essas coisas geram audiência. Então, tu vê que tem picos de audiência muito específicos, que vai desde uma atriz a um ensaio completamente despretensioso de guarda-chuvas no chão, quebrados.

**Mateus:** E que talvez, sei lá, ele não seria tão facilmente consumido num impresso.

**Feltes:** E inclusive a gente discutiu. Tinha toda uma discussão se a gente usaria ou não usaria esse material no jornal, na capa. Porque, um, já estava gerando um movimento na internet, tinha um pico de audiência, foi para a capa do Clic, acabou indo para o site da Zero Hora, foi para o nosso site também, fora o blog. E a gente começou a discutir, vale ou não vale, vale ou não vale, e acabou, em uma decisão assim do colegiado, ele entrou dentro do jornal, mas não entrou na capa. Aí até o Bach me chamou depois, tinha uma parte que defendia, eu defendia, mas qual a importância disso? Lembro que, também, quase foi para a contracapa da Zero, que era a contracapa fotográfica, chegaram a desenhar, mas sabe que as contracapas da Zero Hora são vendidas, tem anúncios em muitas delas, produz ensaio e às vezes cai fora, porque naquele dia teve anúncio. Eles desenharam... Para quem vê, porque alguém veio e me trouxe a

página, olha a contracapa da Zero, diagramada, pronta. Mas tudo bem. É do jogo. A gente começou a discutir aqui e acabou indo na linha de que talvez não fosse um assunto tão nosso, esse grafismo, que talvez o Diário em vez de colocar guarda-chuvas quebrados no chão tivesse que ter feito uma pauta lá na vila, com problema... Mas indo nessa abordagem, que a gente deveria, talvez, pelo tipo de reportagem que a gente faz, não ter ido tanto pela questão estética, que tinha ali... total estética...

**Beatriz:** Não tem espaço para algo mais da ordem estética...

**Feltes:** É, a estética pura, não tem mesmo... Não é que tu não possas ter fotos bonitas, pode. Mas a estética, pela estética, e eu posso dizer, porque eu fico bem tranquilo, porque era meu, eu fiz passeando, porque vi um monte de guarda-chuvas quebrados no chão, sei que talvez para o Diário aqui talvez não fosse o mais importante, o mais importante foi o que entrou, que era uma matéria lá, que o vento derrubou a casa. Eu concordei, na hora, na reunião. Para a cara do jornal, fosse o mais importante. Inclusive achava que para a contracapa da Zero Hora ele valia...

**Mateus:** Pode-se questionar, que não é só estético né... pode ser estético com informação.

**Feltes:** Pode ter informação, essa era a nossa discussão. A gente tinha aqui uma pauta com problemas causados por uma puta ventania, fotos boas e tudo, e tinha uma percepção real de que muitos guarda-chuvas ficaram quebrados pelo caminho porque tinha muito vento. Tinham coisas diferentes e eu concordei que o público do jornal talvez entendesse, mas talvez fosse mais importante. A edição é isso, é a escolha. Tem isso, isso e isso. Não dá. Tu tens que colocar alguma coisa.

**Mateus:** Tu tens o fato ali de que prejudicou, deixou gente sem teto...

**Feltes:** E depois disso, o Bach, que estava na reunião e deu a opinião dele, mas a discussão estava mais entre eu e o Claiton, que me cobrou, ele achou que eu deveria ter sido mais veemente na minha defesa dos guarda-chuvas. Tanto que logo depois, claro que dentro de um outro contexto também, o Estadão, que tinha lá no jornal de domingo uma coluna onde eles publicavam pessoas destaques no Instagram, a Mônica Maia, que é a editora, me chamou para fazer alguma coisa, eu ofereci vários ensaios para ela, e o ensaio que ela mais gostou e escolheu foi o dos guarda-chuvas e acabou indo para o Estadão. E o Bach me chamou, “está no Estadão o que a gente não publicou”. A gente publicou no blog, ela viu através do blog também, furamos o Estadão. Então, tem um pouco disso. Só ratifica que o fato de que o blog é um canal para isso, também. Para um material que talvez... eu ainda acho que havia razão ali de não publicar... Apesar de que teria gostado muito que aquele material meu fosse para capa, mas ele foi para o blog e através do blog ele ganhou seu mundinho lá, teve sua vida graças ao blog, na verdade. Foi, na verdade, eu mandei nem sugerindo para o blog. Acho que foi tu [Mateus], alguém que disse vamos colocar no blog. Porque eu estava na rua ainda, nem tinha chegado aqui. Fotografei e mandei via e-mail para eles.

**Mateus:** a partir do momento que a gente viu que tinha uma sequência, a gente pensou em botar no blog.

**Feltes:** Então o blog, certamente, ele pode ser este canal, de a gente colocar um material que é diferente do papel, que é exclusivo em relação ao papel, que talvez não caiba no papel, no projeto editorial, mas que pode ter sua vida. No dia, no nosso site, foi o troço lá mais visto, badalado, falado. Óbvio que lá nos comentários, tinha “pô, a cidade está destruída e vocês

ficarem batendo foto...”, que é uma visão de mundo. Até isso é rico, essa diversidade de opinião e tal. E tu também começa a mostrar que, de certa forma, o Diário pode não ser só aquilo. Que talvez tenha sido a grande perda que a gente teve naquele dia, a grande perda naquele momento de não colocar esse material em detrimento de um material mais jornalístico. A gente acabou optando. Então, o blog serve um pouco para isso também. Poderia servir mais para isso. E o grande barato seria a gente conseguir realmente produzir material específico para ele. Esse não foi feito pensando no blog, mas acabou sendo específico para o blog. Tem isso, é legal, o que vamos fazer? Usar no blog. Foi uma sacada dos guris.

**Beatriz:** **É, interessa muito essa coisa, a grande maioria é em função de que as equipes estão na rua, e estão produzindo para a convergência, falando em impresso num primeiro momento, e aí o que sobra, com todo o respeito, o material bom, o material melhor, a sobra é o que tem de melhor para ti contares, muitas vezes. E aí além disso, daqui a pouco, tendo o blog mais ativo, seja um estímulo para a galera despertar um pouco mais e até desacomodar às vezes, absolutamente chamando ninguém de acomodado, mas a gente sabe que a engrenagem acaba meio que fazendo tu... daqui a pouco, se tu vê a possibilidade de, tipo, essa contracapa aí, com aquele ensaio, que é legal, no caso da Zero, tendo os blogs, daqui a pouco lembrar..., não estou aqui para fazer isso, mas isso aqui pode render um ensaio para o blog...**

**Feltes:** Eu acho até que não é questão de ser um material maior, menor, sobra. Na verdade é um material que é uma outra leitura. É um outro pensamento, deslocado do jornal. É legal isso, de ter essa possibilidade.

**Mateus:** Normalmente, a gente acaba, pelo menos quando eu vou fazer uma postagem, eu penso muito mais na criação de uma narrativa visual. Raramente a gente publica uma foto, um conjunto pequeno de imagens. A gente sempre prioriza quando tem imagens que, ou que não sejam redundantes, ou que consigam contar uma historinha em si só, assim. A gente tenta valorizar isso. E que às vezes no jornal, por questão de espaço, por questão editorial, acaba sendo um pouco prejudicado.

**Beatriz:** **É, aquela situação do espaço, no impresso, que é uma foto, ou uma para capa e uma interna, no máximo duas internas, e no blog tu poderes ter mais fluência para contar com fotos...**

**Mateus:** E aí eu acho que tem a ver com o que tu falou antes, da Realidade, dessas revistas que usavam essa reportagem fotográfica, de certa forma a gente está, é uma maneira de voltar para isso...

**Beatriz:** **É, no ambiente digital, porque no ambiente impresso, tomara que surjam revistas que banquem, são projetos caros.**

**Feltes:** Eu sinceramente não vejo muito, não vejo muito futuro, não sou otimista, com relação a essas possibilidades, de voltar em algum momento a termos isso no papel. A não ser esporadicamente. Hoje em dia, tu vê que a Época colocou alguma coisa, até de vez em quando, a Veja...

**Mateus:** Principalmente essas revistas assim, tem umas revistas gringas ou então essas digitais agora que, sei lá, tu manténs, de certa forma, uma aparência de revista impressa...

**Feltes:** Eu percebo uma certa fragilidade, não é uma coisa constante, com um projeto. É uma coisa que eles conseguiram fazer naquele momento ali, me parece, eu olho, assim, “ah, conseguiu colocar esse troço aqui”. Nós desviamos de novo...

**Beatriz:** **Estou achando bem importante isso tudo. A idéia é que, está escrito aqui, “pauta prévia para entrevista”, isso aqui passou pelo crivo do meu orientador lá, é mais para eu não desviar. Porque o que a gente puder enriquecer no meio, é lucro né.**

**Feltes:** Tu tens alguns blogs assim, mesmo que não seja da tua pesquisa, que tu achas que está fazendo legal hoje, assim?

**Beatriz:** **Eu gosto muito do entrelinhas, eu gosto demais...**

**Feltes:** É uma outra linha...

**Beatriz:** **É uma outra linha, tem muito texto...**

**Feltes:** Tem bastante texto, não é de escoar histórias, não é para isso, é ter conteúdo... o que eu acho bom também...

**Beatriz:** **Eu, na verdade, gostaria que todos os veículos tivessem um blog fotográfico, assim como vocês tem aqui. Assim como a Zero tem, o Diário tem, por mais que esteja nesta situação aí de “tem mais isso para fazer”. A gente sabe o quanto é oneroso, ter mais... mas como a gente estava falando, é o lugar em que se pode publicar o material e não ter custos, não ser onerado por custos. Porque qualquer possibilidade de tu fazeres um fotolivro hoje, tu tens que desembolsar uma grana, então eu enxergo como um bom lugar, que eu penso que as empresas deveriam investir, deveriam apostar, para criar cultura. Não que ele fosse levado a reboque, mas que se desse o tempo dele para criar cultura, para que ela pudesse acontecer. E de um jeito que, daqui a pouco, pudesse dispor de uma pessoa que fosse pensar nisso. Pode ser que eu esteja sendo super ingênua né...**

**Feltes:** Eu não vejo muita possibilidade disso, dentro de um prazo, mas seria legal... Uma coisa que, e eu brigo um pouco assim, tu sabes que, obviamente, como tudo, é uma questão de mercado, é uma questão de grana, e a gente tem um debate interno enorme assim, o site do Diário, ao mesmo tempo em que ele, como eu te disse, estava ainda meio a reboque do papel, o papel ainda é o produto principal, e ele é uma coisa que vai lá, vai se mantendo, vai se alimentando, vai fomentando, para no futuro ele começar a voar mais alto e tal, ao mesmo tempo ele tem, os dois blogs, e aqui vou falar em números e não em conteúdo, os dois blogs com maior audiência da RBS, que é um blog de novelas, e o Holofote que é um blog de fofoca, como todos os jornais tem. Mas, dentro da RBS, os dois blogs de maior audiência, em termos de cliques, são esses dois, são do Diário Gaúcho. Então, tu vês que é uma coisa estranha né, ao mesmo tempo que a gente não está lá, não nos cobram isso, a gente tem os dois blogs... E aí toda uma discussão que tem às vezes sobre blogs, sobre conteúdo na internet, acaba indo muito nessa linha do número de cliques, da audiência, que é uma coisa que eu brigo muito. Eu sei que tem que ter audiência. A gente briga pela audiência, briga para

ser vendido, a revista briga para ser vendida, tu queres que a tua pesquisa seja lida... óbvio né. É isso, tem uma briga, que a gente também, eu, talvez, em algum momento vá ter que entrar para essa briga, no posicionamento do blog. Quando começam as discussões sobre blog, falam do blog tal, blog tal, são sempre os blogs tops de audiência. Qualquer blog de fotografia, por mais audiência que tem, é uma audiência de nicho, de gente que gosta de fotografia. É de nicho, de um mercado específico.

**Beatriz: Vocês cuidam disso, dos números?**

**Feltes:** A gente recebe os números... A gente não estava atualizando, saia lá, e a gente ficava lá embaixo. Mas a empresa, o Diário, passa para todo mundo, não sei a periodicidade, até tem dado diariamente os assuntos mais clicados. Não é muito fácil verificar números, quem está acessando o quê. Então eles sempre colocam, primeiro lugar blog Holofote, com 400 milhões... Está lá embaixo o blog da foto, com 2 mil. Eu entendo eles, quando a gente vai para discussão. Tu olhas lá, 400 mil e 2 mil. Beleza. Só que um é blog de fofoca, de novela, e o outro é um blog de nicho. É um blog de pessoas que gostam de fotografia, que tem interesse por fotografia, ou que vão aí por interesse... Talvez, a gente tenha que, não acho que seja isso, o fato de talvez pensar coisas, não é nem se pautar pela audiência, mas talvez pensar em coisas, que além do nosso prazer em fazer coisas legais, essas coisas sejam coisas de interesse além fotografia. Mas não gosto disso, para mim é a fotografia em si. Mas talvez, a atriz que eu citei antes, eram boas fotos, bons retratos, ela fazendo caretas, uma maluquice bacana feita ali. A audiência que aquilo teve era uma audiência além fotografia, era uma audiência específica, de fãs. Não digo que a gente deva fazer fotos.... Mas também não sei em que momento a gente talvez não possa chamar o público além nicho para a gente. Estou raciocinando neste momento sobre isso. Talvez uma forma seja de vez em quando a gente também ter boas pautas fotográficas que tenham um chamamento para o público que seja além da nossa fotografia em si. Não saberia te dizer o quê agora. Neste momento me ocorre. Por briga de espaço, porque também tem briga de espaço, obviamente. Se o Holofote vai brigar para ter mais uma pessoa aí, eu vou brigar para ter mais uma pessoa. Neste momento, quem vai levar é o Holofote. É meio natural isso. Então, a questão da audiência também é uma coisa que pesa, nos blogs, no poder interno dentro da estrutura toda.

**Beatriz: No blog, sabemos, quem acessa é quem curte fotografia, quem já conhece. E isso cria um público, uma relação de público mesmo da fotografia, então se tem um pouco mais claro quem é este público do blog, até mesmo em relação a quem é o público do jornal, do impresso. Percebo que num jornal como o Diário Gaúcho<sup>69</sup>, os jornalistas e fotógrafos tem mais definido, ou sabem um pouco mais do seu público. Diferentemente dos demais jornais ditos de referência, a gente sabe quem é o público do DG, do impresso, porque se vai para a rua, se sabe quem entrevista, quem lê... tu andas de trem, de metrô, tu vês as pessoas com o jornal, então tu sabes quem é o público. Mas tu não consegue acessar esse público. A minha pergunta é: a gente consegue acessar o público do blog de uma forma mais, digamos assim, de entender quem é ele...?**

---

<sup>69</sup> Tive oportunidade de trabalhar free lance para o Diário Gaúcho durante o ano de 2005, então como repórter-fotográfica, cinco anos depois da implantação do DG, na época o blog ainda não havia sido fundado.

**Feltes:** A gente poderia conseguir isso, talvez. Até porque, exatamente, ele é um público, que eu acho que ele é muito parecido sempre, muito igual. Tu sabes que vai ser outros fotógrafos, gente que está aqui, aluno que estuda fotografia, que é gente ligada a jornalismo, que é um cara lá perdido que gosta de fotografia, e encontrou o blog. Acho que a gente não se relaciona, me parece, com esse público, do jeito que talvez a gente pudesse se relacionar.

**Beatriz: E os comentários não são muitos né?**

**Feltes:** Os comentários não são muitos...

**Mateus:** Até acho que as três, duas últimas postagens, até surpreendeu, porque cada uma teve um ou dois comentários. Porque normalmente o pessoal não comenta. E aí, porque eu acho que a gente fez um esforço conjunto com o pessoal do site, eles também divulgaram, fizeram uma chamada na capa do site. Tentou integrar um pouco. Divulgavam no facebook do Diário. E aí talvez trouxe um pouco mais o público.

**Feltes:** É, estava falando antes em estratégias, talvez essas estratégias sejam melhores do que pensar na pauta. Que são estratégias de pegar pessoas, usar o facebook, usar o twitter, o próprio site. Isso dá muita entrada. Às vezes o Clic gosta, e vai pro Clic, tudo que entra no Clic tem audiências estratosféricas, maiores do que a entrada na Zero Hora. As pessoas entram mais no Clic do que na Zero Hora e no Diário Gaúcho. O que está na capa do Clic sempre tem muito acesso. O que talvez dê para fazer, não sei se dá para colocar uma ferramenta específica de análise do blog, que a gente tem uma ferramenta que examina todos os blogs, todos os sites, a todo instante, se dá para fazer alguma ferramenta específica no blog, eu tenho no meu site. Porque tu também vês assim o seguinte, que é uma coisa interessante pensar assim, tu tens tantas entradas, tantas pessoas entraram, muitas pessoas olharam só aquela postagem, por exemplo, outras já começaram a entrar mais profundamente, viram uma segunda página, uma terceira página. Muitas pessoas, tem aquela taxa de retorno que eles falam, o Google mostra isso. Tantas pessoas já visitaram teu site e voltaram a visitar, tantas são novas, tantas olharam uma vez e nunca mais voltaram. São análises que tu podes fazer, frias, porque eu não sei se é...., mas uma pessoa lá em São Leopoldo, entrou aí e gostou, e no outro dia parece ter entrado de novo. Ou parece fazer parte daquele montante de gente que vem entrando regularmente. Tu consegues fazer esta análise numérica, mas mais do que isso eu não consigo ver como a gente consiga interagir com esse público. A não ser que eles façam comentários efetivos, assinando, façam uma coisa meio facebook. O que é a riqueza do facebook? O que ele ganha? É que eu boto um negócio, tu comenta, é muito vivo isso. O blog é mais frio, a ferramenta é mais fria, ela não possibilita essa interação. Acho que isso também faria um caldo, para a coisa crescer. Mas tu podes utilizar, a gente utiliza às vezes, o facebook, o twitter, o veículo, para bombar, para fazer aquilo dar uma mexida. E dar um caldo. Mas o mais importante seria conseguir formar um público de fato, um público que estivesse ali, que gostasse, que sentisse falta. Porque tem alguns blogs, umas coisas, que a gente sente falta, eu sinto falta. Eu gosto muito do “7”, das gurias lá de Recife. É muito legal, assim, tem muita qualidade ali nas coisas que as meninas colocam.

**Beatriz:** Tem alguma ferramenta no blog do Diário que avise o leitor que tem postagem nova? Como por exemplo, o Focoblog eu cadastrei meu e-mail e recebo aviso sempre que há um novo post...isso fideliza.

**Feltes:** Boa pergunta. Eu acho ferramenta básica é tudo igual, imagino que se a Zero consegue nós conseguimos também. É só uma questão de padronização, de mexer. Realmente é uma boa dica. Acho que se não tem, vamos ter. Estaremos providenciando.

**Beatriz:** Quero falar um poço sobre o olhar do editor no material da pauta... Há a foto única, aquela foto do ápice do acontecimento, do evento, a foto para o impresso, mas que depois entra ta,bem no blog, porque a postagem é posterior... mas e a pegada do editor para saber daquela narrativa que o Vaz (Luiz Armando) traz da rua, por exemplo. O que vale entrar? É um olhar um pouco diferente, né?

**Feltes:** Acho que pode ser uma pegada um pouco diferente, possibilita ser uma pegada diferente. Eu acho que a gente tem, principalmente pro Diário, que centra muito essas histórias em personagens, retratos, e problemas, enfim, tu teres um material diferenciado... Normalmente quando vem esse material, quando alguém sugere, já vem um material diferenciado. Já é um material que já vem olhado de outra forma, e muitas vezes ele já vem pré-editado de uma outra forma, assim. Pensando em uma coisa talvez com mais estética, é aquilo do guarda-chuva, é exatamente um pouco daquela discussão, um guarda-chuva que não cabe ou que cabe de uma certa forma no jornal, mas que talvez não caiba em detrimento a uma notícia. Ali cabe, cabe uma poesia maior, cabe uma estética maior, cabe um aprofundamento ou uma leitura muito específica que aquele fotógrafo conseguiu fazer e eu acho que depende muito também do que o cara traz para ti. “Vou fazer pauta tal, mas estava rolando isso aqui também”. Normalmente, quando vem, já vem com um outro olho ali, né Mateus? Quando tu vais, tu também tem um outro olhar. Tu tentas, digamos, vamos fazer duas possibilidades. O Mateus veio da rua, foi fazer uma pauta “x”, e eu digo para ele “Mateus, esse material me parece que...” ou o Mateus diz para alguém “Esse material acho que deve ter alguma coisa que possa ir para o blog”. “Vamos ver”. Então, tu tentas identificar ali coisas que talvez não sirvam para o jornal, como notícia pura, mas que juntas possam contar uma historinha que sirva para o blog. Acho que sempre tem essa procura, esse olhar assim. Ou, acontece mais, eu acho, o Mateus veio da rua e diz “estava lá fazendo tal coisa, mas vi isso aqui também” e tem ali uma outra história. Já vem muito, muitas vezes do fotógrafo, um jeito um pouco diferente. É tipo aquilo assim, eu acho que isso aqui não vai ir pro jornal, mas achei legal e agente pode publicar no blog. Já é muito da percepção da equipe, de que tem algumas coisas que não cabem no escopo do jornal, mas cabem no escopo do blog. Cabem num outro ambiente, assim. Justamente isso que tu colocou na tua pesquisa, que realmente ele serve para escoamento, uma tentativa de escoar, não como resto, não como sobra, mas “tem isso”.

**Beatriz:** Como protagonismo da imagem né?

**Feltes:** É, a imagem talvez por si só, não precisa uma... A gente não tem ali agora nenhum grande autor de texto entre os fotógrafos, gente que gosta de escrever. A Cyntia (Vanzella) eu acho que ela é uma pessoa que gostava de contar a história, a escrita em paralelo. Agora não, todo mundo mais fotógrafo, escreve seus textos. Mas o texto é sempre meio subordinado à

história, o ensaio. Acho que depende um pouco da personalidade da equipe. A gente tem uma equipe pequena, reduzida, e então depende muito do estágio das pessoas. O Marengo (Daniel, fotógrafo da Folha de São Paulo, gaúcho que iniciou carreira no DG) era um cara que gostava de escrever algumas coisas, não era dele, assíduo, todo dia, mas ele, de vez em quando ele tinha uma coisa que gostava de escrever um troço. Então, normalmente tem um escoamento de imagem, de vontade de contar uma história visual e ver que essa história cabe naquele espaço específico. O que às vezes mais me deixa, não incomodado, porque não me sinto no direito de fazer nenhuma cobrança de alimentar o blog, porque já dou para eles um monte de coisas para fazer, mas muitas vezes eu fico olhando, fico espantando que alguns não queiram, não é que não queiram, mas não ofereçam, não se interessem.

**Beatriz: Repórter-fotográfico vai para a rua hoje e que tem que estar mandando a imagem para logo alimentar o online, acaba virando editor, acaba desenvolvendo uma expertise de se ligar, diferente de quando vínhamos da rua e o material ia para a mão do editor...**

**Feltes:** O papel do editor hoje mudou muito. Talvez seja hoje um papel de alguém que na editoria proponha algumas coisas, proponha reflexões, faça críticas e tente conduzir a equipe a atingir determinados objetivos, do que alguém, que seja o cara que escolha as imagens, ele escolhe as imagens, mas lá pro final. Porque vai para as páginas, porque vai para a capa. O fechamento ainda está na mão do editor. Mas aquele processo inicial, que a gente ia lá, e o editor olhava o filme, e a gente ia junto, olhar as chapas que entrariam ou não, é um processo que hoje é feito pelo fotógrafo. Em qualquer lugar. E talvez em equipes, ou que o editor seja muito presente, ou que ele estabeleça parcerias, ele olhe junto com o fotógrafo. E eu noto que no dia a dia, pelo menos na equipe ali, na maioria das vezes, nas coisas, comuns, se eles fazem alguma coisa que eles acham, que eles gostam, que eles acham que é importante, eles me chamam quando chegam. Que eles querem mostrar, que eles querem que eu veja.

**Beatriz: E tem também a história de que cada autor fica muito sentimental em relação à pauta, muitas vezes apegado, cria laços afetivos, porque, enfim, é sentimento, são trocas que tu tens lá na ambiência da pauta. E aí tu precisas daquele olhar estrangeiro de alguém que tu confias. Esse olhar externo, do editor mesmo...**

**Feltes:** É bom fazer isso. É legal isso, é isso mesmo, é uma pessoa que está completamente fora...

**Beatriz: É, isenta emocionalmente.**

**Feltes:** Totalmente. A gente fez uma edição essa semana aqui, que era para uma exposição. E eu fui nas fotos que eu gostava, que achava que contavam uma história. E eu percebi em alguns momentos que “essa aqui não”. Tudo bem, estou dizendo o que eu acho. Tu podes chegar depois e dizer não, não quero nada disso, pelas minhas razões emocionais. Então, tem essa diferenciação. Muitas vezes o fotógrafo te chama por isso. É importante tu ouvir o outro.

**Beatriz: E se balizar...**

**Feltes:** E se balizar, e saber que também aquele cara ali vai ser o cara que daqui a pouco vai poder brigar por ti. Eu não tenho nenhum escrúpulo de olhar um material muito legal e dizer

“tá, e para ti qual é a foto da capa?”. Se eu olho, acho que o material tem muita coisa boa e tal, é isso, se olho e vejo que o material é mais ou menos, tem uma foto ali, eu vou defender. Essa foto aqui nós vamos ter que defender. Mas se tem um material muito legal, não tenho nenhum problema de dizer. E o Mateus vai defender o negócio dele. Nessa conversa posso concordar com ele. Posso dizer que não. Ou ele me convence, ou eu convenço ele, nessa conversa. E muitas vezes, eu vou comprar essa história dele e vou brigar por essa história dele lá na finaleira. Acho que a foto de capa é essa, por isso e por aquilo. O Mateus me contou essa história, tem uma leitura aqui. É legal que a gente esteja isento para analisar, mas é legal que eles nos tragam essa emoção junto, que a gente está olhando esteticamente, uma informação, nos tragam outras informações que vão contribuir para essa edição. Acho hoje muito mais rico o processo de edição, na verdade. Eu acho que os editores que não gostam disso, estão perdendo uma puta experiência. Ninguém está tirando a tua autoridade. Eu estou editor neste momento. Minha origem é a fotografia. Se amanhã de manhã os caras me disserem “tu não estás mais”, eu sigo fotografando e vou precisar de pessoas para me ajudarem no meu material. Eu sempre estou. Então esse processo que o digital proporcionou, para mim é muito rico. Permite que o cara se coloque mais, mostre mais o material que ele fez. Se posicione sobre aquele material, que a gente tenha mais linhas para defender esse material, mais argumentos para defender esse material. E muitas vezes vai ser o que vai definir assim, vai me dizer “olha, a foto é isso por causa disso”. Beleza, vou lá brigar. Daí tem uma segunda briga, que daí é a equação imagem e texto, imagem e arte, imagem e projeto gráfico. É outra briga posterior, no papel. E até nisso o blog, o digital acaba ganhando, porque não tem essa briga. Tu colocas, em termos de espaço, tudo que tu queres. Tu constróis a tua história e coloca lá dentro. No papel, não. Nós vamos escolher três fotos, e eu vou lá brigar. Vai disputar espaço com outras matérias. Disputar espaço com anúncios, com a vontade do editor. Enfim, é uma construção. As pessoas acham que é uma coisa que alguém senta lá e decide. É um processo coletivo. É um processo de construção. E para a fotografia, o digital trouxe isso, de uma forma bem, não digo que antes não houvesse conversa, mas tu olhavas folha de contato. Tinha toda uma discussão lá, a escolha ali. Meio parecido, assim. Mas me parece que se criou um clima mais democrático, do fotógrafo chegar, descarregar seu material. Já vem editado quando o cara começa a deletar as fotos dele no cartão. É mais autônomo. Então, o cara só vai trazer para mim o que ele quer. Já tem uma edição.

**Beatriz:** Uma outra coisa também que nós estávamos falando hoje sobre direito autoral na aula, discutindo a lei lá de 1998, que vige, por incrível que pareça, do FHC, e aí a gente, com o digital hoje, não tem mais aquela coisa dos teus negativos ficarem com o jornal, tu guardas teu arquivo para ti. Quanto negativo se perdeu né...

**Feltes:** A gente estava fazendo uma entrevista com o Kadão (Ricardo Chaves), e ele falava bastante nisso, ele fez uma exposição com uma retrospectiva de 30 anos de carreira. Ele teve que ir atrás de muito material que ele não tinha, teve que ir para São Paulo, na Abril, na IstoÉ, que ele tralhou um grande tempo, e parte desse material dos negativos, em algum momento alguém botou fora. Então muito material dele foi-se. Por uma coerência, por questão ética profissional, deixava aqueles negativos lá, que eram da empresa. Não pegava seu negativo e tal.

**Beatriz:** Ele teria cuidado melhor do que ninguém...

**Feltes:** Tem essa facilidade com o digital hoje. Tu fazes uma cópia. É teu, tu podes levar para o teu HD.

**Beatriz:** Vocês acham que eu não perguntei alguma coisa? (revê alguns pontos abordados). A riqueza de uma história narrada por seis, oito, dez, às vezes 20, 22 fotos, em alguns casos eventuais, a riqueza dessa sequência em relação ao jeito estreito que a gente vinha tocando o jornalismo, que é a foto bressoniana, do momento decisivo. Ela larga a possibilidade de contar a história, de contar o fato pela imagem. Não que o texto não seja necessário. A gente sabe, não pode ser ingênuo, principalmente no jornalismo, o texto é fundamental para contextualizar.

**Feltes:** Não é o texto versus a foto, não é a foto contra o texto. É o acréscimo. É que na verdade, no jornal, pelo menos o jornal como a gente conhece historicamente, o texto sempre teve uma prioridade, esteve por cima, digamos, da fotografia. Tinha um contexto maior do que a foto, era mais importante. Teve mais respeito no início. Hoje, com esses espaços online, tu consegues, trazer para a foto.

**Mateus:** O que me interessa dentro dessa possibilidade de ordenar de certa forma as imagens, é a criação do sentido. Dentro de um ensaio visual, é claro, é muito mais aberto, do que um texto, a compreensão. Ela pode ser de “n” maneiras diferentes que o texto, enfim, tu vai entender, deveria entender da mesma maneira. Mas acho que essa possibilidade narrativa, daqui a pouco colocar, ordenar as fotos, aquelas dez fotos, numa sequência, e contar a história de um jeito, se elas estiveram numa outra sequência, elas podem ser entendidas de um outro jeito. Acho que isso me motiva muito mais, assim, de criar quase que uma coisa lúdica assim. E que ela sendo coletiva, se torna mais interessante, eu acho. E aí às vezes a gente tenta trocar uma ideia do que funciona, se funciona, daquele jeito. Às vezes, eu olhando, eu acho que é. Aí a gente mostra ali e não funciona. Às vezes é um conjunto de fotos, sei lá, tem 9, 8 fotos, e aí tu acha que tem alguma coisa sobrando. Tira essa. E aí o negócio cresce, e fica legal, e fica com a cara mais de ensaio mesmo. Essas coisas assim, de trocar essa ideia, essa informação sobre as imagens como um conjunto narrativo acho que são bacanas assim nesse processo do blog, também. De ver como conjunto, da possibilidade de daqui a pouco criar um sentido diferente para aquela história, ou conseguir passar o sentido que ela tinha com o texto também. E daqui a pouco o sentido do texto também está ali né. Para ele fechar um pouco mais o que a gente quer dizer com aquela sequência.

**Feltes:** Fiquei pensando aqui, com relação ao impresso, não é só uma questão de espaço que se dá para a fotografia, mas de possibilidade de outra leitura também. Porque, digamos, mesmo que o jornal abra quatro, três páginas para tu dares dez fotos. Fez um ensaio x, dez fotos, que tem uma matéria, e o jornal dê três páginas e dê essas dez fotos. Ainda assim, mesmo que a gente trabalhe em conjunto, muitas vezes eu trabalho e o fotógrafo trabalha, em especiais, o fotógrafo trabalha muito junto, dizendo acho que esta foto aqui pode abrir, essa foto aqui pode ser da segunda página, vamos botar essa grande, essa pequena, enfim, construir isso, mesmo quando tem essa construção, ela vai ser uma construção muito em função dos outros elementos. Texto, arte, espaço “x”. E no blog, que não é só a questão do espaço que a gente estava falando antes, de ter mais espaço para publicar fotos, tu tens a possibilidade de traçar uma história simplesmente com as tuas fotos, ou talvez com um textinho introdutório,

tu podes construir uma outra história completamente livre daqueles outros elementos que necessariamente compõem o jornal. O blog te possibilita isso, uma outra leitura. Na matéria, mesmo que tu tenhas o mesmo número de fotos que tu estás colocando no blog, ela sempre vai estar em conjunto, isso é rico, é legal, é bacana, com um monte de outros elementos, com o trabalho do diagramador, com o do autor do texto, com o editor de arte, o fotógrafo. Talvez o blog seja mais simples, mas estabeleça ali uma outra leitura possível. Que também é um exercício bacana, tu desmembrases aquela história sem dar outros referenciais assim. Sair de um factual, factual, e deixar uma coisa que seja mais duradoura ali. Depende de cada um e de cada blog, mas é uma forma de possibilidades. Fico pensando aqui, o que a gente pode fazer no blog.

**Beatriz: Lembro que me apropriei de uma narrativa em preto e branco do Vaz (Luiz Armando) para um artigo e era um factual, a partir de personagens da reportagem, em p&b, uma outra estética,**

**Feltes:** É um lugar rico, para se explorar. E talvez a gente explore mal ainda, a gente explore pouco, possa explorar mais.